



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

Rua Barão de Geremoabo nº 147- CEP:40.179-290 – Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel: (71) 3263-6256 – Site:[http:// www.ppgll.ufba.br](http://www.ppgll.ufba.br) – E-mail: pgletba@ufba.br

ANDREA MAFRA OLIVEIRA DOS SANTOS

**AS “AFRICADAS BAIANAS” EM SERGIPE E ALAGOAS: UM
ESTUDO A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ALiB**

SALVADOR
2012

ANDREA MAFRA OLIVEIRA DOS SANTOS

**AS “AFRICADAS BAIANAS” EM SERGIPE E ALAGOAS: UM
ESTUDO A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ALiB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota

SALVADOR
2012

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Santos, Andréa Mafra Oliveira dos.

As africadas baianas em Sergipe e Alagoas : um estudo a partir dos dados do Projeto ALIB /
Andréa Mafra Oliveira dos Santos. - 2012.

117 f. : il.

Inclui anexos.

Orientadora: Profª. Drª. Jacyra Andrade Mota.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2012.

1. Língua portuguesa - Sergipe - Dialetoлогия. 2. Língua portuguesa - Alagoas - Dialetoлогия.
3. Dialetoлогия - Pesquisa. 4. Sociolinguística - Sergipe. 5. Sociolinguística - Alagoas.
I. Mota, Jacyra Andrade. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 469.798

CDU - 811.134'28

ANDREA MAFRA OLIVEIRA DOS SANTOS

AS “AFRICADAS BAIANAS” EM SERGIPE E ALAGOAS: UM ESTUDO A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ALiB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Jacyra Andrade Mota – UFBA (Orientadora)

Professora Doutora Vanderci de Andrade Aguilera – UEL

Professora Doutora Suzana Alice Marcelino Cardoso – UFBA

Salvador, 10 de maio de 2012

Dedico este trabalho a Henrique, meu filho, o amor da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Várias foram as pessoas que contribuíram para a conclusão deste trabalho e que merecem os meus sinceros agradecimentos:

A Deus, o meu refúgio e a minha fortaleza, que me deu força e capacidade para superar os obstáculos e chegar até essa grande conquista. O meu Deus é o Deus do amor.

À minha mãe, companheira do início ao fim, a minha incentivadora de todos os momentos de cada passo por mim seguido. Dela aprendi muito sobre a vida, inclusive a amar os livros. Companheira, sem a qual nunca poderia vencer os obstáculos e nem aproveitar as felicidades. Esta vitória é nossa, mãe.

Ao meu pai (*in memoriam*), que com a sua pouca escolaridade, me ensinou que conhecimento, educação e dignidade vão muito além dos bancos de uma Universidade.

Ao meu amado esposo, que participa intensamente da minha vida, por todos os bons momentos, alegrias e companheirismo. A você, meu amor, por toda dedicação, por todo amor, pelas viagens que nos fazem tanto bem, pela paciência, pelo suporte emocional e financeiro. Conseguimos!!!!

À minha irmãzinha Lara, meu presente de Deus, por me oferecer a sua valiosa companhia, dando apoio e ajudando de todas as formas possíveis, com carinho, atenção e cuidado. Te amo, minha princesa!!!

À toda a minha família, tios, tias, primos, primas, sogra e cunhadas queria poder ter vocês por perto todos os dias. À minha Vó (*in memoriam*), que me ensinou que “Na batalha da vida, vence quem estuda.” Nos dias de reatamento escrevendo esta dissertação e nos dias de maiores cansaços, senti a sua presença e foi ela que me fez seguir em frente.

Ao meu querido sogro, que se estivesse entre nós, seria um grande incentivador.

De todo coração, agradeço à minha querida orientadora, Jacyra Mota, que, desde o primeiro momento em que me aceitou como orientanda, ainda na Iniciação Científica, traçou para mim os melhores objetivos e fez com que eu os alcançasse, graças a sua competência, ao seu estímulo constante e a sua paciência com as minhas limitações. Foram sete anos de convivência com muita amizade, carinho e compreensão, por isso o meu agradecimento especial.

À minha família do Projeto ALiB, unida pelo sangue da pesquisa e pela forte amizade. Juntos compartilhamos o sentimento de equipe, o apoio e o aprendizado mútuo, a companhia nos Congressos e no dia-a-dia.

À minha Universidade, meu querido Instituto de Letras, que por oito anos, foi minha segunda casa e que me deu o apoio indispensável para a conclusão do meu curso de graduação e agora o curso de Mestrado.

A todos os professores da graduação que provocaram em mim tantos porquês, incentivando meu interesse pela pesquisa, em especial, Marcela Paim e Dante Lucchesi.

À minha amada professora Suzana Cardoso que, através do seu entusiasmo e dedicação, tanto contribuiu para o crescimento de meu interesse pela Dialectologia.

Ao professor Dante Lucchesi pelo apoio, pelos ensinamentos e pelas ricas contribuições apresentadas no exame de qualificação.

À professora Dinah Callou pelas contribuições neste trabalho através da participação no exame de qualificação.

À professora Silvana Ribeiro pela amizade, pelo carinho e pela grande ajuda por ocasião da qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-graduação da UFBA, pelos conhecimentos transmitidos.

Aos amigos da UFBA, em especial, Isamar, Cláudia, Ísis Barros, Fabrício Amorim, Ton Israel, Ana Paula Carneiro e Ronaldo Pelicioli. Na hora do desespero, as palavras de otimismo foram fundamentais.

Aos meus amigos pessoais que não me deixaram sentir sozinha nem por um minuto e deixaram essa jornada mais leve.

À Secretaria do Programa de Pós-graduação da UFBA, pelo apoio concedido sempre.

À CAPES pelo apoio financeiro.

Finalmente, agradeço ao meu filhote Henrique. Obrigada, Riquinho, por trazer alegria e paz à minha vida e também pelo seu carinho e torcida. Desejo-te, meu amor, que seja tão feliz, quanto me faz ser desde o dia em que você nasceu. Esta dissertação é sua!!!

Numa época em que a discriminação em termos de raça, cor; religião ou sexo não é publicamente aceitável, o último baluarte da discriminação social explícita continuará a ser o uso que uma pessoa faz da língua.

(MILROY, James, 1998, p. 64-65 apud BAGNO, Marcos, 2003,p.13)

RESUMO

Esta dissertação investiga as africadas baianas em ocorrências como *dodjo* (= doido), *muntcho* (=muito), etc, a partir da análise de dados do Projeto ALiB, em 02 estados brasileiros: Alagoas e Sergipe. Neste trabalho, com base no aporte teórico-metodológico da Dialectologia e da Sociolinguística Variacionista, investigam-se os fatores geolinguísticos, linguísticos e sociais que definem a escolha do falante. Na constituição do *corpus*, utilizaram-se as respostas aos questionários Fonético-Fonológico, Semântico-Lexical, Morfossintático e Temas para Discurso Semidirigido (cf. Aguilera et al.). Os informantes estão estratificados quanto ao sexo – masculino e feminino —, faixa etária – faixa I (18 a 30 anos) e faixa II (50 a 65 anos), – e escolaridade — fundamental incompleto e universitário —, de acordo com a metodologia do Projeto ALiB. Os dados foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL, em sua versão para Windows, o GOLDVARB. Dentre os resultados obtidos na análise quantitativa, confirma-se a presença da variante palatalizada em todas as cidades estudadas. A variável *faixa etária* mostrou-se um fator importante para explicar o uso das “africadas baianas”, apontando para uma maior frequência e pesos relativos mais elevados, na segunda faixa etária. A variável escolaridade se mostrou relevante, evidenciando uma maior presença em informantes de escolaridade fundamental e uma maior estigmatização da forma estudada na cidade de Aracaju, em relação à Maceió.

Palavras-chave: Dialectologia; Sociolinguística: Português brasileiro; “Africadas Baianas”; Atlas Linguístico do Brasil.

ABSTRACT

This dissertation investigates the “africadas baianas” in event such as *dodjo* (= doído), *muntcho* (=muito), utilizing data from Projeto Atlas Linguístico do Brasil, in 2 Brazilian states: Alagoas and Sergipe. In this work, basing on the dialectology and the Variacionist Sociolinguistic theoretical-methodological model, it looks investigate the conditioning of geolinguistic, linguistic and social factors on the performance of the speaker. In the constitution of the *corpus*, were used the answers from the Phonetic Phonological, Semantic Lexical, Morphosintatic and themes of semi-structured speech (cf. Aguilera et al.). Informants were separated according to the sex — male and female —, age — from 18 to 30 and from 50 to 65 — and schooling — incomplete grammar course and college degree, in keeping with the Project ALiB methodology. The data were submitted to the program VARBRUL, in its version for windows, the GOLDVARB. Of the results obtained in the quantitative analyses, confirms the presence of palatalized variant in all the cities studied. The age group was an important factor to explain the use of “africadas baianas”, pointing to a higher frequency in the secondary school. The variable related to the education level was relevant, revealing a greater stigma in the studied form in Aracaju, in relation to Maceió.

KeyWords: Dialectology; Sociolinguistic; Brazilian Portuguese; “Africadas Baianas”; Linguistic Atlas of Brazil.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	As “africadas baianas” e a faixa etária dos informantes.....	78
Gráfico 2	As “africadas baianas” e a distribuição diassexual e diageracional.....	79
Gráfico 3	As “africadas baianas” nos estados de Sergipe e Alagoas.....	80
Gráfico 4	As “africadas baianas” nos estados de Sergipe e Alagoas e a faixa etária dos informantes.....	82
Gráfico 5	As “africadas baianas” nos estados de Sergipe e Alagoas e o sexo dos informantes.....	83
Gráfico 6	As “africadas baianas” e a escolaridade.....	85
Gráfico 7	As “africadas baianas” no estado de Alagoas.....	86
Gráfico 8	As “africadas baianas” e a faixa etária no estado de Alagoas.....	88
Gráfico 9	As “africadas baianas” e o sexo no estado de Alagoas.....	90
Gráfico 10	As “africadas baianas” no estado de Sergipe.....	91
Gráfico 11	As “africadas baianas” e a faixa etária no estado de Sergipe.....	93
Gráfico 12	As “africadas baianas” e o sexo no estado de Sergipe.....	94
Gráfico 13	As “africadas baianas” e a variável linguística número de sílabas.....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Crítérios para estratificação da amostra.....	63
Quadro 2 -	Distribuição dos informantes de acordo com a localidade, a escolaridade e o gênero.....	72
Quadro 3 -	Ocorrências da africada palatal no vocábulo <i> muito</i> em Aracaju.....	101
Quadro 4 -	Ocorrências da africada palatal no vocábulo <i> muito</i> no interior de Sergipe.....	101
Quadro 5 -	Ocorrências da africada palatal no vocábulo <i> muito</i> em Maceió.....	101
Quadro 6 -	Ocorrências da africada palatal no vocábulo <i> muito</i> no interior de Alagoas.....	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Resultado Geral – Variantes para o /t,d/ depois de semivogal palatal.....	76
Tabela 2	As “africadas baianas” e a faixa etária dos informantes.....	77
Tabela 3	As “africadas baianas” e o sexo dos informantes.....	78
Tabela 4	As “africadas baianas” e a distribuição diasssexual e diageracional.....	79
Tabela 5	Comparação das “africadas baianas” nos estados de Sergipe e Alagoas.....	80
Tabela 6	As “africadas baianas” nos estados de Sergipe e Alagoas e a faixa etária.....	81
Tabela 7	As “africadas baianas” nos estados de Sergipe e Alagoas e o gênero.....	82
Tabela 8	As “africadas baianas” e a escolaridade.....	84
Tabela 9	As “africadas baianas” no estado de Alagoas.....	86
Tabela 10	As “africadas baianas” no estado de Alagoas e a faixa etária.....	87
Tabela 11	As “africadas baianas” no estado de Alagoas e o gênero.....	89
Tabela 12	As “africadas baianas” no estado de Sergipe.....	91
Tabela 13	As “africadas baianas” no estado de Sergipe e a faixa etária.....	92
Tabela 14	As “africadas baianas” no estado de Sergipe e o gênero.....	93
Tabela 15	As “africadas baianas” e o número de sílabas.....	95
Tabela 16	As “africadas baianas” e o cruzamento entre o número de sílabas e a formalidade do discurso.....	96
Tabela 17	As “africadas baianas” e a tonicidade.....	97
Tabela 18	As “africadas baianas” e o tipo de vogal seguinte.....	98
Tabela 19	As “africadas baianas” e o nível de formalidade do discurso.....	99
Tabela 20	As “africadas baianas” e o nível de formalidade do discurso (vocábulo muito...)	100

Tabela 21	As “africadas baianas” e a sonoridade da consoante.....	103
Tabela 22	As “africadas baianas” e o tipo de frase.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIF	Atlas Ítalo-Suíço
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALE	<i>Atlas Linguarum Europae</i>
ALECE	Atlas Linguístico do Ceará
ALERS	Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil
ALF	<i>Atlas Linguistique de La France</i>
ALISPA	Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALMS	Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
ALPb	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPI	Atlas Linguístico da Península Ibérica
ALPr	Atlas Linguístico do Paraná
ALPr II	Atlas Linguístico do Paraná II
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
ALS II	Atlas Linguístico de Sergipe II
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
LANE	<i>Linguistic Atlas of the United States and Canada</i>
QFF	Questionário Fonético- Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico- Lexical
UCLA	Universidade de Califórnia em Los Angeles
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
VARBRUL	Variable Rules (Regras Variáveis)

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	19
1	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	21
1.1	A DIALECTOLOGIA	21
1.1.1	A Dialectologia no Brasil.....	24
1.1.1.1	Os Atlas linguísticos regionais.....	27
1.1.1.2	O Atlas Linguístico do Brasil.....	32
1.2	A LÍNGUA SOB UMA PERSPECTIVA SOCIAL.....	35
1.2.1	A Heterogeneidade Linguística.....	35
1.2.2	A Teoria Variacionista.....	36
1.2.2.1	Mudança Linguística em tempo aparente.....	41
1.2.2.2	Mudança linguística em tempo real.....	42
1.2.2.3	As Variáveis Sociais.....	43
1.2.2.3.1	Faixa Etária.....	44
1.2.2.3.2	Gênero.....	46
1.2.2.3.3	Escolaridade.....	47
1.2.2.4	Os aspectos contextuais.....	48
2	A AFRICATIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS DEPOIS DE SEMIVOGAL PALATAL ALTA NO PORTUGUÊS DO BRASIL	50
2.1	FURLAN (1989).....	50
2.2	HORA (1996;1998).....	51
2.3	MOTA; ROLLEMBERG (1997).....	52
2.4	MOTA (2001;2011).....	54
2.5	SANTOS; MOTA (2008).....	55
2.6	DIAS (2009).....	57
2.7	SÍNTESE SOBRE AS AFRICADAS BAIANAS.....	59
3	METODOLOGIA.....	61
3.1	CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	62
3.2	OS INFORMANTES.....	62
3.3	AS ENTREVISTAS.....	63
3.4	OS QUESTIONÁRIOS UTILIZADOS.....	64
3.5	TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	65

3.6	O TRATAMENTO E A SELEÇÃO DOS EXEMPLOS.....	65
3.7	AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES OU GRUPO DE FATORES.....	66
3.7.1	Variáveis linguísticas.....	67
3.7.1.1	Vozeamento da consoante.....	67
3.7.1.2	Tonicidade.....	67
3.7.1.3	Vogal da sílaba seguinte.....	68
3.7.1.4	Número de sílabas.....	68
3.7.2	Variáveis linguístico-discursivas.....	68
3.7.2.1	Tipo de Frase.....	69
3.7.2.2	Nível de formalidade do discurso.....	70
3.7.3	Variáveis sociolinguísticas.....	70
3.7.3.1	A faixa etária.....	71
3.7.3.2	O sexo.....	71
3.7.3.3	A escolaridade.....	71
3.7.4	Variável geolinguística.....	73
3.8	CODIFICAÇÃO DOS DADOS.....	73
3.9	O PROCESSAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS: O GOLDVARB..	73
4	ANÁLISE DOS DADOS.....	76
4.1	AS “AFRICADAS BAIANAS” - RESULTADOS GERAIS.....	77
4.1.1	As “africadas baianas” – Variáveis sociais.....	77
4.2	AS “AFRICADAS BAIANAS” E O FATOR DIATÓPICO.....	79
4.2.1	Comparação das variáveis nos estados de Sergipe e Alagoas.....	80
4.2.2	As “africadas baianas” analisadas separadamente em Sergipe e em Alagoas.....	85
4.2.2.1	As “africadas baianas” no estado de Alagoas.....	85
4.2.2.2	As “africadas baianas no estado de Sergipe.....	90
4.3	AS “AFRICADAS BAIANAS” – VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.....	94
4.3.1	As “africadas baianas” relacionadas à variável linguística número de sílabas.....	94
4.3.2	As “africadas baianas” relacionadas à variável linguística tonicidade..	97
4.3.3	As “africadas baianas” relacionadas à variável linguística tipo de vogal seguinte.....	98

4.3.4	As “africadas baianas” relacionadas à variável linguístico-discursiva nível de formalidade.....	98
4.4	VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS PELO GOLDVARB COMO ESTATISTICAMENTE RELEVANTES.....	102
4.4.1	As africadas baianas relacionadas à variável linguística sonoridade da consoante.....	102
4.4.2	As africadas baianas relacionadas à variável linguístico-discursiva tipo de frase.....	103
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
	REFERÊNCIAS.....	109

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa a aplicação da regra de africatação das oclusivas dentoalveolares /t/ e /d/ quando precedidas da semivogal palatal alta, em dois estados do Nordeste: Alagoas e Sergipe. A pesquisa, desenvolvida à luz da Teoria da Sociolinguística Laboviana e da Dialetoologia Pluridimensional, investiga quais os fatores sociais e linguísticos motivam esta africatação. As africadas, nesse contexto, são conhecidas como “africadas baianas”.

O objetivo geral da pesquisa é descrever o comportamento da africatação das consoantes oclusivas dento – alveolares /t, d/ quando precedidas da semivogal palatal alta, no que se refere aos contextos e fatores condicionantes, ao qual se juntam outros objetivos mais específicos, quais sejam: a) traçar um mapa dialetal da palatalização das consoantes oclusivas dentoalveolares /t, d/ nos estados escolhidos para o estudo; b) delimitar os fatores linguísticos que influenciam a palatalização das consoantes oclusivas dento-alveolares; c) identificar os contextos sociolinguísticos que propiciam a seleção de uso da palatalização das consoantes oclusivas dentoalveolares quando precedidas da semivogal palatal alta; d) observar se há mudança em curso no que se refere à palatalização em estudo;

O *corpus* é composto por 36 inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), sendo 20 no estado de Alagoas (Maceió, União dos Palmares, Santana do Ipanema e Arapiraca) e 16 no estado de Sergipe (Aracaju, Propriá e Estância), ou seja, 04 inquéritos em cada uma das cidades do interior e 08 nas capitais.

Para analisar os dados e observar os seus resultados, esta pesquisa foi distribuída em cinco capítulos assim organizados:

No primeiro capítulo são revisados os pressupostos teóricos da Dialetoologia e da Teoria da Variação e Mudança. Nele consta um breve histórico sobre a Dialetoologia mundial e brasileira, abarcando os atlas publicados e em andamento, inclusive o atlas linguístico do Brasil. Além disso, traz conceitos da teoria da variação e da mudança essenciais para a análise variacionista a que se propõe este trabalho.

O segundo capítulo realiza uma revisão bibliográfica de estudos, de diversos autores, feitos sobre a africatação das consoantes oclusivas dento-alveolares depois de semivogal palatal /j/, no português brasileiro.

Na sequência, o terceiro capítulo expõe a metodologia adotada, explicita a forma de constituição da amostra utilizada no *corpus* da pesquisa, a forma como foram selecionadas as

variáveis linguísticas e sociais e a forma como foram codificados os dados. Fez-se necessário, ainda, uma explicação sobre o programa utilizado no tratamento quantitativo dos dados: o VARBRUL, em sua versão para Windows, o GOLDVARB.

Embasado na teoria variacionista, o quarto capítulo dedica-se à descrição e análise dos resultados obtidos, dando maior destaque, evidentemente, às variáveis selecionadas como estatisticamente mais relevantes pelo programa GOLDVARB. Apresenta, assim, os resultados obtidos em forma de gráficos e tabelas devidamente comentados, a fim de analisar os fatores que condicionam o uso da palatalização em estudo. Este mesmo capítulo apresenta também o resultado dos cruzamentos das variáveis sociais “Sexo do Informante”, “Idade do Informante” e “Escolaridade do Informante”, variáveis importantes para este trabalho.

No quinto capítulo realiza-se uma síntese dos resultados desta pesquisa, confrontando-os com os objetivos iniciais, conforme a teoria que serviu de embasamento à pesquisa.

Finalmente, apresentam-se as referências bibliográficas e os anexos, onde se apresentam o modelo da ficha de informante e a rede de pontos do Projeto ALiB.

Como este trabalho está inserido em um Projeto maior, de âmbito nacional, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, cujo principal objetivo é descrever a realidade linguística brasileira no tocante à Língua Portuguesa e contribuir para o entendimento dessa língua como instrumento social de comunicação diversificado, pretende-se, de alguma maneira, contribuir para essa desafiante empreitada.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 A DIALETOLOGIA

A dialetologia trata do estudo sistemático de todas as formas de dialeto, principalmente do dialeto regional. As fronteiras dialetais, isto é, os limites de uso fazem parte também da preocupação dos dialetólogos como afirmam Chambers e Trudgill (1994, p.139):

Una de las mayores preocupaciones de la dialectología tradicional o geografía lingüística ha sido la determinación de ISOGLOSAS, de los límites entre dos regiones que difieren en algún rasgo lingüístico (es decir, en una unidad léxica, en la pronunciación de una palabra en concreto, etc).¹

Para Cardoso (2010, p.15), “a dialetologia é um ramo de estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.”.

Essa ciência surgiu no final do século XIX no meio acadêmico com a criação da disciplina, de mesmo nome, na Escola Prática de Altos Estudos, na França, ministrada por Jules Gilliéron. A partir de então, vários glossários regionais foram criados por toda a Europa.

A dialetologia teve dois marcos principais que, de certa forma, direcionaram os trabalhos nessa ciência: o levantamento de dados feito por Wenker na Alemanha e a recolha sistemática feita por Gilliéron e Edmont para o *Atlas Linguistique de La France* (ALF)

Wenker documentou os usos de fala de 40.736 localidades, recobrando ampla extensão do território alemão. Nesse trabalho, a coleta de dados foi feita por correspondência e representou um salto significativo para os estudos dialetológicos: a documentação em distintas regiões com a possibilidade de comparação entre os fatos.

Entende-se que Wenker abriu caminho para a pesquisa diatópica ampla, cuja consolidação veio com a recolha dos dialetos geográficos para o *Atlas Linguistique de La France* (ALF) feita *in loco*, realizada por um único documentador, Edmond Edmond. Publicado em Paris entre os anos de 1902 e 1910, este atlas contém 1920 mapas, além de uma brochura explicativa e índice alfabético.

1 Uma das maiores preocupações da dialetologia tradicional ou geografia linguística tem sido a determinação de ISOGLOSSAS, dos limites entre duas regiões que diferem em algum traço linguístico (isto é, em uma unidade léxica, na pronúncia de uma palavra em particular, etc).

Outra publicação importante entre os anos de 1928 e 1940 foi o Atlas ítalo-Suíço (AIS) de Jud e Jaberg, constituído de um volume de introdução, um volume com oito tomos e mais um volume etnográfico. Contempla informantes de 15 a 85 anos, divididos entre camponeses, pessoas com instrução secundária e intelectuais, porém não há uma sistemática em relação à observação de tais variáveis em cada ponto.

O *Linguistic Atlas of the United States and Canada* (LANE), de autoria de Hans Kurath e colaboradores, foi publicado entre os anos de 1939 e 1943 e contém 734 cartas linguísticas que trazem dados concernentes aos estados de Connecticut, de Rhode Island, de Massachusetts, de Vermont, de New Hampshire, de Maine, da Long Island e da província canadense de New Brunswick. Esse atlas inova em relação ao estabelecimento de critérios para a escolha dos informantes, isto é, os informantes foram selecionados não apenas com vistas a representar a área geográfica sob investigação, mas também de modo a fornecer relações entre dados linguísticos e de caráter sociocultural. Os informantes foram divididos em três níveis de escolaridade: (i) pessoas com escassa educação formal, pouca leitura, com reduzido contato social; (ii) pessoas com educação formal mediana, tendo frequentado a escola média e com um contato maior com a leitura; (iii) pessoas com formação de nível universitário.

Com o controle das variáveis socioculturais na escolha dos informantes surgem para a geografia linguística novas perspectivas.

Em relação à dialetologia em Portugal, é no século XX que se consolidam os caminhos da geolinguística. Manuela Barros Ferreira, em 1994, divide a história dos estudos dialetais em Portugal em três períodos assim identificados:

- i) 1836-1868 – referências dispersas à variação territorial;
- ii) 1868-1942 – período caracterizado pelo início dos estudos dialetais;
- iii) 1942-1994 – período caracterizado pela recolha ordenada dos dados, com objetivos definidos e com interpretação de conjunto.

Para Ferreira (1994), a segunda fase, iniciada na segunda metade do século XIX, tem como principal característica o estudo das linguagens não oficiais. Ela cita como exemplo a publicação de Adolfo Coelho, *A língua Portuguesa* (1868), obra em que o autor chama a atenção para a diversidade de usos.

No final do século XIX, José Leite de Vasconcellos e Aniceto dos Reis Gonçalves Viana começam o estudo voltado para o interior do país, considerando a visão geográfico-

histórica da língua. Leite de Vasconcellos produz o primeiro mapa dos dialetos portugueses, o *Mappa dialectologico do continente português*, publicado em Paris, em 1897, e se destaca também por trazer a primeira relação detalhada dos dialetos portugueses, que, como bem lembra Cardoso (2010, p. 111), “sua riqueza de dados o torna ainda único na área.”

Em 1901, publica *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, uma obra que fornece uma visão da língua portuguesa no mundo com uma classificação dos dialetos do português, traçando, dessa maneira, um panorama da dialetologia portuguesa no começo do século. Essa obra é distribuída pelo próprio autor em três grandes partes:

- i) história geral dos dialetos portugueses;
- ii) diferentes dialetos do português e de suas características gerais;
- iii) considerações sobre os dialetos portugueses.

O período que Ferreira (1994) considera como o terceiro tem como figura de destaque Manoel de Paiva Boléo, não apenas por ter dado aos estudos dialetais uma maior sistematicidade, mas também por ter tomado duas iniciativas consideradas importantes para os estudos dialetais: organização do Inquérito Linguístico Boléo (ILB) e a orientação de inúmeras teses de licenciatura a respeito de variados aspectos da dialetologia portuguesa.

Contudo, é através do Atlas Linguístico da Península Ibérica (ALPI) que Portugal tem a sua primeira manifestação concreta no campo da geolinguística e na cartografia dos dados. O *Atlas Linguístico da Península Ibérica* (ALPI) recobre toda a área da Península Ibérica, fornece dados referentes ao galego-português, ao espanhol e ao catalão.

Normalmente, a publicação de atlas nacionais ocasiona estudos mais detalhados em uma área de menor extensão, porém um movimento inverso pode ser observado atualmente na Europa com a elaboração do *Atlas Linguarum Europae* que registra tanto dados de trabalhos mais antigos como de outros mais modernos. Utiliza métodos geolinguísticos com enfoques diferentes na análise ou na síntese, mas que se alternam ou se complementam. O projeto ALE reúne todas as línguas da Europa, nele participam 51 equipes de investigação. Instituído oficialmente na Holanda, em 1970, a sua fase de publicação foi iniciada em 1975. Cada "fascículo" deste atlas é constituído por dois volumes, um de mapas, outro de comentários. Foram publicados até agora cinco fascículos, contemplando o léxico. A abordagem das denominações obtidas para estes conceitos em 2631 localidades europeias foi de caráter etimológico e motivacional. Este tipo de tratamento permitiu abrir um novo caminho para a

compreensão da relação língua-cultura e estabelecer padrões de criação lexical estreitamente relacionados à experiência histórica dos povos europeus.

Ainda entre os atlas atuais encontra-se *The Atlas North American English* desenvolvido por William Labov, Sharon Ash e Charles Boberg. Este atlas fornece uma visão geral acerca da pronúncia das vogais nos dialetos norte-americano e canadense e redefine os limites geográficos de dialetos norte-americanos que refletem as mudanças de som, traçando a influência do sexo, idade, educação e tamanho da cidade sobre essas mudanças. É baseado em uma pesquisa telefônica com 762 falantes locais, representando todas as áreas urbanizadas da América do Norte. O Atlas é composto por um volume impresso acompanhado por um CD-ROM interativo.

1.1.1 A Dialectologia no Brasil

A diversidade de usos entre o português brasileiro e o português europeu e até mesmo a variação no interior do próprio português brasileiro chama a atenção para o processo de dialetação no Brasil. Esse processo vinha e vem instalando gradativamente diferenças que, ao longo da história, traçam limites e deixam à mostra variações dentro do português brasileiro e no seu confronto com o português europeu.

A primeira manifestação caracterizada por ser de natureza dialetal sobre o português do Brasil deve-se a Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, que, em 1826, escreveu um capítulo para o livro *Introduction à l'Atlas ethnographique du globe*. Tratava-se de uma lista de palavras que apresentava oito nomes que mudam de significação, comparado ao português europeu e 50 nomes usados exclusivamente no Brasil. Pedra Branca descreveu, nesse capítulo, a língua do Brasil e afirmou que ela representava o clima e a docilidade dos habitantes, sendo enriquecida pelas expressões advindas das línguas indígenas e inexistentes no português de Portugal.

A partir daí, a história dos estudos dialetais no Brasil pode ser dividida em duas fases, segundo Nascentes (1953), três grandes fases, segundo Ferreira e Cardoso (1994) e em quatro fases, segundo Cardoso e Mota (2006).

A primeira fase vai de 1826 a 1920, data de publicação de “O dialeto caipira” de Amadeu Amaral. Essa fase é caracterizada pelos estudos do léxico e de suas especificidades no português brasileiro. Destaca-se a produção de dicionários, vocabulários e léxicos regionais. Dentre eles citam-se algumas obras como por exemplo: (i) *Dicionário da Língua Brasileira* (1832) de Luís Maria Silva Pinto, caracterizado por ser um dicionário do português

com a inserção de formas próprias do Brasil; (ii) *Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros* (1912) de P. Carlos Teschauer; (iii) *Dicionário de brasileirismo* (1913) de Rodolfo Garcia, dentre outros.

Além disso, há um primeiro estudo de natureza gramatical, “O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil” (1879), escrito por José Jorge Paranhos da Silva.

A segunda fase é iniciada a partir da publicação de “O dialeto caipira” de Amadeu Amaral em 1920 e vai até 1952. Essa fase é caracterizada pela propagação de trabalhos voltados para a observação de uma área determinada, descrevendo os fenômenos que a caracterizam do ponto de vista semântico-lexical, fonético-fonológico e morfossintático. Nota-se a existência nessa fase de estudos de caráter monográfico, dentre os quais se destacam: (i) *O dialeto caipira* (1920) de Amadeu Amaral, sendo um marco e um modelo na descrição dos falares regionais, demonstrando a necessidade de assumir uma postura metodológica para que se possa observar a realidade *in loco*, eliminando tudo o que fosse hipotético; (ii) *O linguajar carioca* (1922) de Antenor Nascentes, trazendo uma contribuição para o conhecimento do dialeto carioca ao estudar aspectos da fonética, morfologia, sintaxe, léxico e destacando-se pela proposta de divisão dialetal do Brasil; (iii) *A língua do nordeste* (1934) de Mário Marroquim, produzindo um estudo sobre a língua de Alagoas e Pernambuco.

Essas três obras juntando-se a outras caracterizam essa segunda fase em que se encontram quatro grupos diferenciados. No primeiro grupo, reúnem-se as obras voltadas para o léxico e glossários regionais, como, por exemplo, *Vocabulário gaúcho* de Roque Callage (1926); já no segundo grupo, podem ser encontradas obras de caráter geral que analisam questões mais amplas, como *O ritmo da língua nacional* de Álvaro Maia (1926). No terceiro grupo, encontram-se estudos de caráter regional, abordando fenômenos específicos de cada região ou de certos grupos, como *A linguagem popular da Bahia* de Edison Carneiro (1951) e *A linguagem dos cantadores* de Clóvis Monteiro (1933). E, por fim, no quarto grupo há estudos voltados para a contribuição africana que ganham destaque nessa fase, como *A influência africana no português do Brasil* de Renato Mendonça (1933).

A terceira fase inicia-se em 20 de março de 1952, tendo como marco o Decreto 30.643, que, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que vinha de ser criada, assentava como a principal delas a elaboração do atlas linguístico do Brasil.

Com isso, os estudos de fenômenos da variação linguística no País passaram a ser vistos de outra maneira. E essa nova visão ocorreu graças ao trabalho de alguns estudiosos,

destacando-se Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi que se empenharam no início dos estudos da Geografia Linguística.

Antenor Nascentes publicou em 1958 (1º volume) e 1961 (2º volume) as *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, estabelecendo passos fundamentais para o início do trabalho nesse campo. Destaca a importância de um atlas linguístico, mas reconhece a dificuldade em fazê-lo, em face à imensidão do território brasileiro e às dificuldades de acesso a determinadas regiões.

Serafim da Silva Neto defendeu a necessidade e a urgência de estudar os falares regionais. Incentivou a realização do atlas linguístico do Brasil, mas reconheceu a importância dos outros estudos dialetais.

Celso Cunha também foi um grande incentivador para a elaboração de um atlas linguístico geral do Brasil, porém, sabendo da sua impraticabilidade devido à extensão territorial brasileira, indicou a construção de atlas regionais e essa posição ele assumiu juntamente com Serafim da Silva Neto em 1957, no III Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, em Lisboa.

Nelson Rossi, em 1963, publica o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, com a colaboração de Carlota Ferreira e Dinah Isensee, dando assim o primeiro passo concreto no campo da Geolinguística. Rossi tornou-se conhecido por ser o pioneiro na aplicação da Geografia Linguística no Brasil e também pelo seu rigor científico e pela sua precisão metodológica.

A terceira fase da história dos estudos dialetais é marcada pelo início dos estudos sistemáticos no campo da Geografia Linguística. Porém, a produção de glossários, léxicos regionais e monografias sobre regiões diversas também pode ser encontrada nessa fase.

Cardoso e Mota (2006) apresentam a proposta de inclusão de uma nova fase para delimitar os estudos dialetais no país, com a qual se concorda e que tem como marco a retomada de um projeto de atlas linguístico do Brasil.

A 4ª fase é caracterizada pela implementação de linhas de pesquisa em Geolinguística em várias universidades brasileiras, apresenta-se também como a fase em que se ampliam o número de atlas linguísticos publicados ou em elaboração e pela incorporação de novas dimensões – diastrática, diageracional e diagenérica – à pesquisa dialetológica, que antes era, em geral, centrada apenas na dimensão diatópica. Segundo Cardoso e Mota (2006, p. 23):

A nova fase da geolinguística se faz notar, ainda: a) pela ampliação do campo de estudo que não se restringe mais aos dados fonético-fonológicos e

léxico-semânticos, como em geral, nos atlas tradicionais, incorporando dados morfossintáticos, pragmático-discursivos, metalinguísticos, etc, (...) b) pela própria apresentação dos dados que nos atlas atuais, ditos de 2^a e 3^a gerações, se fazem acompanhar de comentários lingüísticos e de CDs (...).

1.1.1.1 Os Atlas Linguísticos Regionais

Em 1960, inicia-se no Brasil a elaboração de atlas regionais, sendo o APFB o pioneiro. O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* se constitui em um marco nos estudos da Geografia Linguística no Brasil, não só por ter sido o primeiro trabalho a ser publicado, mas por sua fundamental importância para o conhecimento do falar regional da Bahia.

Constitui-se de dois volumes: o primeiro compreende as cartas em folhas soltas e o segundo a introdução, questionário comentado e as respostas transcritas. O APFB, além de trazer dados estritamente linguísticos, também traz dados etnográficos, alguns deles acompanhados de ilustrações de objetos de acordo com a descrição dos informantes. Possui 209 cartas, compreendendo 11 introdutórias, 154 fonéticas e léxicas e 44 cartas resumo.

Os informantes do APFB, em um total de 100, são naturais da localidade e filhos de pais nascidos também na localidade, ligados a atividades rurais e sem grande mobilidade geográfica. Em relação à escolaridade, 75 são completamente analfabetos. Quanto ao gênero, os informantes femininos somam um total de 57, em sete localidades não há informantes masculinos. Os informantes se distribuem quanto à idade entre 25 e 84 anos, situando-se, em geral, entre 39 e 69 anos.

O *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS) foi elaborado pelos pesquisadores: Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Nelson Rossi, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg. Os seus originais ficaram prontos desde 1973, porém, por dificuldade de financiamento, só foi publicado em 1987. O estado de Sergipe foi escolhido para dar continuidade aos estudos no campo da Geografia Linguística devido à sua proximidade geográfica com a Bahia, à maior facilidade de acesso e ao fato de essa área estar incluída na área do “falar baiano”, segundo a divisão de Nascentes. Os atlas da Bahia e Sergipe seguiram a mesma orientação, porém o de Sergipe apresentou avanços metodológicos, a saber: (i) aplicação de inquéritos preliminares gravados em toda a rede de pontos; (ii) maior amplitude do questionário; (iii) formulação por escrito das perguntas a fim de se obter uma maior homogeneidade nos inquéritos; (iv) inclusão de informantes dos dois gêneros, controlando, assim, essa variável social. Tal procedimento o tornou o 1º atlas bidimensional, como lembra Thun (1998), ao tratar da geografia linguística românica.

Os informantes do ALS são pessoas de pouca ou nula escolaridade, filhos da região e sem mobilidade geográfica. Do ponto de vista da faixa etária, podem ser reunidos em três grupos, a saber: (i) 11 informantes dos 30 aos 39 anos; (ii) 13 informantes dos 40 aos 48 anos; (iii) 6 informantes a partir dos 50 anos.

O ALS possui 180 cartas, sendo 11 introdutórias e 169 cartas linguísticas, algumas com dados etnográficos. Em cada carta há a remissão à carta correspondente no APFB. Há no ALS ainda uma série de cartas conjuntas Bahia-Sergipe, com dados da Bahia, não apresentados no APFB.

Para Cardoso (2010, p.156), os atlas da Bahia e Sergipe dão uma visão maior sobre a área do “falar baiano” que se torna ainda mais nítida com os dados do Norte de Minas Gerais expostos no *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*:

Os atlas da Bahia e Sergipe seguiram uma mesma orientação, com modificações em Sergipe que refletem avanços nos passos metodológicos. Com eles, passa-se a ter uma visão, de certo modo extensa, do que se constitui a área dos “falares baianos”, visão essa que se torna mais ampla se conjugada ao que se registra ao norte de Minas Gerais, também área dos “falares baianos”, segundo os dados que se apresentam no *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*.

Outro atlas publicado no Brasil foi o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, fruto do trabalho de um grupo de professores de Juiz de Fora: Mário Zágari, José Ribeiro, José Passini e Antonio Pereira Gaio. Apesar de ser concebido em quatro volumes, apenas um foi publicado em 1977, constituído de setenta e três cartas, quarenta e cinco com dados exclusivamente lexicais ou léxico-fonéticos, abarcando as áreas semânticas “tempo” e “folgedos infantis”, as demais com isófonas e isoléxicas de fenômenos destacados.

Os informantes são homens ou mulheres, apesar de essa variável não ter sido sistematizada, nascidos na localidade, com idade entre 30 e 50 anos e, preferencialmente, analfabetos.

As isoglossas fonéticas traçadas a partir dos resultados apresentados pelo EALMG, levaram Zágari (1998) a propor a divisão da fala mineira em três: um falar no sul e no Triângulo, um outro falar no Norte e, por fim, outro formado pelas Zonas da Mata, Metalúrgica, Vertentes, Belo Horizonte e arredores. Essa divisão é o primeiro caminho para a descrição da língua e tem enorme utilidade para os estudos atuais, na medida em que é possível comparar seus dados com dados coletados na atualidade.

Maria do Socorro Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes publicam, em 1984, o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB). O Atlas é publicado em dois volumes: o primeiro composto de cartas léxicas e cartas fonéticas. O segundo volume traz uma descrição detalhada da metodologia utilizada. O questionário aplicado compunha-se de duas partes: uma geral e outra específica. A específica se referia aos cinco principais produtos agrícolas do Estado (mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão e abacaxi), mas os dados não foram publicados.

A escolha dos informantes se deu a partir dos seguintes critérios: (i) ter nascido na localidade ou no município; (ii) pertencer à faixa etária de 30 e 75 anos; (iii) ser analfabeto ou ter cursado apenas o primário completo; (iv) não ter mobilidade geográfica; (v) ser filho de pais nascidos na região; (vi) trabalhar na produção específica, no caso do questionário específico.

O *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPr) de autoria de Vanderci de Andrade Aguilera foi publicado em 1994, em dois volumes. O primeiro volume é composto da metodologia, descrição das localidades, caracterização dos informantes, apresentação das cartas e um glossário. No segundo volume, constam as cartas linguísticas, totalizando 191 cartas, dentre elas: (i) 92 lexicais; (ii) 70 fonéticas; (iii) 29 traçados de isoglossas.

Os informantes do ALPr, num total de 130, têm idade entre 30 e 60 anos, sistematicamente distribuídos pelo sexo, são analfabetos ou semi-analfabetos, são nascidos na localidade, não realizaram viagens longas, não fizeram o serviço militar, são ou foram agricultores.

O 1º volume do *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) foi publicado em 2002 de autoria de Walter Koch, Mário Klassmann e Cléo Vilson Altenhofen e possui uma rede de 275 localidades–100 pontos do Paraná, 95 do Rio Grande do Sul e 80 de Santa Catarina – e 19 localidades para a rede urbana – 6 do Paraná, 6 de Santa Catarina e 7 do Rio Grande do Sul.

O 1º volume do ALERS apresenta os resultados dos questionários fonético- fonológico e morfossintático, além do conjunto de informações a respeito das áreas de colonização, possui 176 cartas, sendo 70 de fonética e fonologia, 104 de morfossintaxe e duas cartas auxiliares.

O *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALISPA) é o primeiro atlas sonoro do Brasil. Os mapas cartografados são digitalizados e apresentam a fala dos informantes registrados. Podem-se buscar os resultados por localidades, por faixas etárias e por sexo dos informantes, podendo-se ouvir as realizações produzidas por eles. Além disso, o CD ainda contém trabalhos, como Dissertações de Mestrado, já realizados utilizando o *corpus* do ALISPA.

O *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS II) foi publicado em 2005, de autoria de Suzana Cardoso, possui 108 cartas distribuídas pela área semântica HOMEM. Além, evidentemente, da variável diatópica, contempla também a variável gênero com gráficos que apresentam os percentuais de ocorrência. O ALS II apresenta um índice onomasiológico e também um glossário semasiológico, além de um conjunto de comentários às cartas.

O ALS II representa uma retomada dos materiais de campo do ALS. A área semântica Homem foi escolhida para ser retomada, devido ao número elevado de perguntas não tratadas pelo ALS e também a pluralidade e diversificação de itens que a constituem.

O *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS) foi publicado em 2008 e organizado por Dercir Pedro de Oliveira. Apresenta 207 cartas linguísticas – 47 cartas fonéticas, 153 cartas semântico-lexicais e 7 cartas morfossintáticas.

Os informantes são escolhidos a partir das seguintes variáveis: idade, sexo, grau de instrução e naturalidade. Quanto à faixa etária, os informantes são divididos em duas faixas etárias, a primeira que corresponde a 18 a 30 anos e a segunda, 45 a 70 anos. Além disso, os informantes são nascidos na região e filhos de pais também nascidos na região. Em cada localidade foram entrevistados dois homens e duas mulheres, divididos equitativamente pelas faixas etárias.

O *Atlas Linguístico do Ceará* (ALECE) foi publicado em 2010, sob a coordenação de José Rogério Fontenele Bessa. Possui 256 cartogramas divididos entre cartas lexicais e fonéticas, que mapeiam os resultados obtidos em 70 localidades. Os informantes são homens e mulheres que se distribuem, equitativamente entre analfabetos e pessoas com 1º grau completo, com idade entre 30 e 60 anos.

Há também teses e dissertações ainda não publicadas: o *Atlas Linguístico do Paraná II* (2007), o *Atlas Linguístico do Amazonas* (2004), o *Atlas Linguístico do Litoral Potiguar* (2007), o *Microatlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (2008), o *Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara* (2006).

O *Atlas Linguístico do Paraná II* (ALPR II), de autoria de Fabiane Cristina Altino, teve como objetivo principal cartografar os dados levantados para o ALPR e que não foram contemplados em cartas. O ALPR II consta de cartas introdutórias, 125 cartas lexicais e 50 cartas fonéticas. Contempla a variável diatópica, mas também a variável gênero com gráficos que apresentam os percentuais de ocorrência.

É importante ressaltar que o ALPR II possui um estudo dialetométrico das variantes paranaenses, envolvendo ambos os atlas. O ALPR II inova, em relação ao anterior, na

apresentação dos mapas que incluem os acidentes geográficos (rios e rodovias) e em gráficos de frequência.

O *Atlas Linguístico do Amazonas* é a tese de Maria Luíza de Carvalho Cruz, defendida em 2004, na UFRJ. Os informantes, em número de 54, são alfabetizados, com, no máximo, a 4ª série do Fundamental. Quanto ao sexo, os informantes estão distribuídos, sistematicamente, entre homens e mulheres. Com relação à faixa etária, estão distribuídos entre 18 a 35 anos; 36 a 55 anos; mais de 56 anos.

O Atlas está organizado em dois volumes. No primeiro, estão a Apresentação, Introdução e Fundamentação teórico-metodológica. O segundo contém as cartas, que são do seguinte tipo: 107 cartas fonéticas, com notas e comentários explicativos, além de gráficos com os percentuais de ocorrência dos fatos analisados, e 150 cartas semântico-lexicais, também comentadas e algumas delas com ilustrações. No final do primeiro volume há uma bibliografia.

O *Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar* é a tese de Maria das Neves Pereira, defendida em 2007, na UFRJ. Os informantes estão distribuídos entre os dois sexos, de acordo com as faixas etárias de 18 a 31 e de 45 a 59 anos. No que concerne ao nível de instrução, são alfabetizados, com, no máximo, a 7ª série do Fundamental, no interior, e com o ensino superior, na capital. Está organizado em dois volumes. No primeiro está a Apresentação, Introdução, Fundamentação teórico-metodológica e análise dos dados e uma bibliografia. O segundo contém as cartas, que são do seguinte tipo: 08 cartas geográficas, 35 cartas fonéticas, com gráficos de percentuais de ocorrência dos fatos analisados, 09 cartas morfossintáticas e 35 cartas semântico-lexicais. No final do segundo volume, há anexos com as fichas de levantamento dos dados.

O *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro*, tese defendida em 2008 na UFRJ, de autoria de Fabiana da Silva Campos Almeida é uma pesquisa dialetológica de natureza fonético-fonológica. Os informantes, num total de 72 indivíduos, possuem nível de instrução até, no máximo, a 4ª série do Ensino Fundamental, estão distribuídos por gêneros e três faixas etárias (18-35 anos; 36-55 anos, 56 anos em diante). As cartas fonéticas permitem observar fenômenos que dizem respeito às realizações dos fonemas vocálicos e consonantais em diferentes contextos. O Micro AFERJ traz uma grande contribuição para a identificação das áreas dialetais do território fluminense.

O *Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara* é a dissertação de Luciana Gomes de Lima, defendida em 2006, na UFRJ. Os informantes, em número de 24, estão distribuídos entre os dois sexos e de acordo com as seguintes faixas etárias: de 18 a 35 anos;

36 a 55 anos; 56 anos em diante. Quanto ao nível de instrução são analfabetos ou com, no máximo, a 4ª série do ensino fundamental.

O Atlas está organizado em dois volumes: no primeiro, estão a Apresentação, Introdução, Fundamentação teórico-metodológica e análise dos dados, e no final há uma bibliografia. O segundo contém as cartas fonéticas, em número de 308.

Além disso, outros atlas encontram-se em fase de elaboração, a saber: Atlas Geolinguístico do Pará, Atlas Linguístico do Mato Grosso, Atlas Linguístico do Maranhão, Atlas Linguístico do Espírito Santo, Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte, Atlas Linguístico de Pernambuco e Atlas Linguístico de Rondônia.

Pode-se perceber que a geolinguística brasileira vem crescendo cada vez mais e atraindo o interesse de pesquisadores. Inúmeros trabalhos vêm sendo publicados com base nos dados das cartas linguísticas extraídas dos atlas linguísticos.

1.1.1.2 O Atlas Linguístico do Brasil

A ideia de um atlas linguístico geral do Brasil, lançada em 1952, foi retomada por pesquisadores da área de Dialetoologia por ocasião do *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*. Foi, então, constituído um Comitê Nacional que se encarregaria de implementar o Projeto Nacional para a execução de um atlas linguístico do Brasil.

Atualmente o Comitê Nacional do Projeto ALiB é composto por professores de nove universidades: Suzana Alice Cardoso (UFBA) — Diretora-Presidente —, Jacyra Andrade Mota (UFBA) — Diretora Executiva —, Abdelhak Razky (UFPA), Ana Paula Rocha (UFOP), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), Felício Wesling Margotti (UFSC), Maria do Socorro Aragão (UFPB/UFC), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) — Diretores Científicos.

As pesquisas na área da Geolinguística no final do século XX vão coincidir com a estruturação do Projeto ALiB, como lembram Cardoso e Mota (2006, p. 20):

O período final do século XX, em que se dão os primeiros passos para a estruturação do Projeto ALiB tal como se apresenta hoje, vai coincidir, nas universidades brasileiras, com a implementação de pesquisas na área da Geolinguística, refletida em publicações, comunicações a congressos, trabalhos de pós-graduação e, principalmente, em projetos de atlas linguísticos regionais.

Cardoso e Mota (2006, p.20) afirmam ainda que o Projeto ALiB tem uma estreita relação com o crescimento nessa área:

Analisando-se o crescimento da atividade nessa área, verifica-se, na maioria dos casos, uma ligação estreita com o Projeto ALiB, quer em função do caráter interinstitucional desse Projeto, quer pela ação deliberada dos membros do Comitê Nacional que o coordena, no sentido de ampliar o interesse pela Geolingüística e agregar um maior número de pesquisadores, de modo a superar as dificuldades inerentes a um projeto de âmbito nacional [...].

Em relação à metodologia, o Projeto ALiB e também alguns atlas regionais publicados, abandonam a visão monodimensional e incorporam os princípios da Sociolingüística, isto é, além do parâmetro diatópico, surge também o interesse pela variação diastrática, diassexual e diageracional, entre outras. Dessa maneira, é necessário abarcar informantes dos dois gêneros, de diferentes estratos sociais e de mais de uma faixa etária.

Assim, tem início o Projeto ALiB, projeto de cunho nacional, que retoma a ideia de um atlas do Brasil, com o intuito de descrever a realidade lingüística brasileira no que se refere à Língua Portuguesa, considerando as variações diatópicas, diastráticas, diassexual e diageracionais nos diversos níveis da fala: fônico, semântico-lexical e morfossintático.

Os objetivos do Projeto ALiB podem ser assim definidos: (i) descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à Língua Portuguesa nos diversos níveis da fala: fonético-fonológico, semântico-lexical, morfológico; (ii) oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (lingüistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos) e aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, pedagogia, dentre outras) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil; (iii) estabelecer isoglossas com o objetivo de traçar a divisão dialetal do Brasil evidenciando as diferenças regionais, etc.

Quanto à rede de pontos do Projeto ALiB, foram selecionadas 250 localidades, distribuídas por todo o território nacional. Para a fixação da rede de pontos foram levados em consideração o total de pontos e a densidade demográfica de cada estado e cada região. A proposta de Nascentes (1958) e algumas localidades dos atlas regionais também foram levadas em consideração.

Os informantes, no total de 1.100, estão distribuídos em duas faixas etárias, a primeira de 18 a 30 anos e a segunda de 50 a 65 anos, divididos igualmente entre os dois sexos. Na capital, os informantes estão estratificados em dois graus de escolaridade: fundamental e

superior. Nas cidades do interior são inquiridos apenas indivíduos de nível fundamental de escolaridade. Além disso, todos os informantes são filhos de pais também nascidos na região e sem grande mobilidade geográfica.

Em relação aos questionários linguísticos deliberou-se pela aplicação de seis tipos de questionário direcionados (fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, questões de pragmática, temas para discurso semidirigido, metalinguístico), além de texto para leitura. Na elaboração dos questionários do ALiB foram considerados os estudos já existentes, os questionários dos atlas já publicados e aqueles disponíveis dos atlas em andamento e de alguns atlas internacionais (*Atlas Linguistique Roman* e *Atlas Linguístico – Etnográfico de Portugal e da Galiza*).

Os questionários diferem entre si quanto ao nível da língua em estudo, aos temas abordados, e às estruturas das questões, além do grau de monitoramento, variando entre um maior grau de formalidade e um registro mais espontâneo.

Com os dados do Projeto ALiB, pretende-se oferecer um atlas de caráter pluridimensional, considerando os diversos níveis de fala, somando-se outras variáveis à diatópica, com comentários às cartas e com a possibilidade de audição dos inquiridos.

Segundo Cardoso (2004, p.44) o Projeto ALiB é uma desafiante empreitada, mas os pesquisadores envolvidos nesse grande empreendimento são motivados e bem habilitados para a realização de um Projeto de tamanha relevância para os estudos da Língua Portuguesa:

O que nos vem pela frente requer constância no trabalho, firmeza no caminhar com a pesquisa e espírito de integração para melhor coordená-la. Isso já tem demonstrado a família ALiB, disso temos consciência todos e cada um de nós pelo nosso comprometimento com a Dialectologia brasileira. Então, só nos resta concluir dizendo: as etapas a vencer estão virtualmente vencidas, porque convencidos estamos todos nós – e por isso estamos aqui, é bom que se repita – de que haveremos de ver sobre as mesas o atlas linguístico do Brasil e, sobretudo, haveremos de vê-lo subsidiar e amparar a construção de um ensino de português solidário com todas as suas variantes, cientes do papel social da língua e das implicações que uma sociedade estratificada faz recair sobre ela.

Com a publicação dos atlas regionais e com o andamento do Projeto ALiB, entende-se que a Geolinguística brasileira, hoje, é concebida como o estudo da variação linguística sob os enfoques diatópico e sociais. E essa perspectiva apresenta-se como um instrumento auxiliar nas questões relacionadas ao ensino-aprendizagem da língua materna, com vistas a compreender melhor a realidade linguística através do entendimento do processo de variação e a buscar um embasamento maior para o aprendizado sistemático da língua.

Em relação a essa interface da Dialetologia com o ensino, e para que esse imbricamento permita oferecer subsídios para uma melhoria nas questões ensino-aprendizagem, a formação do professor é fundamental, como preveem Razky, Lima e Oliveira (2006, p.122):

Os resultados das pesquisas nas ciências de linguagem, inclusive os resultados de um atlas lingüístico regional e/ou nacional, dentro de uma perspectiva geo-sociolingüística, devem servir de base para uma observação participativa do contexto local que é caracterizado pelo espaço que constitui a sala de aula. Entretanto, para poder adotar a prática de uma observação participativa, o professor deve ter na sua formação uma iniciação à pesquisa lingüística que contemple, dentre outros, a questão da geografia lingüística moderna.

1.2 A LÍNGUA SOB UMA PERSPECTIVA SOCIAL

A compreensão da língua como um fator social é reconhecida por todo linguista, porém nem todos dão destaque a esse fato. Em muitos estudos sobre mudança linguística verifica-se a preocupação com o contexto social, ampliando os dados sobre os falantes e também sobre os seus comportamentos extralingüísticos. De acordo com Labov (2008[1972], p. 302), é através da definição de língua dada por um autor que se sabe o quanto ele estará preocupado com os fatores sociais na mudança linguística.

Há uma estreita relação entre língua e fatores sociais; sendo assim a língua e a sociedade se inter-relacionam a tal ponto, que é impossível conceber uma sem a outra. Ao longo desse capítulo, serão apresentados alguns pressupostos defendidos pela Sociolingüística, dentre os quais a variação e a mudança da língua, que sustentarão a análise linguística.

1.2.1 A Heterogeneidade Linguística

O século XIX é considerado um período vigoroso para a Linguística Histórica, pois foi nesse período que se buscaram princípios gerais para a regularidade das mudanças fonéticas. Hermann Paul defendeu a ideia de que a natureza estruturada da língua, a coerência do desempenho falado e a regularidade da mudança estão na língua do falante-ouvinte individual.

O autor cria, assim, uma dicotomia entre idioleto e uso linguístico. Nesse caso, este seria resultado daquele, ou seja, uma comparação entre idioletos teria como resultado uma “média” que determinaria o que é realmente normal na língua - o uso linguístico.

De acordo com Paul, há uma gramática psicologicamente internalizada que gera os enunciados dos falantes. Com isso, estabelecem-se relações entre os componentes linguísticos. Estudar a língua do indivíduo era a base da investigação linguística para Paul, o que atribuiria a essa investigação um caráter mais psicológico.

Mesmo reconhecendo a faceta social da língua, Saussure reflete a ideia de Paul, quanto ao idioleto, ao afirmar que, numa mesma comunidade, entre todos os indivíduos ligados através da linguagem se estabelece uma espécie de média.

Os linguistas estruturalistas americanos se vincularam aos neogramáticos quando não deram importância à sistematicidade da língua heterogênea de uma comunidade. O estruturalismo não possuía um aparato metodológico para sistematizar a variação e não conseguia entender como a língua continuava funcionando enquanto mudava. O linguista Ferdinand Saussure se dedicou ao estudo da língua como estrutura homogênea e, durante muitas décadas do século XX, essa concepção se consolidou com o estruturalismo e a dicotomia saussureana entre *langue* e *parole* permeou os estudos linguísticos. Esta concepção teve continuidade, de certa maneira, no modelo gerativo desenvolvido por Chomsky em meados do século XX.

No entanto, desde o início do século XX, alguns estudiosos vêm atentando para o caráter social da língua e cita-se Meillet como precursor desse novo olhar sobre a língua, como afirma Labov (2008 [1972]):

Meillet, contemporâneo de Saussure, pensava que o século XX assistiria o desenvolvimento da explicação histórica baseada no exame da mudança linguística encaixada na mudança social (1921). Mas discípulos de Saussure, como Martinet (1961), repudiaram ativamente essa opinião e empreenderam esforços para que a explanação linguística ficasse confinada às inter-relações de fatores internos, estruturais (LABOV, 2008 [1972], p. 217).

Nesse sentido, a posição de Meillet diverge das ideias de Saussure, pois o autor entende que a língua deve ser concebida como um fenômeno social, e, conseqüentemente, pode receber influência de fatores externos e que há uma estreita relação entre mudança linguística e seu contexto externo.

1.2.2 A Teoria Variacionista

Em 1964, num Congresso realizado na Universidade de Califórnia em Los Angeles (UCLA), foi proposta uma nova área de estudos – a “Sociolinguística”. Deste evento

participaram vários estudiosos, dentre eles William Labov, que já reconheciam e estudavam a relação entre língua e sociedade. Essa ciência trata das relações entre linguagem e sociedade, nas quais se inserem os termos “variação” e “mudança”, além de estabelecer a diversidade linguística como objeto de estudo.

Na obra *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) formularam um modelo capaz de contemplar a influência dos fatores sociais nos estudos linguísticos. A base dessa teoria se encontra no postulado de que é possível fazer uma descrição sistemática da variação existente em uma língua. A variação para os autores passa a ser inerente às línguas em geral, podendo ser estudada e sistematizada. O objetivo de uma pesquisa sociolinguística é, então, estudar a variação linguística, apreendendo a sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua possível relação com a mudança linguística.

A Sociolinguística se estabelece definitivamente com os estudos de William Labov sobre o inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard, em que o autor aponta o importante papel desempenhado pelos fatores sociais para a explicação da variação linguística encontrada naquele local. Para ele o termo sociolinguística era inadequado, pois não concebia um estudo linguístico que não levasse em consideração a influência dos fatores sociais, ou seja, todo estudo linguístico teria necessariamente também um enfoque social, como afirma no seguinte trecho:

Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social. Quando publiquei pela primeira vez os estudos sobre Martha's Vineyard e Nova York, que compõem a base da primeira parte deste livro, pareceu necessário reafirmar esse ponto repetidas vezes. (LABOV, 2008 [1972], p.13).

Lucchesi (2004, p.85) lembra que “[...] a sociolinguística variacionista vai se estabelecer como modelo teórico, na década de 1960, promovendo a interação entre o sistema de relações linguísticas objetivas e as disposições estruturadas da rede de relações sociais e ideológicas, nas quais essas relações linguísticas objetivas se estruturam [...]”.

A Teoria da Variação, como dita anteriormente, teve como principal liderança William Labov e se baseia no estudo de dados colhidos das práticas orais cotidianas e da fala espontânea. A língua, portanto, existe enquanto interação social, criando-se e transformando-se em função do contexto sócio-histórico, estabelecendo uma heterogeneidade ordenada como fator constitutivo de um sistema linguístico. Veio, enfim, questionar outras escolas

linguísticas, como o Estruturalismo, por exemplo, que excluíram deliberadamente a influência das questões sociais sobre a língua, postulando que o linguista deveria se ocupar da língua enquanto sistema homogêneo e invariável.

A sociolinguística variacionista propõe explicar as questões sobre a mudança linguística através de dois princípios teóricos fundamentais: (i) o sistema linguístico é tão plural e heterogêneo quanto a comunidade de fala a que pertence; (ii) os processos de mudança que podem ser observados em uma comunidade derivam de uma variação nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que toda mudança implica necessariamente variação, mas a variação não implica necessariamente mudança.

Segundo Labov (1968 [1972]), a comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas sobretudo pela participação num conjunto de normas estabelecidas. Tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e na uniformidade de modelos abstratos de variação, que são invariantes com relação aos níveis particulares de uso.

Diante disso, os processos de mudanças contemporâneas que acontecem em uma comunidade de fala são de extrema importância para a sociolinguística. Dentro dessa comunidade de fala sempre existirão variações entre as formas linguísticas, com duas formas ocorrendo ou concorrendo ao mesmo tempo. A Sociolinguística volta-se para as comunidades, isto é, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores, com o mesmo interesse e rigor científico. As diferenças apresentadas pelas diversas comunidades são a razão pela qual o linguista percebe a importância social da linguagem.

As formas em variação são denominadas de "variantes linguísticas". Para Tarallo (2007, p.8), "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade". Denomina-se variável linguística um conjunto de variantes. Essas variáveis são divididas em variáveis dependentes, isto é, o fenômeno que se pretende estudar, como, por exemplo, a palatalização das consoantes oclusivas dento-alveolares, quando precedidas da semivogal anterior alta, e variáveis independentes que são os fatores que influenciam o uso de uma ou de outra variante, podendo ser estruturais ou extralinguísticos. Nessa mesma linha de pensamento, Mollica (2003, p. 11) lembra que:

Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou

variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

A Sociolinguística trabalha com o método empírico de pesquisa, com o procedimento das entrevistas sociolinguísticas, e tem como objeto o modo natural da fala de determinada comunidade (ou seja, as normas linguísticas, em especial as normas vernáculas, usadas em situações naturais de interação social).

Muitas são as áreas de interesse da Sociolinguística Variacionista, dentre as quais estão: o contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança. Todos esses itens constituem temas de investigação nessa área.

Para realizar a pesquisa sociolinguística é necessária a presença de alguém estranho à comunidade, isto é, o pesquisador em um momento dialógico também estranho (a presença de um microfone e de um gravador), gerando, assim, um problema comum a todo pesquisador sociolinguista – o Paradoxo do Observador, a que se refere Labov (2008 [1972]): ele precisa gravar a fala espontânea dos informantes e é necessária sua participação direta para a coleta dos dados que o interessam; porém sua presença atua como fator perturbador dessa espontaneidade. Cabe ao pesquisador adotar estratégias para compensar os efeitos desse paradoxo, como, por exemplo, a utilização de um roteiro de entrevista dirigida para determinados temas, como situações de risco, morte, infância, acontecimento marcante. Ao falar sobre experiências com as quais se envolveu afetivamente, o falante esquece-se de monitorar a sua fala.

À Teoria Sociolinguística cabe equacionar cinco problemas relativos às mudanças linguísticas: os fatores condicionadores, o encaixamento, a avaliação, a transição e a implementação. O encaixamento está intimamente ligado aos fatores condicionadores e explica como determinada mudança pôde ocorrer nos contextos linguístico (inclusive relacionados a outras mudanças paralelas, conseqüentes ou decorrentes), histórico e social.

A avaliação diz respeito à aceitação da mudança pela sociedade no momento em que aconteceu. Tem um caráter eminentemente social, pois é o falante, muito mais que a fala, o objeto do julgamento, como nota Lucchesi (2004, p. 177-178):

[...] o processo histórico de estruturação das línguas passa de forma decisiva pelo plano das reações individuais coincidentes em relação à mudança linguística. E mais, tal reação subjetiva dos falantes pode alterar o curso de

uma mudança, ou mesmo fazer retroagir tal processo.

Uma variação linguística que sofre condicionamento sócio-estilístico é considerada um marcador; se o condicionamento for apenas social (ou com um mínimo de influência estilística), teremos um indicador. Um indicador linguístico não sofre avaliação social e tende a se manter no sistema convivendo com outras formas em variação estável, já um marcador, por ser avaliado de forma levemente negativa para uso em alguns contextos, pode acarretar mudança linguística. Variantes com avaliação social fortemente negativa são consideradas estereótipos.

Em um estudo sociolinguístico estabelece-se a influência de cada fator na realização de uma ou outra variante e também as relações entre o processo de variação que ocorre na língua em um determinado momento e os processos de mudança que acontecem na língua ao longo do tempo.

A análise das variáveis sociais permite definir e explicar o quadro de variação observada na comunidade de fala através da divisão entre variação estável e mudança em progresso. No primeiro caso, não há uma predominância de uma forma linguística sobre a outra e a variação tende a se manter por um longo tempo, já no segundo caso, o processo de variação tende a se resolver, visto que uma variante deve-se generalizar, tornando o seu uso quase categórico dentro da comunidade. Assim, a tendência das outras variantes seria desaparecer.

Na transição, ocorre a distribuição contínua através de sucessivas faixas etárias da população, surgindo, então, o traço arcaico/inovador. A mudança depende de o falante aprender uma forma alternativa, que vai conviver com uma forma concorrente, uma das quais vai se tornar obsoleta. Como bem aponta Lucchesi (2004, p.175), “... o problema da transição levanta a aliciente questão de estabelecer o percurso da mudança linguística na estrutura social”.

Na implementação, acontece o envolvimento de estímulos e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura da língua, e é na fase de implementação, que, de acordo com Lucchesi (2004), surge a pergunta “Por que uma dada mudança ocorreu em um momento e em um lugar determinados, e não em outro momento e/ou outro lugar?”

A grande questão para o estudo sociolinguístico é verificar se um processo de variação tende a se resolver em função de uma determinada variante, efetivando a mudança, ou se as variantes se mantêm no uso linguístico da comunidade, dentro de uma estratificação específica, caracterizando uma variação estável. Segundo Faraco (2005, p. 186):

Com esse tipo de estudo, a sociolinguística dá nova força empírica ao princípio de que a mudança não se dá por mera substituição discreta de um elemento por outro, mas que o processo histórico, pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação, envolve fases em que as variantes, estratificadas social e estilisticamente, coexistem e fases em que elas entram em concorrência, ao cabo da qual uma termina por vencer a outra, podendo, por vicissitudes do processo, subsistirem áreas sociais e/ou geográficas em que a mudança não se dá.

Na proposta de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a mudança linguística é entendida como um fenômeno natural e inevitável da dinâmica interna da língua e se configura a partir das escolhas que a comunidade de fala faz entre duas variantes concorrentes, sendo que uma delas entra em desuso. Assim, uma forma substitui a outra que deixa de ser usada. Isso, porém, acontece de forma lenta e gradual e não abruptamente.

Foi com William Labov na década de 60 que a Sociolinguística pode fazer inferências sobre o desenvolvimento diacrônico da língua a partir de estudos sincrônicos. Para ele, a variação observada sincronicamente em uma língua pode ser um indício de uma mudança em curso, no plano diacrônico. Busca-se, então, compreender o tempo real, onde se encontra o desenvolvimento diacrônico da língua, no tempo aparente. Esse constitui, assim, um tipo de projeção.

1.2.2.1 Mudança Linguística em tempo aparente

A análise da variação linguística em tempo aparente baseia-se em estudos de variação através de dados de falantes com faixas etárias distintas, admitindo que as diferenças entre eles são indícios de uma mudança linguística em curso, quando outros fatos se mantêm constantes.

Labov, em seu estudo de 1963 sobre Martha's Vineyard, utilizou a pesquisa em tempo aparente, atestando, assim, a sua vitalidade e eficiência. E, segundo ele, a importância dos estudos em tempo aparente consiste justamente no fato de que a direcionalidade de uma mudança linguística seja obtida através de dados coletados em uma mesma época, mas com informantes de diferentes faixas etárias.

Se uma forma inovadora estiver sendo utilizada pelos informantes mais jovens, pode estar havendo um processo de mudança em curso. No entanto, a estratificação por idade pode estar indicando um outro processo conhecido por gradação etária (*age-grading*). Entende-se como gradação etária uma mudança no comportamento linguístico dos falantes que se repete a

cada geração. Dessa forma, os falantes mais jovens utilizam formas linguísticas normalmente estigmatizadas socialmente. Entretanto, quando ficam mais velhos, abandonam essa forma e passam a utilizar a forma de maior prestígio social.

Devido a essa gradação etária, Labov (1994[1972]) afirma que a maneira mais adequada de se fazer um estudo das mudanças em tempo aparente é associá-las às evidências dos estudos em tempo real. De certa forma, são os estudos em tempo real que podem mostrar se em uma comunidade linguística há ou não uma mudança em progresso, como afirma Tarallo (2007, p.70): “No momento em que esses resultados do tempo aparente são devidamente correlacionados aos do tempo real, tem-se então finalmente a dimensão histórica completa da mudança.” Ratificando esse pensamento Paiva e Duarte (2003, p. 16) lembram que:

O construto do tempo aparente constitui uma hipótese que tem encontrado, na medida em que se acumulam os estudos sociolinguísticos de diferentes comunidades de fala, evidências favoráveis e desfavoráveis, principalmente no que se refere a fenômenos fonológicos variáveis. Distinguir entre distribuições etárias indicativas de mudança ou de gradação etária característica de todas as gerações constitui um problema cuja solução requer a associação de evidências fornecidas por estudos em tempo real, ou seja, a observação da comunidade de fala através do tempo.

Entende-se que é somente através do confronto entre os dados fornecidos pelo tempo aparente e pelo tempo real que o pesquisador pode distinguir as mudanças que ocorrem de forma gradual em toda a comunidade linguística e as que caracterizam a trajetória do comportamento linguístico do falante ao longo da sua vida.

Por outro lado, essa relação entre tempo real e tempo aparente é muito mais complexa. Essa projeção observada no tempo aparente apoia-se no pressuposto de uma estabilidade no comportamento do falante. Porém, não se pode ter absoluta certeza disso. Como também não se pode ter certeza de que uma tendência de mudança identificada em um determinado momento não será revertida em um futuro próximo em função de novos fatos.

Essa conjectura entre mudança em curso e variação estável é fundamentada nos resultados obtidos através do cruzamento entre a variável linguística estudada e as variáveis sociais, como idade, sexo, classe social, etc, a partir da noção de prestígio.

1.2.2.2 Mudança linguística em tempo real

O estudo em tempo real refere-se ao confronto de determinados usos num período de tempo. Para que se possa realizar um estudo em tempo real, de acordo com Labov (1994), é necessário a observação das mudanças de longa duração em uma comunidade de fala a fim de arrolar evidências que assinalem alguma variação.

Há dois métodos básicos para que se possa observar um fenômeno levando em consideração o tempo real: (i) procurar texto que no passado registre as variantes em estudo e compará-las aos registros mais atuais e (ii) retornar à comunidade depois de uns vinte anos, com o intuito de repetir os mesmos estudos e verificar se houve algum tipo de mudança.

É importante lembrar que esse segundo método é muito dificultoso, pois não há garantia de que o pesquisador consiga encontrar os mesmos informantes, muitos podem ter morrido, mudado ou simplesmente viajado. Para resolver o impasse de não encontrar o mesmo entrevistado (estudo em painel), há um método alternativo que consiste na realização de entrevistas com informantes que compartilham as mesmas características dos falantes já registrados (estudo em tendência).

Labov propõe que os estudos acerca da mudança linguística se baseiem em estudos em tempo aparente associados aos estudos de painel e de tendência, ambos realizados em tempo real. É evidente que nenhum deles garantirá resultados confiáveis se realizados isoladamente. Por isso, Labov sugere que se faça sempre uma correlação entre eles.

1.2.2.3 As Variáveis Sociais

A análise das variáveis sociais permite definir e explicar o quadro de variação observado na comunidade de fala através da divisão entre variação estável e mudança em progresso. No primeiro caso, não há uma predominância de uma forma linguística sobre a outra e a variação tende a se manter por um longo tempo; já no segundo caso, o processo de variação tende a se resolver, visto que uma variante deve-se generalizar, tornando o seu uso quase categórico dentro da comunidade. Assim, a tendência das outras variantes seria desaparecer.

Silva-Corvalán (1988, p. 1) explicita quais os fatores sociais que podem ser levados em consideração para um estudo sociolinguístico:

Estos factores sociales incluyen los diferentes sistemas de organización política, económica, social o geográfica de una comunidad, factores individuales que tienen repercusiones sobre la organización social en general, como la edad, el sexo y el nivel de educación, la etnia del individuo,

aspectos históricos, la situación inmediata que rodea la interacción; en una palabra, lo que se ha llamado el contexto externo en que ocurren los hechos lingüísticos.²

Amparando-se em estudos anteriores (cf. Santos e Mota, 2008), entende-se que os fatores sociais são de maior relevância para o estudo das “africadas baianas”, principalmente a escolaridade, haja vista que esse fenômeno é estigmatizado pela norma padrão.

1.2.2.3.1 Faixa Etária

Os estudos que tratam da mudança linguística atestam que a variável faixa etária atua como um fator influenciador nas escolhas linguísticas dos falantes, o que implica que os indivíduos que constituem uma comunidade apresentam, conforme sua idade, características diferentes de fala, dependendo, evidentemente, do (s) grupo (s) a que eles pertencem.

Alguns estudos sociolinguísticos mostram a atuação da variável faixa etária como um fator influenciador nas escolhas linguísticas dos falantes. Segundo Fernández (1998, p.40), a idade é um dos fatores sociais mais importantes para a determinação de um uso linguístico em uma comunidade de fala:

En cierto modo, puede afirmarse que la edad condiciona la variación lingüística con más intensidad que otros factores, también importantes, como el sexo o la clase social. En contraste con el factor <<clase social>> o con el <<gênero>>, la edad es un factor constante, dado que su realidad no se ve alterada por cambios socioeconómicos, de actitudes o de organización.³

Em relação à faixa etária, a variação estável se distingue por um padrão curvilíneo, no qual as faixas etárias intermediárias apresentam a maior frequência de uso das formas de prestígio; já na mudança em progresso, a distribuição seria inclinada, sendo que os mais jovens teriam uma maior frequência de uso das formas inovadoras (cf. Chambers e Trudgill, 1994).

Segundo Naro (2003), ainda que as organizações sociais de cada comunidade linguística possam ter certas peculiaridades não previstas, há um comportamento considerado

2 Estes fatores sociais incluem os diferentes sistemas de organização política, econômica, social ou geográfica de uma comunidade, fatores individuais que têm repercussões sobre a organização social em geral, tais como idade, sexo e nível de escolaridade, etnia dos indivíduos, aspectos históricos, a situação imediata em torno da interação, em suma, o que tem sido chamado de contexto externo em que ocorrem fatos linguísticos.

3 De certa forma, pode-se afirmar que a idade condiciona a variação linguística com mais intensidade que outros fatores, também importantes, como o sexo ou a classe social. Em contraste com o fator classe social ou com o gênero, a idade é um fator constante, visto que sua realidade não se vê alterada por trocas socioeconômicas, de atitudes ou de organização.

esperado. Por exemplo, falantes mais velhos costumam preservar mais as formas consideradas conservadoras, o que pode acontecer com pessoas mais escolarizadas, com camadas da população que gozam de maior prestígio social, com grupos sociais que sofrem pressão normatizadora, a exemplo de falantes do sexo feminino em geral, ou com pessoas que exercem atividades socioeconômicas que necessitem de uma boa apresentação pública

Em um estudo sobre a estratificação do /r/ em Nova Iorque, Labov considera a faixa etária como um possível fator influenciador do padrão. O recorte na idade foi feito separando-se cada faixa etária em um intervalo de cinco anos, pois, conforme o autor “estes números não podem ser considerados confiáveis, a não ser no tipo de comparação mais simples”. (Labov, 2008[1972], p.78). Para este estudo Labov fez duas pesquisas paralelas: o estudo da pronúncia do /r/ por pessoas que trabalhavam em lojas de departamento (*department stores*) e o uso do /r/ por falantes da região de Lower East Side. Para o primeiro, os informantes se distribuíram em três faixas etárias: 15-30 anos, 35-50 anos, e 55-70 anos. No estudo em Lower East Side, por sua vez, os informantes selecionados tinham idades entre 20-29 anos, 30-39 anos, 40-49 anos, e 50 anos. Embora os recortes não tenham sido os mesmos os resultados apontaram um crescimento súbito, em tempo aparente, da estratificação social da variável em questão na fala casual. Para os informantes mais velhos houve pouca relevância da significância social da pronúncia de /r/, já nas faixas etárias abaixo de quarenta anos a pronúncia de /r/ agiu como um marcador de prestígio.

Por outro lado, Labov (2008 [1972]) afirma que as diferenças entre as faixas etárias podem ser fictícias, quando se leva em consideração a distinção entre os grupos não somente pela ótica da idade, mas também por outros fatores sociais. Em uma pesquisa sociolinguística, os resultados relativos à faixa etária costumam trazer generalizações a respeito do andamento de uma variação ou de uma mudança linguística. Porém, deve ser feita uma análise mais acurada, pois nem todo indício de mudança em curso é consequência da idade dos informantes.

As mudanças ocorridas devido a pressões sociais e/ou profissionais, apresentam-se contrária à hipótese de que os indivíduos cristalizam sua forma de falar aos 15 anos, mais ou menos (NARO, 2003, p. 44). Essa ideia de cristalização da língua nos indivíduos é defendida pela maioria dos linguistas e, devido a isso, é conhecida como “hipótese clássica”. De acordo com essa hipótese, fundamentada na psicologia desenvolvimentista, “a gramática do indivíduo não pode sofrer mudanças significativas porque o acesso aos dispositivos cognitivos que possibilitam a sua manipulação (a chamada faculdade da linguagem) fica bloqueado” (NARO, 2003, p. 44).

No entanto, dados empíricos apontam que a hipótese clássica nem sempre se sustenta, pois além do caos da pressão social ou profissional, que retratada Chambers (1994), estudos de painel realizados por pesquisadores brasileiros mostram que alguns indivíduos realmente apresentam mudança de seu comportamento linguístico durante sua vida, enquanto que outros o mantêm, como observado por Braga (2003), Roncarati (2003), Naro e Scherre (2003), Omena (2003), dentre outros

O menor uso das africadas baianas pela primeira faixa etária como apontam alguns estudos (cf. Santos e Mota, 1998), pode indicar, de alguma maneira, um desaparecimento dessa forma de palatalização.

1.2.2.3.2 Gênero

É fato conhecido que o gênero desempenha um importante papel entre os fatores externos envolvidos na variação e na mudança linguística. Isso porque há alguns trabalhos, na literatura sociolinguística, que evidenciam um comportamento linguístico diferenciado entre homens e mulheres.

Homens e mulheres desempenham e vivem, de certa maneira, papéis e realidades sociais distintos, uma vez que cada fator não atua sozinho nas escolhas dos falantes, mas age juntamente a outros fatores como idade, classe social, tipo de ocupação, entre outras. Em alguns casos, homens e mulheres têm uma maneira de falar peculiar, evidenciando diferenças lexicais ou algumas vezes construções oracionais. Labov (2001) atesta essa diferença, mas ressalta a importância dos papéis sociais exercidos pelos falantes.

Em relação às variáveis estáveis, por exemplo, Gordon (1997), Labov (2001) e Paiva (2003) concluem que as mulheres têm a tendência de utilizar mais as formas padrão da língua, evitando as estigmatizadas, que os homens da mesma classe social. Assim, Labov (2001, p. 266) estabeleceu o princípio de que as mulheres apresentam um menor uso de variantes estigmatizadas e um maior uso de variantes de prestígio do que os homens. No entanto, o autor observa que para que esse princípio seja válido, faz-se necessário que as mulheres tenham acesso às normas-padrão da língua. Essa restrição é feita pela necessidade de se considerar que o fator gênero, assim como qualquer outro fator extralinguístico, não pode ser analisado isoladamente. Isto é, depende da sua relação com outros fatores como faixa etária, escolarização, classe social, estilo, dentre outros.

Conforme bem lembra Paiva (2003, p. 39), existem indicações de que o processo de escolarização age de forma mais expressiva sobre as mulheres do que sobre os homens.

Segundo a autora, “a mulher se revela mais receptiva à atuação normativa da escola, mais predisposta à incorporação de modelos linguísticos”.

Os estudos de Labov (2001) em uma comunidade de fala na Filadélfia demonstraram o que o linguista chamou de paradoxo do gênero, e inclui a seguinte conclusão global: as mulheres usam níveis mais baixos de variáveis estigmatizadas do que os homens. Por outro lado, essa propensão das mulheres em direção à fala de maior prestígio limita-se àquelas sociedades em que as mulheres exercem um papel na vida pública. Com vistas a esse fato, Paiva (2003, p. 41) cita o exemplo de alguns estudos sobre o árabe falado em algumas comunidades, em que “a mulher tem menor participação na vida pública, a variedade mais prestigiada, no caso do árabe literário, é do domínio masculino”.

Lucchesi e Araújo⁴ lembram que:

É preciso que se faça uma análise crítica desses parâmetros, evitando a sua aplicação mecânica a realidades sócio-culturais totalmente distintas, como a de comunidades rurais, em um país com um desenvolvimento industrial tardio e dependente como o Brasil.

Essas diferenças entre o comportamento linguístico de homens e mulheres podem ser comprovadas através de diversos estudos sociolinguísticos, principalmente os de Labov (2001).

De acordo com Labov (2001, p. 262), o comportamento linguístico de homens e mulheres é baseado em aspectos sociais, isto é, as mulheres, mesmo possuindo a sua emancipação social e econômica em algumas sociedades, não conseguem pertencer a um grupo de poder e *status*, cabendo-lhes a tarefa de educar os filhos. Dessa maneira, as mulheres conscientes da sua posição inferior socioeconomicamente tentam, através do uso de normas linguísticas de prestígio, diminuir sua desvantagem em relação aos homens em outros campos.

Para o presente estudo, o comportamento entre a fala masculina e feminina pode auxiliar na interpretação dos resultados e na análise de dados de como as “africadas baianas” estão inseridas nos complexos grupos sociais.

1.2.2.3.3 Escolaridade

⁴Texto disponível no site: www.vertentes.ufba.br

Conforme nota Votre (2003, p. 56), a variável escolaridade tem uma parcela relevante para a promoção ou a resistência à mudança:

Cabe destacar e atribuir à escola um mérito nada desprezível: o de ser responsável por uma parcela relevante da tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional, de prestígio, requer. A escola, sozinha, não faz a mudança, mas mudança alguma se faz sem o concurso da escola. Se tal truísmo se aplica aos processos revolucionários em geral, aplica-se também nas situações de ensino e aprendizagem da língua materna, no nível padrão.

De acordo com Labov (1982, p. 77-78), os falantes de classes mais altas e de maior nível de escolaridade tendem a usar mais as formas socialmente aceitas, isto é, possuem uma maior frequência de uso das formas de prestígio do que os falantes de classe média, e, conseqüentemente, estes, uma maior frequência do que os da classe baixa.

Faz-se necessário levar em consideração os demais fatores sociais para se obter respostas mais concretas, como lembra Bortoni-Ricardo (2005, p.24):

Já se observou que as variedades lingüísticas no Brasil não são compartimentadas. Caracterizam-se por uma relativa permeabilidade e fluidez que se pode representar com um continuum horizontal, em que as variedades se distribuem sem fronteiras definidas. A variação ao longo desse continuum vai depender de fatores diversos, tais como a mobilidade geográfica, o grau de instrução, a exposição aos meios de comunicação de massa, bem como as outras agências implementadoras da norma culta e urbana, ao gênero, grupo etário, mercado de trabalho do falante, etc.

1.2.2.4 Os aspectos contextuais

A variação estilística da língua, isto é, as alternâncias pelas quais um falante ajusta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala, desempenha um papel importante na mudança linguística. Para Labov (2008 [1972], p. 313), “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer a “mesma coisa” de várias maneiras diferentes, ou seja, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística.”

Segundo Labov (2008 [1972]), a investigação inicial do uso do inglês na cidade de Nova York indicou que havia uma diferenciação nas escolhas linguísticas dos falantes, a depender do estilo e dos contextos discursivos. O autor observa que há a existência de contextos discursivos em que o falante opta por um estilo mais monitorado e outros em que o falante faz uso de uma fala mais distensa, a que se chama de fala casual. Em seu estudo sobre

a presença ou ausência do *r* final de sílaba no inglês de Nova York chegou à conclusão de que diferenças de contextos formal e informal levariam os falantes a empregar estilos formais ou informais, respectivamente, ou que quanto mais casual o contexto, mais a pronúncia se afastaria das variantes de prestígio.

Para ele, o estilo mais simples de definir é o da fala monitorada que ocorre normalmente quando o falante está respondendo a perguntas que são reconhecidas por ele como parte de uma entrevista. O estilo monitorado abarca: resposta à entrevista, estilo de leitura e palavras isoladas. Ainda de acordo com Labov (2008 [1972], p.111), a fala espontânea “se refere ao padrão usado na fala excitada, carregada de emoção, quando os constrangimentos de uma situação formal são abandonados.” Os níveis de fala casual envolvem: a fala fora da entrevista formal, fala com uma terceira pessoa em qualquer parte da entrevista, fala que não responde diretamente a perguntas, parlendas e rimas infantis, narrativas sobre risco de vida.

Assim, entende-se que os aspectos contextuais podem influenciar sob diversas formas como a linguagem é usada, pois diversos estudos variacionistas têm comprovado que os falantes possuem um repertório linguístico que pode variar a depender de onde se encontram e com que falam.

Conforme lembra Macedo (2003, p. 59), os falantes são capazes de se adaptarem aos ambientes em que se encontram:

Tudo indica que os falantes possuem um repertório linguístico que pode variar dependendo de onde se encontram e com quem falam. Em ambientes mais descontraídos, entre pessoas com quem se tem maior intimidade ou quando não informais. Esses mesmos falantes, em ambientes de maior formalidade, entre pessoas que não conhecem, em pessoas de posição hierárquica diferente, ou em situações em que estão autoconscientes quanto à linguagem, são capazes de adaptar sua maneira de falar e usar com maior frequência as variantes de prestígio, segundo as normas.

2 A AFRICATIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS DEPOIS DE SEMIVOGAL PALATAL ALTA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

As “africadas baianas” têm sido objeto de estudo de alguns pesquisadores, razão pela qual se faz aqui uma revisão bibliográfica desse assunto, em ordem cronológica crescente. A partir dos resultados obtidos, procura-se delimitar os objetivos e levantar hipóteses sobre o fenômeno em questão e reunir evidências e indagações acerca da sua origem.

2.1 FURLAN (1989)

Furlan (1989), em sua tese de doutorado, fez um levantamento dos traços mais característicos do açoriano-catarinense para cumprir os seguintes objetivos: (i) determinar, em perspectiva étnico-diacrônica, as vertentes desses traços; (ii) contribuir para o estudo da gênese e da evolução desse falar e para o equacionamento da questão em pauta; (iii) arrolar e resenhar os textos que, em livros e periódicos, considerou relevantes para o estudo das vertentes e das variantes do português falado em Santa Catarina.

A metodologia empregada consistiu em inventariar, analisar e comparar dados lingüísticos contidos em documentos históricos de qualquer natureza e época e em complementá-los pela análise do quadro dialetológico daquela época da língua portuguesa. Em relação à palatalização do /t/ depois da semivogal palatal alta, o autor lembra que esse processo não tem relação com a africada palatal /tʃ/, grafada *ch* e originária dos grupos latinos /cl,fl,pl/, em exemplos como *chave (clave)*, *inchar (inflare)*, etc. “Esse fonema [...] ainda subsiste nos falares setentrionais de Portugal [...] e está em uso em Cuiabá”. (FURLAN, 1989, p. 135)

O seu contexto de africação também não é o mesmo do falar carioca, no qual ocorre uma africação do /t,d/ diante de [i] ou [j], como em *tio*, *dia*, *ótimo*, etc.

Segundo o autor, o fenômeno em estudo foi registrado apenas com a oclusiva surda /t/, quando vem precedida de vogal tônica + /j/ e seguida de vogal recuada, não sendo registrado casos para a sonora /d/.

Diatopicamente, o fenômeno encontra-se desde o extremo sul do estado até Itajaí e Ilhota e, talvez, ainda mais para o Norte. Diastraticamente, essa africação foi encontrada também em falantes cultos, porém o predomínio se encontra nos falantes não-cultos.

Furlan (1989) afirma que o apagamento do “íode gráfico” na palatalização do /t/ no decurso –it ocorre na Bahia e por expansão no Nordeste de Minas, bem como no açoriano-catarinense e cita exemplos como *oito* [‘otʃu] e *muito* [‘mũtʃu].

Com base nos estudos de Marroquim (1934), Teixeira (1944) e Aguilera (1987), Furlan afirma que esse tipo de africacão não ocorre em Pernambuco e em Alagoas, nem em Goiás e Londrina.

Ao concluir a sua pesquisa, o autor catarinense constatou que a palatalização do /t/ diante da semivogal palatal alta /j/, uma das características do falar catarinense, não foi introduzida pelos açorianos nem em Santa Catarina nem nas demais áreas do Brasil, considerando a inexistência desse fenômeno no português europeu continental e nos falares das Ilhas do grupo central dos Açores. Além disso, como esse fenômeno da africacão ocorre em falares brasileiros distantes geograficamente, Furlan (1989) o considerou como um processo resultante de uma assimilação, isto é, de uma transformação que é natural às línguas.

2.2 HORA (1996;1998)

Hora (1996) estudou a palatalização das oclusivas dentais /t,d/ sob a perspectiva da teoria da Variação. A pesquisa foi realizada na comunidade de João Pessoa (PB) e a amostra analisada constituiu-se a partir do *corpus* do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB).

Seu objetivo foi descrever o comportamento das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/, evidenciando sua distribuição entre as variáveis sociais sexo, anos de escolaridade e faixa etária.

O autor dividiu os dados em três contextos. Para esta dissertação cita-se o contexto 2 que abarca formas como *muito* e *oito* e o contexto 3 com formas do tipo *seita* e *muita*. O contexto 1 diz respeito a formas como *rede*, *noite*, *tinha*, *disse*.

Em relação ao contexto 2, a variável sexo não apresenta resultados muito expressivos: em ambos os sexos tem-se índices probabilísticos muito próximos do ponto neutro (0,50). O sexo masculino com 16% de frequência e 0,49 de peso relativo e o feminino com 18% e 0,51. Para a variável anos de escolarização, têm-se os analfabetos e universitários inibindo a aplicação da regra com 10% de frequência e 0,39 de peso relativo, enquanto os informantes de 1 a 4 anos e 5 a 11 anos de escolarização favorecem a palatalização com 26% e 0,66 e 20% e

0,58 de frequência e peso relativo, respectivamente. Para Hora (1996), é no cruzamento do sexo com anos de escolarização que se tem resultados mais expressivos para esse contexto:

O cruzamento da variável sexo com as demais, como era esperado, apresentou resultados significativos: em primeiro lugar, com anos de escolarização, confirma-se a inibição à regra por universitários e analfabetos de ambos os sexos; em segundo lugar, fica claro que são os homens da faixa etária 15-49 os que mais a favorecem, enquanto as mulheres se mantêm estáveis. (p. 8)

No que concerne ao contexto 3, este foi o que menos se mostrou produtivo, com 9% apenas de aplicação de regra. Em relação à variável sexo, constata-se que o sexo masculino apresenta índices bastante favoráveis à aplicação, enquanto que o sexo feminino é forte inibidor. Relativo à variável anos de escolarização, observa-se que os universitários inibem a aplicação da regra. Os analfabetos e aqueles com 9 a 11 anos de escolarização são os fortes favorecedores à aplicação da regra. Com o cruzamento das variáveis sexo e anos de escolarização, têm-se resultados mais esclarecedores. Ressalta-se a ausência dos universitários, que nunca aplicam a regra. São os escolarizados homens, principalmente aqueles com 9 a 11 anos de escolarização, que possuem índices mais altos de aplicação. Ao contrário deste, os falantes do sexo feminino que mais aplicam a regra são os analfabetos. Em relação ao cruzamento faixa etária e sexo, as mulheres jovens inibem a aplicação da regra nesse contexto, enquanto que os homens mais jovens apresentam índices mais altos de aplicação da regra.

Por fim, o autor relata que há uma estreita relação entre o comportamento das oclusivas dentais e as variáveis sociais controladas. Além disso, “a palatalização das oclusivas dentais em qualquer um dos tipos de ocorrência não caracteriza o falar pessoense.” (HORA, 1996).

Em um estudo posterior, Hora (1998) conclui que a palatalização em estudo está presente em João Pessoa, com sua ocorrência voltada para poucos itens lexicais como muito, oito, jeito, seita, doido e prefeito e que há uma estreita relação entre essa palatalização e os fatores sociais.

2.3 MOTA; ROLLEMBERG (1997)

Mota e Rollemberg (1997) analisaram as variantes africadas palatais em Salvador, a partir da amostra de fala de 32 informantes do Banco de Dados do Projeto Norma Urbana

Culta- Projeto NURC. Analisou-se o desempenho linguístico de falantes de nível universitário, naturais de Salvador, filhos de pais também soteropolitanos. Além disso, com o objetivo de verificar a variável situação do discurso, foram utilizados dois tipos de inquérito: 16 elocuições em situação formal, tais como aulas ou conferências (EF), e 16 inquéritos entre o informante e o documentador (DID).

Para Mota e Rollemberg (1997, p.3) essa variante é pouco utilizada pelos indivíduos de maior grau de instrução, indicando uma forte relação entre palatalização e escolaridade:

O caráter estrático das variantes africadas palatais nos decursos –it-, -id- da norma padrão fica evidenciado quando se confrontam informantes de diferentes níveis de escolaridade. Ouvidas, com frequência, a falantes pouco escolarizado, na área rural do chamado ‘falar baiano’, conforme se documenta nos atlas citados [APFB, ALS], essas variantes ocorrem com baixa frequência nos informantes do Projeto NURC [...].(p.3)

Apesar das poucas ocorrências do fenômeno em questão, podem-se fazer algumas considerações a respeito dos fatores extralinguísticos situação do discurso, sexo e faixa etária dos informantes. Considerando a situação do discurso, as autoras observaram a interferência do grau de formalidade da elocução na realização das variantes africadas. Em geral, a palatalização ocorre quando há um maior grau de espontaneidade, às vezes entre risos.

Em relação ao sexo, há um diferente percentual entre a incidência da variante palatal na fala feminina e na fala masculina, sendo registrados dezesseis exemplos na primeira e oito na segunda. Considerando a relação entre categoria de texto e sexo do informante verificou-se neste trabalho que o maior número de ocorrências da variante palatal encontra-se nos DIDS, no grupo feminino. Quanto ao cruzamento entre texto e faixa etária verificaram-se quinze ocorrências, em DIDs de informantes da faixa 4, onze em informantes femininos e quatro em informantes masculinos. O cruzamento entre sexo e faixa etária aponta uma predominância maior da variante palatal em informantes do sexo feminino, da última faixa etária.

Tratando do desempenho individual dos nove informantes da amostra que realizam a africada palatal em seu discurso, destacam-se: (i) duas informantes femininas da faixa 4 em entrevistas do tipo DID; (ii) dois informantes mais jovens, também em tipo DID.

Quanto aos informantes masculino de faixa etária 1, apenas em um se registra a africada palatal [tʃ]. Essa sua particularidade poderia ser proveniente de uma atitude pouco formal adotada em seu desempenho durante a gravação, marcado por momentos de descontração e de certa ironia, consequência de uma atitude crítica em relação ao tema desenvolvido.

Esse trabalho observou que as variantes palatais condicionadas contextualmente pela presença da semivogal precedente são ouvidas com frequência na área rural do chamado “falar baiano” por falantes não escolarizados ou com um pequeno grau de escolaridade. Por outro lado, são pouco documentadas em áreas urbanas, no desempenho de falantes universitários, sendo caracterizadas, assim, como variantes diatópicas e diastráticas.

Além disso, em área urbana, essa variante fica limitada apenas a formas monovocabulares como *muito*, *oito*, *sujeito*, por exemplo. Pelo contrário, na área de falar rural verifica-se a ocorrência dessa palatalização também em sequências fônicas que envolvem mais de um vocábulo, como em *tem tudo* [ˈtẽ̃ˈtʃudu].

A ausência total da variante sonora [dʒ] e a baixa frequência da variante [tʃ] nos informantes do Projeto NURC, sendo frequente nos informantes que já possuíam mais de 56 anos, são, provavelmente, indícios de um desaparecimento das africadas em Salvador.

Entende-se também que as “africadas baianas” são bastante marcadas estraticamente, principalmente se comparada às africadas palatais condicionadas pela vogal alta seguinte, isto é, as “africadas cariocas” que gozam de grande prestígio. As africadas baianas apresentam-se como variantes estigmatizadas, associadas a falantes não alfabetizados ou pouco alfabetizados.

Essa análise constatou que, baseado no *corpus* utilizado, há uma mudança em curso em direção a uma não palatalização das consoantes oclusivas/ t, d/ quando precedidas da semivogal palatal alta pelos falantes de grau de escolaridade mais alto, visto que ela é bastante estigmatizada.

2.4 MOTA (2001; 2011)

Mota (2001) estudou as “africadas baianas” com o objetivo de analisar alguns exemplos de variação diafásica, no nível fônico. Para isso, selecionou doze inquéritos experimentais do Projeto ALiB, realizados na Bahia, em 1999 e em 2000: oito informantes que cursaram até a 4ª série do ensino fundamental – quatro em Salvador e quatro em Santo Amaro – e quatro informantes soteropolitanos, de nível universitário.

Para Mota (2001) há uma estreita relação entre o uso das africadas baianas e o monitoramento da fala:

A consciência de alguns falantes quanto ao caráter estrático da variante africada e, conseqüentemente, a utilização de outra variante em situação de

fala monitorada, pode ser flagrada nos inquéritos analisados, fato que leva a classificar tais variantes como diafásicas. (p.5)

A autora chama a atenção para a realização da variante palatal da palavra *muito* ter sido documentada com maior frequência na cidade de Santo Amaro. Por outro lado, a africada palatal não foi documentada na fala dos informantes de nível universitário, porém esse fato não é conclusivo, visto que essa variante se encontra em alguns dos inquéritos do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta/Salvador (NURC/Salvador), como pode ser observado por Mota e Rollemberg (1997).

Mota (2001) percebe que, quando a pergunta é feita diretamente, alguns dos informantes utilizam a variante não palatal, mas, ao longo do inquérito, em conversa mais informal, fazem uso da forma palatalizada, evidenciando o caráter diafásico da variante em estudo.

É importante ressaltar nesse estudo a multidietalidade e a consciência dos falantes que adaptam o seu desempenho à situação imediata do ato de fala, e isto ocorre independentemente do seu grau de escolarização.

A autora finalizou o seu trabalho comentando a importância dos questionários para o estudo da variação diafásica afirmando que:

Ressalta-se ainda a importância de utilização de tipos diversos de questionário em pesquisas geolinguísticas, uma vez que a interrogação especificamente dirigida para a obtenção de determinado fenômeno linguístico faz aflorar, às vezes, variantes não utilizadas no cotidiano ou utilizadas com menor frequência em elocuições informais, espontâneas. (p.8)

Em trabalho recente, Mota (2011) reafirma a diferença de comportamento do indivíduo, em situações de formalidade mais livre e mais monitorada, em relação às “africadas baianas”. Para este estudo, a autora considerou duas capitais do Nordeste brasileiro: Recife e Salvador. Os resultados mostram que, tanto em Recife quanto em Salvador, as “africadas baianas” ocorreram em elocuições não monitoradas, demonstrando assim a importância da variação estilística desse fenômeno.

2.5 SANTOS; MOTA (2008)

Este estudo foi resultado da pesquisa feita nos anos de 2007 e 2008 no âmbito da Iniciação Científica, no Instituto de Letras da UFBA, e teve como objetivo analisar a

palatalização das consoantes oclusivas dento-alveolares quando precedidas da semivogal palatal alta, em ocorrências como *dodjo* (=doido), *muntcho* (=muito), etc.

A pesquisa foi feita a partir dos inquéritos do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), apoiando-se, do ponto de vista teórico, na Dialectologia, na Geolinguística e na Sociolinguística Variacionista Laboviana.

Em sua realização, foram selecionados 48 inquéritos do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), sendo 08 em cada uma das seguintes capitais: Aracaju Maceió, Salvador, Teresina, João Pessoa e Recife.⁵

Na análise quantitativa dos dados, os fatores mais significativos dentre os selecionados pelo VARBRUL foram os fatores geolinguístico e sociolinguístico. Entre os fatores lingüísticos destacam-se tipo de frase e vozeamento da consoante.

Os dados da cidade de Teresina não foram inseridos no Programa VARBRUL, visto que foi quase categórico o uso da variante não palatal, sendo registrada a variante palatalizada apenas duas vezes. A primeira vez foi com a palavra *prefeitcho* dita pelo informante masculino de faixa 1, universitário, em uma elocução muito rápida, e a segunda com o vocábulo *muntcho* dita pelo informante também masculino, universitário da segunda faixa etária, quando comentava a morte do seu cachorro, em uma elocução bastante espontânea.

Quanto ao fator diatópico, a porcentagem e o peso relativo mais elevados encontram-se na cidade de Maceió, com 60% e 0,88, respectivamente, seguindo-se Aracaju, com 27% e 0,56 de peso relativo, e contrastando com os dados das demais localidades.

Em relação à variável escolaridade, os informantes de nível fundamental utilizam mais a forma palatalizada, com 34% e 0,65 de peso relativo, do que os de nível universitário, com 19% e 0,32 de peso relativo.

Cruzando os resultados relativos à diatopia com os da variável nível de escolaridade, constata-se que, em todas as capitais, os informantes de nível fundamental utilizam mais a forma palatalizada do que os informantes de nível universitário. Na cidade de Maceió, verifica-se um certo equilíbrio entre os dois graus de escolaridade estudados.

Quanto à variável faixa etária, são os informantes da 2ª faixa etária que preferem a forma palatalizada, com 36% e 0,66 de peso relativo, enquanto a faixa 1 tende a manter a variante dental, com 11% e 0,23 de peso relativo.

Em relação ao cruzamento variação diatópica e faixa etária pode ser observado que,

⁵ Em estudos posteriores não publicados, Santos e Mota incluíram a este trabalho as capitais São Luís e Natal. Os resultados apontaram para a ausência dessa palatalização em São Luís e para o pouco número de ocorrências em Natal.

em todas as capitais, a faixa II é a que mais utiliza a forma palatal.

Com a união variação diatópica e gênero, verifica-se que a diferença é irrelevante, em Maceió. Em Aracaju, João Pessoa e Salvador, há diferença, apontando para um maior uso da variante palatalizada pelo sexo masculino. Por outro lado, em Recife ocorre o contrário, embora com índices muito baixos.

Em relação aos fatores linguísticos, o que apresentou resultados satisfatórios foi o tipo de frase, tendo-se percebido maior frequência e probabilidade de variantes palatalizadas nas exclamativas, fato esse apresentado pelo VARBRUL com o percentual de 79% e o peso relativo de 0,83.

Santos e Mota (2008) concluem esse estudo afirmando que o caráter estrático da variante em estudo é relevante em todas as capitais estudadas. Além disso, afirmam que a preferência pelos informantes da faixa 2 indica um começo de mudança.

As autoras também apontam para a importância da variação diafásica para a variante estudada e acreditam que as orações exclamativas favoreçam a aplicação do fenômeno por ter um grau de monitoramento menor e citam a necessidade de um estudo mais aprofundado em outras cidades do Nordeste e Norte brasileiro, para que haja confirmação ou não dos dados.

2.6 DIAS (2009)

Com o objetivo de descrever e analisar o processo de palatalização de /t/ e /d/ antes de vogais como [ẽ], [a], [ẽ], [e], [o] e [u], em exemplos como *muitxo~muito*, *prefeitxu~prefeito* *doidzo~doido*, Dias (2009) delimitou duas comunidades de fala rurais e afro-descendentes, localizadas a sudeste do Estado de Tocantins: Lagoa da Pedra e Canabrava.

A metodologia empregada na coleta de dados baseou-se no modelo de entrevista sociolinguística. Os informantes tinham idade entre 54 e 89 anos, eram não-escolarizados ou pouco escolarizados e nascidos e criados nas comunidades estudadas.

A análise dos dados está dividida em duas partes, sendo a primeira a análise fonológica do processo de palatalização, baseada no modelo proposto pela Teoria da Geometria dos Traços e a segunda fundamentada nos pressupostos teóricos da linguística histórica, em relação à variação, à preservação e à mudança linguística.

Conforme lembra Dias (2009), o glide [j] anterior é o principal motivador para a palatalização em estudo no *corpus* analisado:

Na realidade, o processo de palatalização das consoantes oclusivas /t/ e /d/ não acontece antes de outras vogais. O que ocorre nos dados do *corpus* estudado é a palatalização dessas consoantes motivadas por um glide [j] anterior. Essas consoantes assimilam o traço coronal do glide, palatalizando-se, dando origem a segmentos complexos que, conseqüentemente, serão realizados como consoantes africadas palato-alveolares [tʃ] e [dʒ].

Dias (2009) afirma ainda que é por analogia aos vocábulos de origem latina que outros vocábulos de origem estrangeira, que possuem o [j] anterior à consoante /t/ também se palatalizam. Como exemplo a autora cita o vocábulo *açoita* que se realiza *açoitxa*, do árabe “al çaut”.

Em relação à origem da palavra *doido*, ela é apresentada, segundo Dias (2009), como de origem controversa em Houaiss (2001) e Cunha (2007). Houaiss, porém, supõe que ela procede do galego-português *doudo* (louco, alienado, demente) que deriva do anglo-saxão *dold*>ing. *dolt* (tolo, bobalhão).

Por entender que essa palatalização remete a fatos históricos da língua, a autora acredita que ela é um elemento conservador e não inovador.

Em relação aos fatores externos, foram considerados nesse estudo como relevantes a faixa etária, a escolaridade e a procedência.

O fator idade se mostrou o mais produtivo, visto que são as pessoas mais velhas as que mais utilizam a forma palatalizada em vez da oclusiva dental. Por outro lado, a procedência foi um fator também muito produtivo, pois os informantes que não saíram do lugar para viver em outro tiveram alto índice de palatalização, até mesmo mais do que pessoas com mais idade, que saíram da comunidade para viver em outro lugar por algum tempo. Dias (2009) também observou que o fator não-escolaridade está intimamente ligado ao fator idade, pois os informantes mais velhos são os que menos frequentaram a escola.

Dias (2009) faz referência à importância da variação estilística para a palatalização em questão, afirmando que:

Acredita-se que essa baixa ocorrência no início das entrevistas é devido à consciência do estigma social que sofre essa variante linguística, uma vez que no início o falante ainda não está totalmente envolvido na conversa. Dessa forma, ele se preocupa com o como falar, sendo possível encontrar na fala de um único informante, variações do tipo muito, muitxo, muita, muitxa, luitá, luitxá.

Em relação às variáveis linguísticas, a autora apenas cita quais foram controladas, mas em seu estudo nenhuma foi considerada relevante estatisticamente.

Levando em consideração o contato entre línguas, a autora não considera em seu estudo que a palatalização do /t/ e do /d/ precedidos de semivogal palatal tenha influência de línguas africanas, ainda que a região estudada possua uma presença marcante da cultura afro-descendente, em consequência da utilização da mão-de-obra escrava negra no século XIX.

Por outro lado, Dias (2009) considera que para fazer tal afirmação serão necessárias outras pesquisas em outras comunidades rurais negras, além das rurais não-negras, visando a um estudo comparativo sobre o fenômeno em questão.

2.7 SÍNTESE SOBRE AS AFRICADAS BAIANAS

Após a análise dos resultados nos seis trabalhos, chega-se à conclusão de que as africadas baianas estão presentes tanto em comunidades afro-brasileiras isoladas, quanto na realidade linguística urbana brasileira.

Em todos os trabalhos verifica-se que essa africacão é encontrada também em falantes cultos, porém predomina mais em falantes não-cultos, concluindo, assim, que o caráter estrático da variante em estudo é relevante, como apontam Furlan (1989), Mota e Rollemberg (1997), Santos e Mota (2008) e Dias (2009). Constata-se nesses trabalhos que há uma mudança em direção ao padrão pelos falantes de grau de escolaridade mais alto, visto que essa palatalização é bastante estigmatizada. Além disso, o caráter diafásico também se mostrou importante para o uso das africadas baianas, como demonstra o trabalho de Mota (2001) que aponta para uma estreita relação entre o uso das africadas baianas e o monitoramento da fala.

Outra variável estatisticamente relevante foi utilizada por Hora (1996), Mota e Rollemberg (1997), Santos e Mota (2008) e Dias (2009): a variável idade. O que se notou é que em todas as localidades estudadas a segunda faixa etária é a que mais utiliza a variante palatalizada, o que pode indicar um começo de mudança, já que a faixa I utiliza bem menos as africadas baianas.

Quanto à variável sexo, os informantes de sexo masculino apresentam índices bastante favoráveis à palatalização, enquanto o sexo feminino é inibidor, como demonstram os estudos de Hora (1996) e o de Santos e Mota (2008) nas cidades de Aracaju, João Pessoa e Salvador. No trabalho de Mota e Rollemberg (1997), observa-se o contrário.

Outro fator mencionado apenas por Dias (2009) foi a mobilidade dos informantes, pois os falantes que não saíram da comunidade para viver fora tiveram um índice de palatalização mais alto, do que aqueles que viveram em outro lugar por algum tempo.

Quanto à origem das africadas baianas, apenas Furlan (1989) e Dias (2009) abordam esse assunto. Furlan (1989) conclui que esse processo é resultante de uma assimilação, isto é, de uma transformação que é natural às línguas. Dias (2009) estudou as africadas baianas em duas comunidades de fala rurais e afro-descendentes e concluiu que essa palatalização, apesar de estar presente nas duas comunidades, não tem influência de línguas africanas.

Esses resultados mostram ainda mais claramente a realidade linguística brasileira bipolarizada, de um lado a norma culta, típica dos segmentos escolarizados e, de outro, uma norma vernacular, composta pelos padrões linguísticos da maioria da população brasileira que, principalmente, no interior do país, possui um baixo nível de escolarização.

Assim, espera-se encontrar, na fala popular do interior do país, um índice maior das africadas baianas do que nas capitais, uma vez que a variante africada é estigmatizada e a influência da norma culta cresce a cada dia.

3 METODOLOGIA

A realização desta pesquisa apoiou-se, do ponto de vista teórico, na Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, procurando contemplar, de modo sistemático, além da diatopia, as dimensões sociais como a diassexual, a diageracional, a diastrática e a diafásica, e na Sociolinguística Variacionista, com base nos postulados de Weinreich, Labov e Herzog (2006/1968) e Labov ([1982], 1994, 2001, 2008). Entende-se que para a Sociolinguística Variacionista a variação é algo que pode ser sistematizado e, para isso, procuram-se correlacionar os fatores linguísticos aos fatores sociais, reconhecendo a importância tanto dos primeiros, quanto dos últimos para o fato fônico em estudo.

Conforme lembram Guy e Zilles (2007), há, no decorrer de um estudo quantitativo, três fases a serem seguidas: (i) coleta de dados; (ii) resumo e apresentação dos dados e (iii) interpretação e explicação de dados.

É evidente que o objetivo final de um estudo sociolinguístico não é somente produzir números, mas identificar e explicar fenômenos linguísticos. Neste trabalho, será produzida uma análise quantitativa e qualitativa, averiguando a vitalidade das variantes palatais em algumas cidades da região Nordeste do Brasil, definindo os fatores que a favorecem.

Definiram-se como variável dependente as variantes [t] e [tʃ] para as consoantes surdas e [d] e [dʒ] para as sonoras. Na análise variacionista, foi tomado como valor de aplicação a palatalização.

Seguem alguns exemplos:

[tʃ] “Eu vi **mun[tʃ]as** coisas. Eu vivi com uma mulhé, uma garota e soube que ela tinha engravidado, meu sonho sempre quis... sê pai, eu sempre quis sê pai. A gente era mun[tʃ]u feliz, mas... depois dissero que a mãe dela tava interessada em mim”. (Maceió, informante homem, de faixa etária 1, de nível de escolaridade fundamental)

[dʒ] “... aí eu cheguei lá, ela nasceu. Eu fiquei tão **do[dʒ]a** que a minina eles pega, a minina fica assim pendurada, de cabeça pra baxo. Eu fiquei gritando: Nazaré, Nazaré chama a dotôra pra abri minha barriga, pra eu vê minha filha, minha fia. Ela disse: cê tá **do[dʒ]a**, ó a minina aqui. Aí a minina nasceu sem chorá”. (Maceió, informante feminina, de faixa etária 2, de nível de escolaridade fundamental)

3.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Definida a variável dependente e a comunidade de fala a ser estudada, o próximo passo na realização de estudo sócio-quantitativo é a constituição do *corpus*.

Nesta pesquisa, o *corpus* utilizado se constitui de 36 inquéritos da região Nordeste do Brasil, pertencentes ao *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil e, por esse motivo, a pesquisa de campo foi realizada por outros pesquisadores, em etapas anteriores.

Na elaboração do *corpus*, cujas características serão definidas nas próximas subseções, foram selecionados 20 inquéritos no Estado de Alagoas (Maceió, União dos Palmares, Santana do Ipanema, Arapiraca) e 16 no Estado de Sergipe (Aracaju, Propriá e Estância), ou seja, 04 inquéritos em cada uma das cidades do interior e 08 nas capitais. Esses municípios foram escolhidos a partir do alto índice de palatalização encontrado em alguns estudos prévios como em Santos e Mota (2008).

O *corpus* está organizado de acordo com os seguintes fatores sociais analisados: (i) diassexual, visando a verificar se há diferença entre a fala masculina e a feminina; (ii) diageracional, comparando a fala dos informantes mais velhos com a dos mais jovens; (iii) diastrático, analisando o comportamento linguístico dos mais escolarizados em relação aos menos escolarizados.

A escolaridade é um fator social de grande relevância para esta dissertação, haja vista que esse fenômeno é estigmatizado pela norma padrão, assim como a idade que permitirá um estudo da variação sincrônica em tempo aparente e a verificação de indícios das possíveis mudanças em curso. Quanto à variação diassexual, pode-se verificar se essa variável permitiu que fosse possível identificar as diferenças entre a fala de homens e mulheres em relação à palatalização em estudo.

3.2 OS INFORMANTES

Os informantes, de acordo com o previsto na metodologia do Projeto ALiB, estão distribuídos em duas faixas etárias, a primeira de 18 a 30 anos e a segunda de 50 a 65 anos, divididos igualmente entre os dois sexos.

A fim de atender as questões diatópicas, os informantes são nascidos nas cidades estudadas e filhos de pais também nascidos na região e sem grande mobilidade geográfica.

Amparando-se em alguns estudos feitos (cf. Santos e Mota, 2008), a hipótese inicial é considerar o caráter diastrático do fenômeno em questão. Porém, essa análise só pode ser feita nas cidades de Aracaju e Maceió, visto que, somente nas capitais do Brasil, os informantes inquiridos estavam estratificados em dois graus de escolaridade: fundamental e superior. Nas cidades do interior foram inquiridos apenas indivíduos de nível fundamental de escolaridade.

Os informantes estão distribuídos de acordo com a seguinte estratificação:

Quadro 1: Critérios para estratificação da amostra

Faixa Etária	Faixa I: 18 a 30 anos
	Faixa II: 50 a 65 anos
Sexo	Masculino
	Feminino
Escolaridade	Fundamental
	Superior

3.3 AS ENTREVISTAS

As entrevistas têm duração de 2h e 30 min., aproximadamente, e os informantes respondem um Questionário Linguístico que está subdividido em outros questionários: o questionário *fonético-fonológico (QFF)*, com 159 perguntas, além de questões de prosódia; o *questionário semântico-lexical (QSL)*, com 202 questões; o *morfofossintático (QMS)*, com 49 perguntas; questões de pragmática; temas para discurso semidirigido; questões de natureza metalinguística; e texto para leitura.

A entrevista é gravada em fita cassete e em MD e depois transcrita e revisada por uma equipe de transcritores e revisores devidamente treinados. Para Labov (2008 [1972], p.223), “as gravações de fala observadas em uso real são quase sempre de qualidade muito deficiente”. É evidente que nos trabalhos de campo, há ruídos e barulhos externos que reduzem a qualidade fonética dos dados. No caso das entrevistas feitas pelo Projeto ALiB, apesar de terem sido realizadas em locais diversos e adversos, houve sempre uma preocupação em recolher os dados sob as melhores condições possíveis, a fim de minimizar esses ruídos.

No início da entrevista, é preenchida uma ficha contendo alguns dados dos informantes. Esta ficha é padrão e é utilizada em todas as entrevistas feitas pelo Projeto ALiB

e “[...] funciona como um cadastro que confirma ou não o perfil do informante, evitando assim que se realizem inquéritos que não poderão integrar o *corpus* do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil” (MOTA, 2004, p.31-33).

A identidade do informante é preservada, sendo registrada apenas na ficha de informante. No momento do tratamento dos dados e da publicação é dado a cada informante um número de identificação.

3.4 OS QUESTIONÁRIOS UTILIZADOS

Foram analisados os seguintes questionários pertencentes ao Questionário ALiB 2001 (cf. COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB., 2001): (i) o Fonético- Fonológico e o Semântico- Lexical, buscando um tipo de resposta com um maior grau de monitoramento por parte do informante (ii) o Questionário Morfossintático e os Temas para Discurso Semidirigido, procurando um registro mais espontâneo.

Citam-se, abaixo, alguns exemplos do Questionário ALiB 2001 para os quais se espera a realização de itens que contenham a palatalização das consoantes oclusivas dento-alveolares precedidas de semivogal palatal, a fim de verificar a ocorrência ou não da palatalização das consoantes oclusivas dento- alveolares:

QFF (077): Qual o contrário de pouco?

– *MUITO*

QFF (138): Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?

– *DOIDO*

QSL (111): Que nome se dá a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

– *PEITO*

Além dos registros nesses questionários, foram também consideradas outras ocorrências desses mesmos itens ou de outros em que se encontrasse o contexto favorecedor, como, por exemplo, *jeitcho*, *otchenta*, *biscotcho*.

QMS (048): Você/o (a) senhor (a) já viu disco voador, não é?

— De jêtcho [ˈʒetʃu] nenhum. (Arapiraca, informante masculino, de faixa etária 2, de

nível de escolaridade fundamental).

Com vistas a minimizar o paradoxo do observador (Labov, 2008 [1972]) e tornar mais fácil a comunicação entre o entrevistador e o entrevistado, a equipe de pesquisadores do Projeto ALiB busca sempre reformular questões a fim de diminuir algumas dificuldades existentes, além de tentar sempre dar à entrevista um caráter de conversa. O objetivo do Questionário ALiB (2001) é, dessa maneira, recolher a forma coloquial usada pelos informantes entrevistados.

3.5 TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Como observa Paiva (2003, p.135), “o objetivo básico de uma transcrição é transpor o discurso falado, de forma mais fiel possível [...]”, sendo definida em função dos seus objetivos e das suas finalidades. Apesar da sua subjetividade, é necessário que a transcrição proporcione o máximo de coerência e consistência possível, e que seja submetida ao ouvido de outras pessoas, através de revisões.

Assim, o ato de transcrever prevê um conjunto de decisões tomadas de acordo com os interesses e objetivos do pesquisador ou do Projeto, conforme aponta Martinet (1971, p.131):

Em resumo, a finalidade de um sistema de transcrição nos parece ser a de fornecer instrumentos científicos, culturais ou pedagógicos. Cabe a nós adaptá-las perfeitamente ao papel que desejamos fazê-los desempenhar. Para alcançá-lo, devemos, em cada caso, estar plenamente conscientes da finalidade a atingir e não nos deixar desviar por nenhum apriorismo.

Nesta dissertação, após o trabalho de transcrição, foi feita uma revisão que consistiu tanto na checagem da qualidade do áudio, quanto na correção das transcrições, caso houvesse ocorrido algum erro.

3.6 O TRATAMENTO E A SELEÇÃO DOS EXEMPLOS

Após a transcrição das entrevistas, tem-se um corpus a ser analisado. É necessário, então, que se delimite o que se pretende estudar, ou seja, é necessário que se faça um recorte desse corpus de acordo com o fenômeno variável em questão.

Foram levantadas as ocorrências concernentes às variáveis dependentes, ou seja, aquelas que são objetos de estudo na sociolinguística. Assim, se fez necessário o levantamento de todas as ocorrências das palavras em que se encontravam as consoantes /t,d/ depois de semivogal palatal alta, nos 36 inquéritos selecionados para a pesquisa.

Nesta pesquisa considerou-se aplicação quando houve a palatalização e não aplicação quando não houve. Foram estabelecidos grupo de fatores, formando um arquivo de dados para cada informante.

A partir dessa análise, as ocorrências selecionadas foram codificadas, criando-se um arquivo de dados que, posteriormente, foi submetido ao pacote de programas computacionais em sua versão para Windows, o GOLDVARB. A análise multivariada do *corpus* foi realizada de modo binário: palatalização X não-palatalização.

3.7 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES OU GRUPO DE FATORES

Tendo em vista que a variação linguística não é aleatória, foi fundamental apontar grupos de fatores linguísticos e sociais que favorecem ou não o uso da variante. Esses grupos de fatores podem apontar características internas (variáveis independentes estruturais e discursivas) e externas (variáveis independentes geolinguísticas e sociais) ao sistema linguístico que podem, hipoteticamente, estar influenciando a variável dependente.

Na análise multivariada das entrevistas foram controladas 11 variáveis, dentre elas uma geolinguística, seis linguísticas, três sociolinguísticas, quais sejam, respectivamente:

- **Variáveis independentes:**

- ✓ **Variáveis linguísticas**

- Vozeamento:** Vozeado, Desvozeado;

- Tonicidade:** Átona Tônica;

- Vogal da sílaba seguinte:** [a, ã], [ɛ,e,ẽ], [o], [u, ã]

- Número de sílabas:** Dissílabo, Trissílabo, Polissílabo;

- Tipo de Frase:** Explicativa, Não-explicativa;

- Nível de formalidade do discurso:** Monitorado, Livre;

- ✓ **Variáveis sociais:**

- Faixa Etária:** Faixa I, Faixa II;

- Sexo:** Homem, Mulher;

Escolaridade: Fundamental, Universitário;

- ✓ **Variável geolinguística:** Aracaju, Propriá, Estância, Maceió, União dos Palmares, Santana do Ipanema, Arapiraca.

3.7.1 Variáveis linguísticas

Os estudos sobre variáveis fonológicas mostram que a realização das variantes de uma variável fonológica está correlacionada à influência do ambiente fonético.

Por essa razão, foram controlados, na análise, os seguintes fatores estruturais: vozeamento da consoante, tonicidade da consoante, vogal da sílaba seguinte, número de sílabas.

Elencam-se a seguir, as variáveis linguísticas, acompanhados de exemplos.

3.7.1.1 Vozeamento da consoante

A variável linguística vozeamento da consoante foi neste estudo controlada com a finalidade de verificar se há maior produtividade desta africatação entre as consoantes vozeadas ou desvozeadas ou se não há diferenças significativas entre elas.

Essa variável está constituída dos seguintes fatores:

- Vozeada [d] – Doi[d]o, Do[dʒ]o.
- Desvozeada [t]- Coi[t]ado, Coi[tʃ]ado

3.7.1.2 Tonicidade

Nas pesquisas de Hora (1990) e Bisol (2001), o fator tonicidade foi selecionado como uma variável relevante para os estudos da africada palatal diante de /i/. Dessa forma, o fator tonicidade foi escolhido para elencar o grupo de variáveis deste estudo, pois como afirma Bisol (2001, p. 156), “na palatalização que, muitas vezes, converte uma oclusiva dental em uma africada palato-alveolar, ocorre um caso típico de reforço das propriedades fonéticas que se aplicam preferentemente em posições fortes”.

Assim, supõe-se que a palatalização seja mais frequente em sílabas acentuadas em detrimento das pretônicas e postônicas.

Os fatores que compõem essa variável são:

- Pretônica - Anoi[t]ecer, Anoi[tʃ]ecer
- Tônica - Coi[t]ado, Coi[tʃ]ado
- Postônica - Confei[t]o, Confei[tʃ]o

3.7.1.3 Vogal da sílaba seguinte

Com vistas a verificar se determinada vogal, presente no contexto posterior, influenciará mais o processo de palatalização, foi proposto o grupo de fator vogal da sílaba seguinte e este está constituído de 4 fatores.

- Vogal a [a, ã]- *gaita, aceitam*
- Vogal e [ɛ, e, ê] - *Oitenta, Anoitecendo*
- Vogal o [o] - *Muitobrigado*
- Vogal u [u] - *Cuidu*

As vogais seguintes [ɔ, õ, ã] não foram incluídas na análise dos dados por não ocorrerem após as consoantes oclusivas dento-alveolares estudadas.

3.7.1.4 Número de sílabas

Controlou-se também o número de sílabas dos vocábulos para verificar se o fato de o vocábulo ser mais ou menos extenso exerce influência na produtividade da palatalização.

Os fatores correspondentes a esse grupo são:

- Dissílabos- Muita, doido.
- Trissílabos- Enfeita, Confeito.
- Polissílabos- Aproveitar, Muitobrigada.

É importante ressaltar que se levou em consideração o vocábulo fonológico, por essa razão o vocábulo “muitobrigado” foi incluído nas respostas válidas.

3.7.2 Variáveis linguístico-discursivas

Os aspectos contextuais podem influenciar sob diversas formas o modo como a linguagem é usada, isto é, diversos estudos variacionistas têm comprovado que os falantes possuem um repertório linguístico que pode variar a depender de onde se encontram e com quem falam. Dessa forma, pretende-se para este estudo controlar a variável nível de formalidade do discurso com a finalidade de avaliar se esse grupo de fator favorece o uso da variante palatal.

3.7.2.1 Tipo de frase

A variável tipo de frase foi classificada a partir do ponto de vista da Gramática Tradicional.

Conforme afirmam Cunha e Cintra (2007, p. 133), frase é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação. A frase exclamativa exprime algum tipo de emoção, como admiração, surpresa, alegria, etc, se diferenciando da não- exclamativa.

Pelo fato de a emoção estar presente nas frases exclamativas, parte-se do pressuposto de que, neste tipo de frase, os informantes relaxem mais e se monitorem menos, tornando a sua fala menos tensa e mais informal. Assim, assume-se a hipótese de que as frases exclamativas possuem uma influência maior na produtividade da palatalização do que as frases não-exclamativas.

Seguem alguns exemplos:

- Frase não-exclamativa:

a) Eu era mui[tʃ]o pequena. (Maceió, informante feminina, de faixa etária 2, de nível de escolaridade fundamental)

b) Nunca vi um pé de arroz, mui[tʃ]o menos de fumo. (Salvador, informante feminina, de faixa etária 2, de nível de escolaridade superior)

- Frase exclamativa:

a) Eit[tʃ]a, meu Deus! (Maceió, informante feminina, de faixa etária 2, de nível de fundamental)

b) Coi[tʃ]ado desses povo que não tem moradia! (Aracaju, informante feminina, de faixa etária 1, de nível de escolaridade fundamental)

3.7.2.2 Nível de formalidade do discurso

Pretende-se para este estudo controlar a variável discursiva tipo de discurso com a finalidade de avaliar se esse grupo de fator favorece o uso da variante palatal, considerando o discurso mais ou menos monitorado pelos informantes.

O questionário que demanda um maior grau de monitoramento do informante é o QFF, em virtude de ele se localizar no início do inquérito e do tipo de pergunta mais frequente nesse questionário, porém isso não impede que, durante as respostas, os informantes apresentem também uma fala mais distensa, em comentários acerca do item perguntado. Os temas para discurso semidirigido levam os informantes a um discurso menos monitorado, quando se apresentam temas para que eles falem livremente sobre acontecimentos marcantes de sua vida, de programas de televisão, etc.

A seguir, alguns exemplos:

- QFF (077) Qual o contrário de pouco?

INF: Muntcho- [ˈmũtʃu] (Aracaju, informante feminina, de faixa etária 2, de nível de escolaridade fundamental).

- QMS (044) O que é que você/ o (a) senhor (a) faria se ganhasse na loteria?

INF: Oh, principalmente, eu ia ajudá meu filho, porque meu filho não tem casa, mora na casa da sogra. Quiria tirá ele de qualquer jetcho [ˈʒetʃu] (Aracaju, informante feminina, de faixa etária 2, de nível de escolaridade fundamental).

- TDS (002) De que programa de televisão você/ o (a) senhor (a) gosta mais? Por quê?

INF: Ô rapaz, que novela que me marcô! Já achava bom! Foi uma novela bem fetcha [ˈfetʃə]da pega! (Aracaju, informante masculino, de faixa etária 2, de nível de escolaridade fundamental).

Com vistas a verificar se o nível de formalidade do discurso influenciará no processo de palatalização em estudo, foi proposto esse grupo com dois fatores: (i) mais monitorado e (ii) menos monitorado.

3.7.3 Variáveis sociolinguísticas

Tendo em vista os pressupostos da Teoria da Variação, cabe considerar que as variáveis de ordem social influenciam no uso das variantes, tendo consciência de que nem sempre essas escolhas são tomadas apenas por questões de ordem socioculturais. Há casos em que o uso de certas estruturas linguísticas depende de questões de ordem interna à língua, outras situações dependem de questões de ordem social e há outros casos em que fatores internos e externos atuam na escolha de uma variante.

A seguir, serão elencados os 03 fatores extralinguísticos ou sociais que foram controlados nesta pesquisa.

3.7.3.1 A faixa etária

Para essa pesquisa foram consideradas as seguintes faixas etárias: Faixa I: 18 a 30 anos e Faixa II: 50 a 65 anos.

3.7.3.2 O sexo

Foram considerados os informantes do sexo masculino e do sexo feminino.

3.7.3.3 A escolaridade

Com o intuito de confirmar ou refutar a hipótese de que os informantes de nível fundamental utilizam mais a variante palatalizada do que os informantes de nível universitário foram considerados informantes de nível de escolaridade fundamental e superior. Por outro lado, esse confronto só pode ser observado nas capitais estudadas, haja vista que nas cidades de interior só foram inquiridos informantes de nível fundamental de ensino. Conferir quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Distribuição dos informantes de acordo com a localidade, a escolaridade e o gênero

Estado	Localidade	Informantes	Sexo	Escolaridade
Alagoas	União dos Palmares	074-1	Masculino	Fundamental
		074-3		
		074-2	Feminino	
		074-4		
	Santana do Ipanema	075-1	Masculino	Fundamental
		075-3		
		075-2	Feminino	
		075-4		
	Arapiraca	076-1	Masculino	Fundamental
		076-3		
		076-2	Feminino	
		076-4		
	Maceió	077-1	Masculino	Fundamental
		077-3		Universitário
		077-5		
		077-7		
		077-2	Feminino	Fundamental
		077-4		Universitário
		077-6		
		077-8		
Sergipe	Propriá	078-1	Masculino	Fundamental
		078-3		
		078-2	Feminino	
		078-4		
	Aracaju	079-1	Masculino	Fundamental
		079-3		Universitário
		079-5		
		079-7		
		079-2	Feminino	Fundamental
		079-4		Universitário
		079-6		
		079-8		
	Estância	080-1	Masculino	Fundamental
		080-2		
		080-3	Feminino	
		080-4		

3.7.4 Variável geolinguística

Em relação à diatopia, foram consideradas para esse estudo as capitais e as cidades do interior dos estados de Sergipe e Alagoas, levando em consideração a rede de pontos do Projeto ALiB (cf. Quadro 2).

3.8 CODIFICAÇÃO DOS DADOS

A codificação das ocorrências realizou-se através das variáveis selecionadas para este estudo. Ressalta-se a importância da ordem de colocação dos códigos que deve ser seguida rigorosamente para que estes possam ser processados pelo programa estatístico escolhido para a pesquisa.

3.9 O PROCESSAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS: O GOLDVARB

O pacote de programas VARBRUL foi desenvolvido por David Sankoff, Pascale Rousseau, Don Hindle e Susan Pintzuk em 1988 e aprimorado nos anos seguintes, permitindo aos linguistas um suporte para a análise quantitativa. Sofreu modificações e alterações para operar em Macintosh e PC. A versão utilizada nesta pesquisa chama-se GOLDVARB 2001, versão para Windows.

O pacote de programas realiza o cruzamento dos dados e fornece os resultados em peso relativo (p.r.), os quais indicam a probabilidade de aplicação de uma regra, sendo considerados significativos os valores acima de 0,50. Conforme lembram Guy e Zilles (2007, p.105), “(...) o uso do Varbrul facilita a construção de um modelo quantificado dos processos linguísticos (...) que controlam e produzem os padrões regulares da variação sociolinguística”.

O GOLDVARB 2001 opera de maneira similar à versão do MS DOS. É também constituído por um conjunto de programas com vistas a calcular a frequência e os pesos relativos dos fatores de cada variável e para apresentar uma seleção estatística das diferentes variáveis analisadas. A diferença entre os programas está basicamente na terminologia de operacionalização, que, pelo fato de ser Windows, é mais fácil do que as versões para o MS DOS.

O VARBRUL e o GOLDVARB 2001 são compostos pelos seguintes programas: CHECKTOK, READTOK, MAKECELL ou MAKE 3000, IVARB OU VARB 2000, TVARB, MVARB, CROSSTAB ou CROSS 3000, TSORT, TEXTSORT E COUNTUP, cujas funções

são discriminadas abaixo (cf. Naro e Scherre, 2003, p. 159):

1. lê arquivo de especificação dos fatores, lê arquivo de dados; gera arquivo de erros grosseiros no arquivo de especificação ou no arquivo de dados (CHECKTOK);
2. lê arquivo corrigido e gera arquivo só com as cadeias de codificação (READTOK);
3. lê arquivo de ocorrências, gera arquivo de células com percentagens (MAKECELL ou MAKE 3000);
4. lê arquivo de células com duas variantes; gera arquivo com pesos relativos, solicitando multiplicador de não-aplicação (IVARB ou VARB2000);
5. lê arquivo de células com três variantes; gera arquivo com pesos relativos, sem processo de seleção de variáveis independentes (TVARB);
6. lê arquivo de células com quatro ou cinco variantes; gera arquivo com pesos relativos, sem processo de seleção de variáveis independentes (MVARB);
7. lê arquivo de células com duas variantes; gera arquivo com tabulação cruzada de pares de variáveis independentes, solicitando o número lógico das variáveis a serem cruzadas (CROSSTAB ou CROSS3000);
8. lê instruções para efetuar a procura de dados com base na cadeia de codificação, via console ou via arquivo, gera arquivo com os dados resultantes da procura, a partir da leitura de arquivo (s) corrigido (s) (TSORT);
9. lê instruções para efetuar a procura de dados com base no contexto, via console ou via arquivo; gera arquivo com os dados resultantes da procura, a partir da leitura de arquivo (s) corrigido (s) (TEXTSORT);
10. lê arquivo com as cadeias de codificação; gera arquivo com a distribuição bruta dos dados, por variável especificada.

Obviamente, faz-se necessário que o pesquisador estabeleça códigos para cada fator das variáveis dependente e independentes. Dessa maneira, ele processará os códigos informados, cruzando todas as variáveis e definindo os grupos de fatores que influenciam na seleção das variantes linguísticas.

Em linhas gerais, o uso do programa Varbrul permite ao pesquisador investigar em quais situações a variável linguística dependente é influenciada pelas variáveis independentes. Além disso, permite testar hipóteses possíveis em relação à natureza, tamanho e direção dos efeitos que as variáveis independentes causam na variável dependente.

Apesar de existirem diversos métodos estatísticos, o Varbrul é o mais utilizado nas

pesquisas sociolinguísticas variacionistas, devido à “construção de um modelo completo e específico dos processos e efeitos, faz os testes de significância etc., que não aparecem num simples cálculo de percentagens” (Guy e Zilles, p.106).

Com as porcentagens e os pesos relativos em mãos, cabe ao pesquisador a interpretação dos resultados numéricos e isso depende tanto dos princípios estatísticos, quanto, e principalmente, das teorias sociais e linguísticas que serviram de base para a concepção do trabalho.

É válido sempre lembrar que o objetivo final de todo estudo sociolinguístico não é somente produzir número, mas identificar e explicar fenômenos linguísticos. Por essa razão, cabe ao linguista a análise qualitativa dos dados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo será apresentada a análise dos resultados obtidos com relação aos grupos de fatores de referência às “africadas baianas” documentadas nos estados de Sergipe e Alagoas, no *corpus* do Projeto ALiB.

Analizados os dados dos 36 inquiridos, depreendeu-se do *corpus* um total de 1484 ocorrências, obtendo-se 731 de aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais [t] e [d] quando antecedidas da semivogal palatal alta, perfazendo, assim, um percentual de 49% de aplicação de regra e 753 da variante dento alveolar com 51% de não aplicação de regra (cf. tabela 1).

Tabela 1: Resultado Geral – Variantes para o /t,d/ depois de semivogal palatal

Variantes	Ocorrências	
	Nº	%
Africada Palatal	731	49
Oclusiva dento-alveolar	753	51
Total	1484	100

Foram realizadas rodadas binárias com o programa GOLDVARB para a variante africada palatal contra a variante oclusiva não-palatalizada. Para se proceder à análise quantitativa e qualitativa dos dados da fala dos informantes selecionados, fez-se necessário a análise dos fatores linguísticos, inclusive, discursivos, geolinguístico e sociolinguísticos que favoreceram ou inibiram a aplicação da regra, ou seja, a palatalização.

Após processar os dados no pacote de programas estatísticos GOLDVARB, obtiveram-se como estatisticamente relevantes as variáveis geolinguística e sociais. Das variáveis linguísticas, o GOLDVARB selecionou número de sílabas, tonicidade, vogal seguinte e nível de formalidade do discurso, mas esses dados, em razão dos índices baixos de peso relativo, não podem ser considerados favorecedores para a realização das africadas palatais.

4.1 AS “AFRICADAS BAIANAS” - RESULTADOS GERAIS

Para este estudo foram considerados os dados dos dois estados - Alagoas e Sergipe. Em análises preliminares, a partir dos dados do Projeto ALiB, verificou-se que nas capitais desses estados foi registrada a presença mais forte das africadas palatais depois de semivogal palatal, em relação às demais capitais do Nordeste brasileiro. (cf. Mota, 2001; 2011 e Santos e Mota, 2008).

O objetivo do agrupamento dos 36 informantes foi verificar quais as variáveis que têm um importante papel na aplicação de regra da palatalização com um número maior de dados.

4.1.1 As “africadas baianas” – Variáveis sociais

Para a realização desse processo, fizeram-se rodadas considerando as variáveis faixa etária e sexo separadamente, e o cruzamento entre sexo e faixa etária. Apresentam-se a seguir os resultados encontrados nessas rodadas.

Pelos resultados na tabela 2, percebe-se que os informantes mais idosos ficam na dianteira da aplicação da regra de palatalização com 63% e 0,65 de peso relativo, enquanto que a faixa etária mais jovem é inibidora desse processo, com 25% e 0,26 de peso relativo.

A variável idade, neste trabalho, foi o fator social considerado mais relevante pelo programa Goldvarb.

Tabela 2: As “africadas baianas” e a faixa etária dos informantes

Faixa Etária	Ocorrências		
	Nº / Total	%	Peso relativo
Faixa I	143/561	25%	0,26
Faixa II	588/923	63%	0,65
TOTAL	731/1484	49%	---

Significância: 0,000

O gráfico 1 reinterpreta esses dados, mostrando o peso relativo da regra de palatalização de forma ilustrativa:

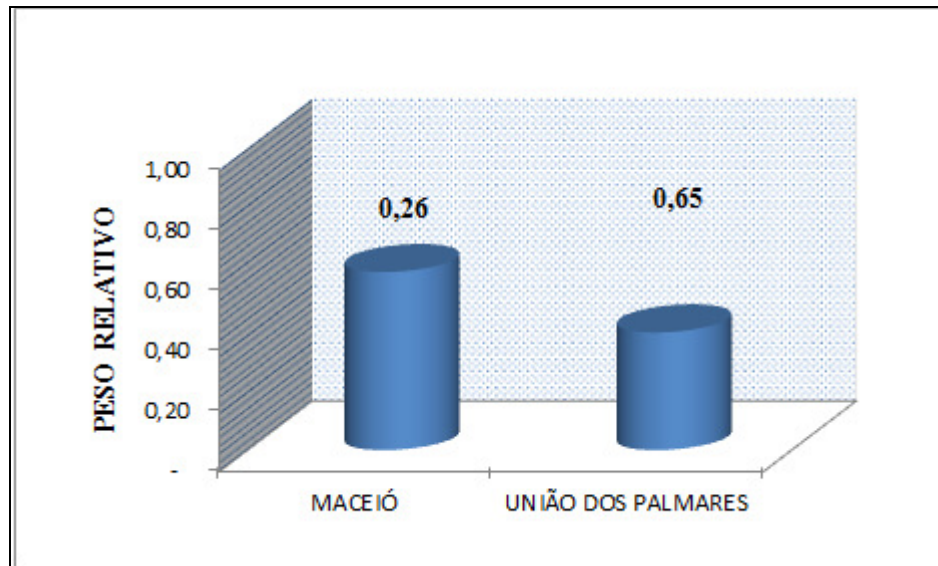


Gráfico 1: As “africadas baianas” e a faixa etária dos informantes

A variável social sexo do informante não foi selecionada pelo programa GOLDVARB como relevante, provavelmente, porque há um equilíbrio entre os dois sexo, se considerarmos todos os informantes da pesquisa, como aponta a tabela 3: os homens apresentam uma frequência de 48% e as mulheres de 50%.

Tabela 3: As “africadas baianas” e o sexo dos informantes

Gênero	Ocorrências	
	Nº de ocorrências / Total	%
Mulher	367/722	50%
Homem	364/762	48%
TOTAL	731/1484	49%

Considerando o fato de o sexo não ser distintivo procede-se ao cruzamento entre essa variável e a faixa etária. Verifica-se, então, que o uso da variante palatalizada é mais produtiva na segunda faixa etária, independentemente do gênero, com 67% para as mulheres e 60% para os homens, como aponta a tabela 4:

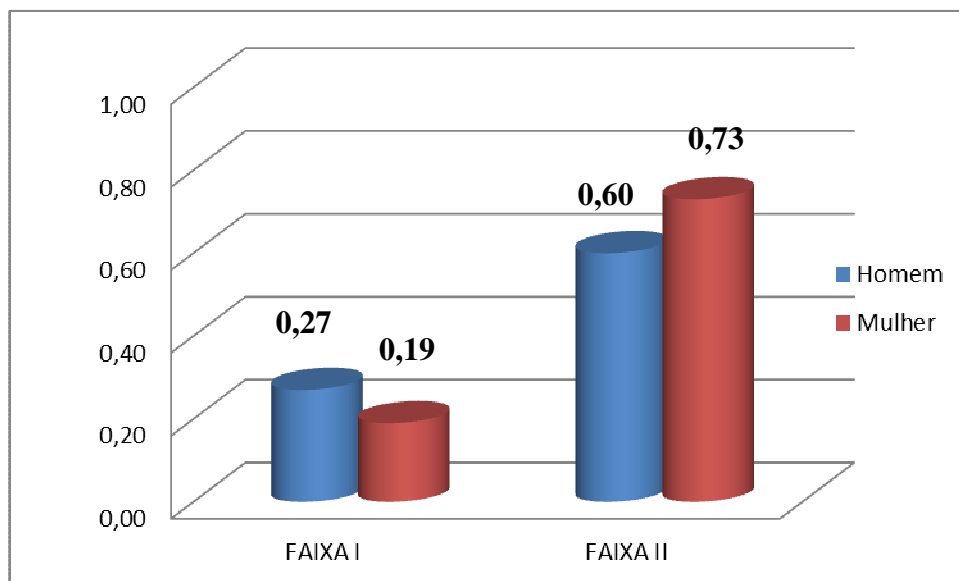
Tabela 4: As “africadas baianas” e a distribuição diasssexual e diageracional

Variação Diasssexual/ Diageracional		Ocorrências		
		No. /Total	%	p.r.
Mulher	Faixa I	68/317	21	0,19
	Faixa II	299/445	67	0,73
Homem	Faixa I	75/244	30	0,27
	Faixa II	289/478	60	0,60

Significância:0,00

Os pesos relativos nos dois sexos indicam que a primeira faixa etária não é um fator condicionador para o uso das “africadas baianas” com 0,27 de peso relativo para o sexo masculino e 0,19 para o sexo feminino. Os falantes mais velhos demonstram clara preferência pela forma palatalizada, o que se confirma pelos altos pesos relativos, isto é, 0,60 para o sexo masculino e 0,73 para o sexo feminino.

Esses dados podem ser visualizados no gráfico a seguir:

**Gráfico 2: As “africadas baianas” e a distribuição diasssexual e diageracional**

4.2 AS “AFRICADAS BAIANAS” E O FATOR DIATÓPICO

Esta seção trata de cada um dos grupos geográficos, isto é, de cada estado. A apresentação inicia com os dados do grupo geográfico Alagoas, acompanhada dos resultados considerados relevantes pelo programa, seguidos da sua interpretação. Depois são

apresentados os dados do grupo geográfico Sergipe, de acordo com os mesmos critérios e a mesma ordenação. Por fim, os dois grupos são analisados conjuntamente.

4.2.1 Comparação das variáveis nos estados de Sergipe e Alagoas

A partir do confronto entre os dados obtidos, realizado com o intuito de verificar se o comportamento das “africadas baianas” seria o mesmo nos dois estados estudados, pode-se observar que há um número maior de ocorrências e de africatação no estado de Alagoas com 57% contra 39% no estado de Sergipe.

Os resultados apresentam-se na tabela 5:

Tabela 5: Comparação das “africadas baianas” nos estados de Sergipe e Alagoas

Estado	Ocorrências		
	No. /Total	%	p.r.
Alagoas	455/792	57	0,59
Sergipe	276/692	39	0,39
TOTAL	731/1484	49	-

Significância:0,00

O gráfico 3 reapresenta esses dados, mostrando os pesos relativos da regra de palatalização nos dois estados analisados de forma ilustrativa:

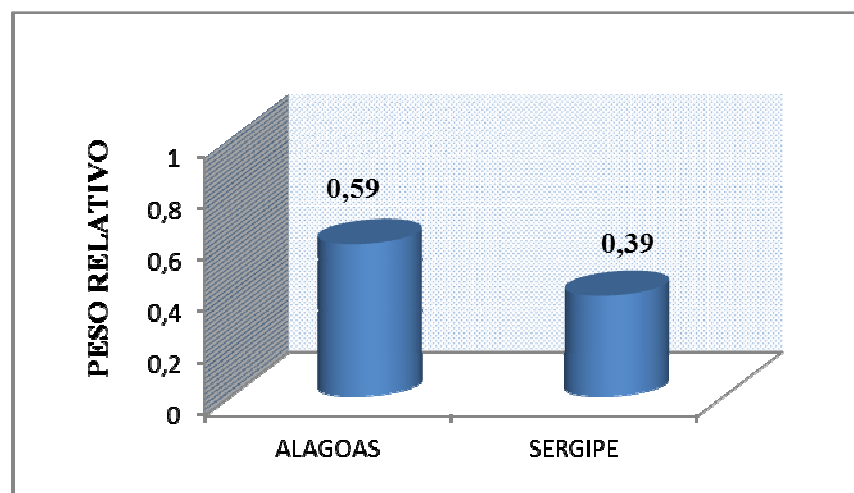


Gráfico 3: As “africadas baianas” nos estados de Sergipe e Alagoas

Conforme o gráfico 3, o estado de Alagoas é apresentado como o mais favorecedor à aplicação da regra da palatalização com 0,59 de peso relativo, enquanto que o estado de Sergipe inibe a aplicação da regra de palatalização com 0,39 de peso relativo. Procura-se entender esses números através da comparação dos fatores faixa etária, sexo e escolaridade nos dois estados.

De acordo com os dados apresentados na tabela 06, pode-se observar que a segunda faixa etária tanto em Alagoas, quanto em Sergipe, apresenta um número maior de ocorrências, com 71% e 54%, respectivamente. Por outro lado, a primeira faixa etária possui um menor número de ocorrências, com 34%, em Alagoas, e 15%, em Sergipe.

Tabela 6: As “africadas baianas” nos estados de Sergipe e Alagoas e a faixa etária

Variação Diatópica/ Diageracional		Ocorrências		
		No. /Total	%	p.r.
Alagoas	Faixa I	102/297	34	0,36
	Faixa II	353/495	71	0,72
Sergipe	Faixa I	41/264	15	0,16
	Faixa II	235/428	54	0,56

Significância: 0,000

Os pesos relativos, no gráfico 4, destacam a segunda faixa etária como favorecedora da aplicação da regra com 0,72 de peso relativo, em Alagoas, e 0,56, em Sergipe. A primeira faixa etária como inibidora da aplicação da regra, com 0,36 de peso relativo em Alagoas, e 0,16, em Sergipe.

Confirma-se, dessa forma, que os informantes mais jovens são os que fazem maior uso da variante dental, considerada de prestígio. Esse fato pode levar a um desaparecimento da variante em estudo.

Esses resultados são semelhantes aos de Mota e Rollemberg (1997) que observam, em Salvador, uma maior frequência da variante palatalizada nos informantes universitários, mais velhos. Além disso, os estudos de Santos e Mota (2008) e também o de Dias (2009) também indicaram que o fator idade se mostrou mais produtivo. Embora a estratificação da idade feita nos estudos supracitados não seja a mesma do presente trabalho, nota-se que o fator idade contribui para a aplicação da regra.

No gráfico 4, apresenta-se a visualização dos resultados em pesos relativos:

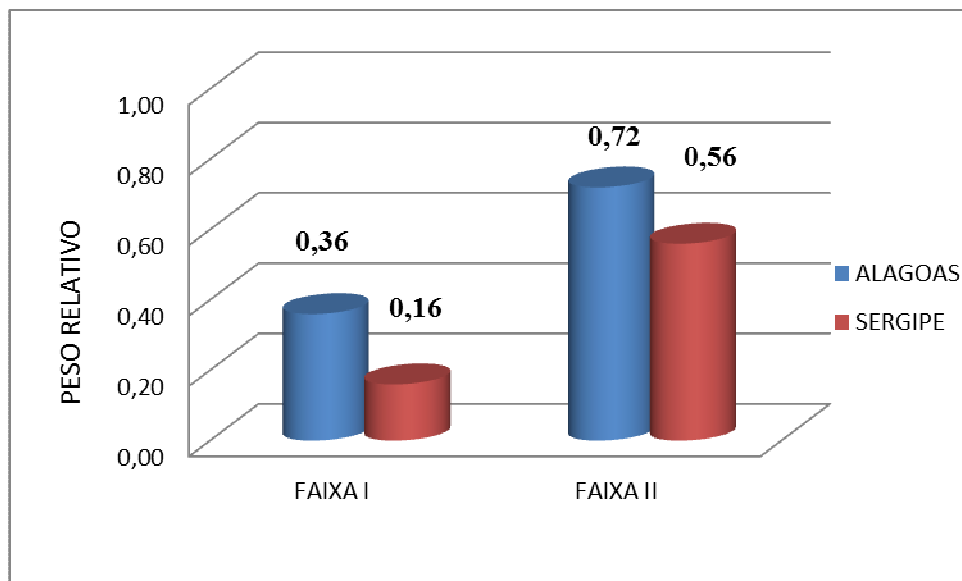


Gráfico 4: As “africadas baianas” nos estados de Sergipe e Alagoas e a faixa etária dos informantes

A seguir pela tabela 07 observam-se os resultados apresentados para a variável sexo do informante em cada estado analisado. Depreende-se da sua leitura que há preferência das mulheres do estado de Alagoas pelo uso da forma palatalizada com 53%, enquanto os homens apresentam apenas 22%. Em Sergipe, não se verifica diferença significativa já que as mulheres apresentam 40% e os homens 39%.

Tabela 7: As “africadas baianas” nos estados de Sergipe e Alagoas e o sexo

Variação Diatópica/ Diassexual		Ocorrências		
		No. /Total	%	p.r.
Alagoas	Masculino	207/332	22	0,63
	Feminino	248/460	53	0,54
Sergipe	Masculino	119/302	39	0,40
	Feminino	157/390	40	0,41

Significância: 0,000

Pelo gráfico 05 observa-se que os dois sexos no estado de Alagoas são favorecedores da aplicação da regra de palatalização, embora o sexo masculino apresente um maior peso relativo: 0,63. No estado de Sergipe percebe-se que o sexo não é um fator importante e não há

uma diferença entre os dois com 0,41 de peso relativo para o sexo feminino e 0,40 para o masculino.

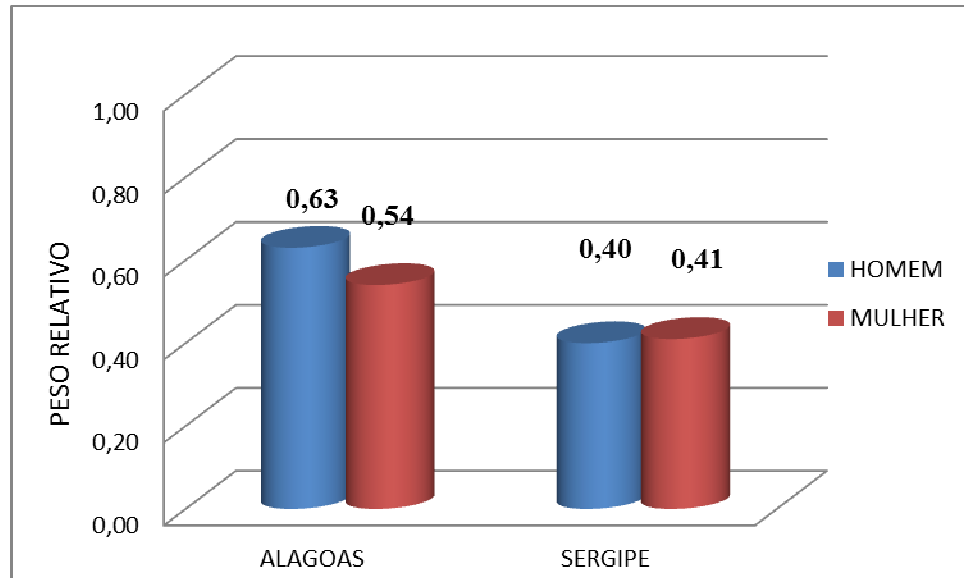


Gráfico 5: As “africadas baianas” nos estados de Sergipe e Alagoas e o sexo dos informantes

Para observar as diferenças de comportamento entre informantes mais e menos escolarizados foram considerados os informantes de nível universitário e fundamental das cidades de Aracaju e de Maceió. Neste caso, as cidades do interior foram retiradas, visto que possuem apenas informantes de nível fundamental. Assim, do total de 1484 ocorrências, só foram levadas em consideração 773, dentre as quais se encontram 357 que foram realizadas sob a forma palatalizada.

Abaixo segue a tabela 08 onde estão apresentados os resultados mencionados:

Tabela 8: As “africadas baianas” e a escolaridade

Localidades	Escolaridade	Ocorrências		
		Nº / Total	%	Peso relativo
Maceió	Fundamental	143/224	63	0,75
	Universitário	130/232	56	0,67
Aracaju	Fundamental	80/170	47	0,55
	Universitário	4/147	2	0,04
TOTAL	--	357/773	46	---

Significância:0,00

Considerando os informantes de nível fundamental e superior da cidade de Aracaju, percebe-se que os de nível fundamental utilizam mais a forma palatalizada, com 47% e 0,55 de peso relativo, do que os de nível universitário, com apenas 2% e 0,04 de peso relativo. Em Maceió, as africadas estão presentes nos dois níveis de escolaridade e a diferença entre eles é muito pequena, isto é 63% e 0,75 de peso relativo para o nível fundamental, e 56% e 0,67 de peso relativo, para o nível universitário de escolaridade.

A relação entre escolaridade e utilização da variante é percebida pelos falantes, como por exemplo, pelo informante masculino da faixa etária 2, de nível universitário, da cidade de Aracaju, que comentou que as pessoas do interior ou os de pouca cultura utilizam a variante *petcho*, mas que o correto seria *peito*, apontando, assim, para o estigma que carrega a variante palatalizada.

Observa-se que essa diferença entre as duas cidades analisadas fica mais visível no gráfico 6:

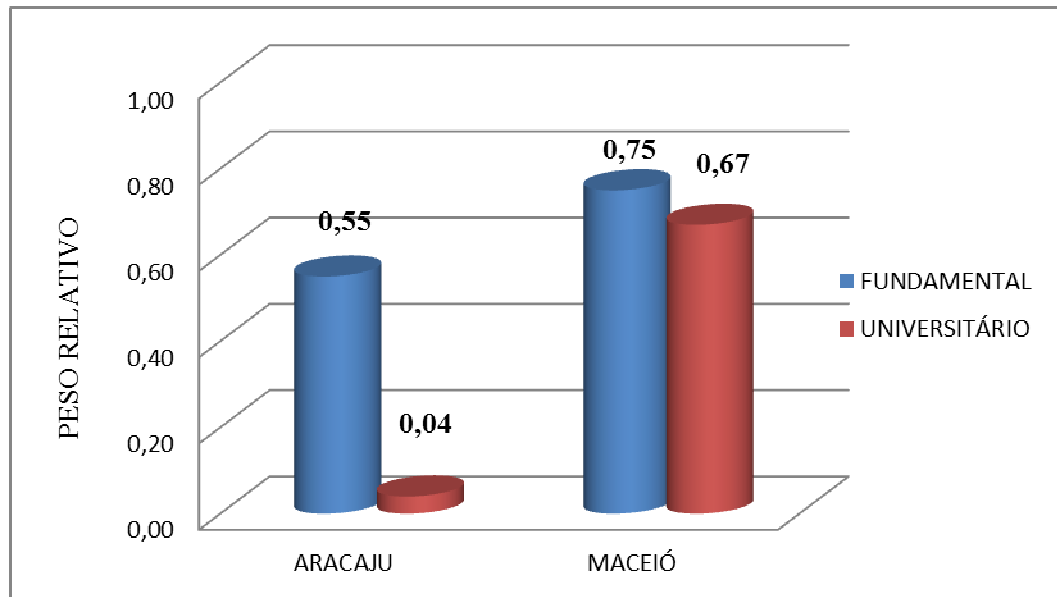


Gráfico 6 : As “africadas baianas” e a escolaridade

4.2.2 As “africadas baianas” analisadas separadamente em Sergipe e em Alagoas

4.2.2.1 As “africadas baianas” no estado de Alagoas

Para a pesquisa das “africadas baianas” em Alagoas foram analisadas 792 ocorrências com possibilidade de realização da palatalização da oclusiva dental. Dentro desse total, houve 452 casos de aplicação de regra, atingindo um percentual de 57%.

A tabela 9 apresenta os resultados obtidos em cada cidade analisada do Estado de Alagoas, com a identificação da cidade, total de ocorrências, percentual e peso relativo.

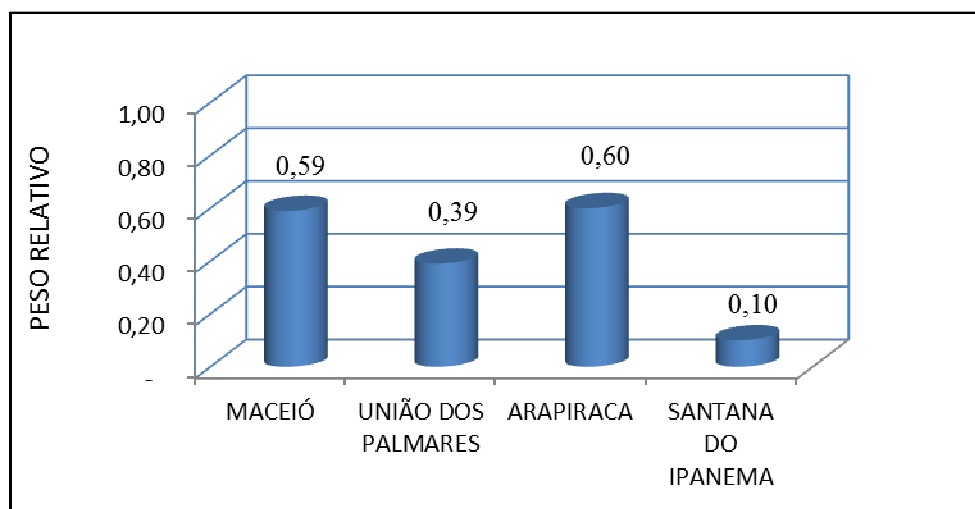
Tabela 9: As “africadas baianas” no Estado de Alagoas

	Variação Diatópica	Ocorrências		
		Nº / Total	%	Peso relativo
Capital	Maceió	73/122	59	0,68
Não- Capital	Arapiraca	273/456	59	0,60
	Santana do Ipanema	14/77	18	0,10
	União dos Palmares	92/132	69	0,72

Significância: 0,000

Observando-se a tabela 09 pode-se verificar que a variante africada palatal está presente em todas as cidades estudadas, porém é na cidade de União dos Palmares a maior frequência de uso com 69%. Em seguida, têm-se as cidades de Maceió e Arapiraca com 59%, e por fim, a cidade de Santana do Ipanema, com 18% das ocorrências.

O gráfico 7 reinterpreta esses dados, mostrando o peso relativo da regra de palatalização de cada cidade no Estado de Alagoas de forma ilustrativa:

**Gráfico 7: As “africadas baianas” no Estado de Alagoas**

Conforme o gráfico 7, o peso relativo mais elevado encontra-se na cidade de União de Palmares, com 0,72 de peso relativo, seguindo-se Maceió, com 0,68, Arapiraca com 0,60 e, por fim, Santana do Ipanema, com 0,10.

A cidade de Santana do Ipanema se destaca pelo pequeno número de ocorrências. Apesar de as entrevistas terem, aproximadamente, o mesmo tempo de duração das demais cidades estudadas, o número de vocábulos que possuía o contexto favorecedor no discurso livre foi menor. Por outro lado, registra-se a presença da variável africada palatal em todos os informantes analisados, nos vocábulos *muito*, *prefeito*, *peito*, obtidos no QFF, e *confeito*, no QSL.

Confrontando-se os dados da capital e do interior, a primeira hipótese foi considerar que na capital a aplicabilidade da regra seria menor do que nas cidades de interior, visto que esse fenômeno é bastante estigmatizado e as capitais, teoricamente, estariam mais expostas aos meios de comunicação e às escolas e, conseqüentemente, à norma-padrão. No entanto, ocorreu o contrário, comparando-se a capital Maceió com as cidades de interior Arapiraca e, principalmente, Santana do Ipanema.

Faz-se necessário, assim, a combinação da diatopia com outros fatores sociolinguísticos para se ter uma análise mais precisa dos dados e se tentar buscar uma justificativa para esses números.

Apresentam-se os resultados constantes na tabela 5, com os valores da variável faixa etária do informante, no Estado de Alagoas. Na intenção de se realizar um estudo em tempo aparente, foram consideradas duas faixas etárias, adotando, como já foi dito, a metodologia do Projeto ALiB.

Tabela 10: As “africadas baianas” no Estado de Alagoas e a faixa etária

Variação Diatópica/ Variação Diageracional		Ocorrências		
		No. /Total	%	p.r.
Maceió	Faixa I	38/53	71	0,49
	Faixa II	35/71	49	0,71
Arapiraca	Faixa I	34/157	21	0,21
	Faixa II	239/299	75	0,79
Santana do Ipanema	Faixa I	5/26	19	0,17
	Faixa II	29/51	17	0,18
União dos Palmares	Faixa I	22/58	58	0,37
	Faixa II	70/74	94	0,94

Significância: 0,000

Os números da tabela 10 mostram que em Arapiraca e União dos Palmares, os informantes da segunda faixa etária possuem uma maior frequência de uso da forma palatalizada, com 75% e 94% respectivamente. Em Maceió, tem-se o contrário, com 71% de frequência para os informantes da primeira faixa etária. Em Santana do Ipanema não há praticamente diferença entre as duas faixas etárias, com 19% para a primeira e 17% para a segunda.

Os resultados em peso relativo indicam que, em todas as cidades estudadas, os maiores índices encontram-se na segunda faixa etária, com 0,71, 0,79, 0,94 nas cidades de Maceió, Arapiraca e União dos Palmares, respectivamente. Em Santana do Ipanema, não há diferença entre as duas faixas etárias com 0,17 e 0,18 para a primeira e para a segunda faixa etária, respectivamente.

O gráfico 08 melhor apresenta esses dados:

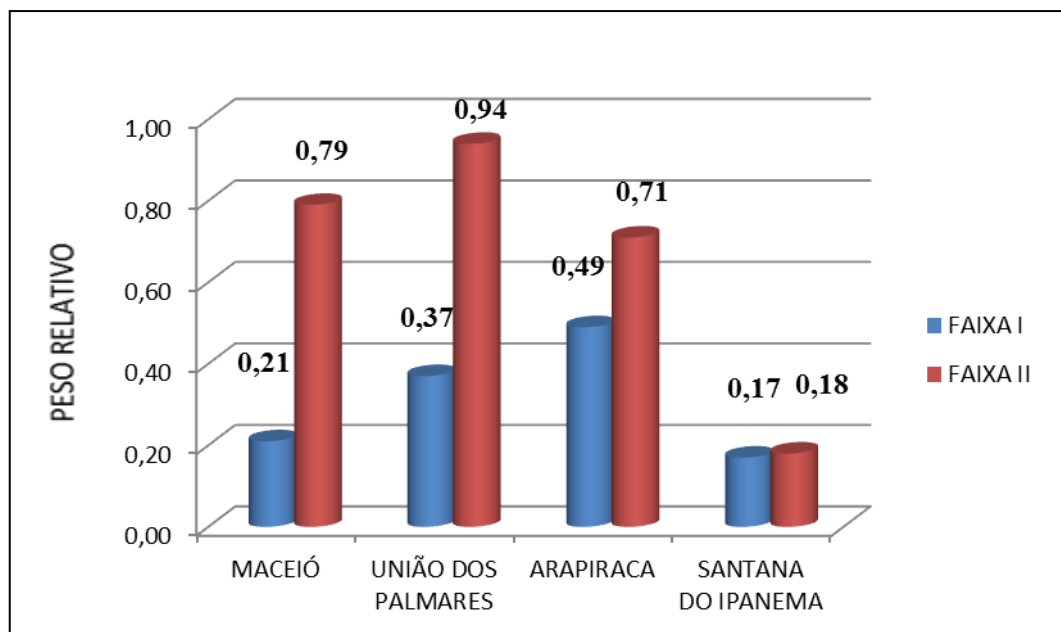


Gráfico 8: As “africadas baianas” e a faixa etária no estado de Alagoas

Os próximos resultados selecionados como relevantes pertencem ao grupo sexo apresentado na tabela 11:

Tabela 11: As “africadas baianas” no Estado de Alagoas e o sexo

Variação Diatópica/ Variação Diassexual		Ocorrências		
		No. /Total	%	p.r.
Maceió	Masculino	43/79	54	0,56
	Feminino	30/45	66	0,68
Arapiraca	Masculino	113/174	64	0,66
	Feminino	160/282	56	0,58
Santana do Ipanema	Masculino	6/13	46	0,47
	Feminino	8/64	12	0,13
União dos Palmares	Masculino	44/65	67	0,69
	Feminino	48/67	71	0,72

Significância: 0,000

Nos dados apresentados acima, é possível verificar que há uma diferença significativa nos resultados para a aplicação da regra da palatalização entre homens e mulheres, principalmente em Santana do Ipanema. Em Arapiraca e em Santana do Ipanema, os homens tendem a aplicá-la com mais frequência, com 64% e 46%, respectivamente, que as mulheres e, em União dos Palmares, a diferença entre os dois sexos é praticamente insignificante com 67% para o sexo masculino e 71% para o sexo feminino. Na cidade de Maceió ocorre o contrário, isto é, as mulheres utilizam mais a forma palatalizada, com 66%, do que os homens, com 54%.

O gráfico 9 aponta os resultados em peso relativo para o cruzamento entre diatopia e sexo:

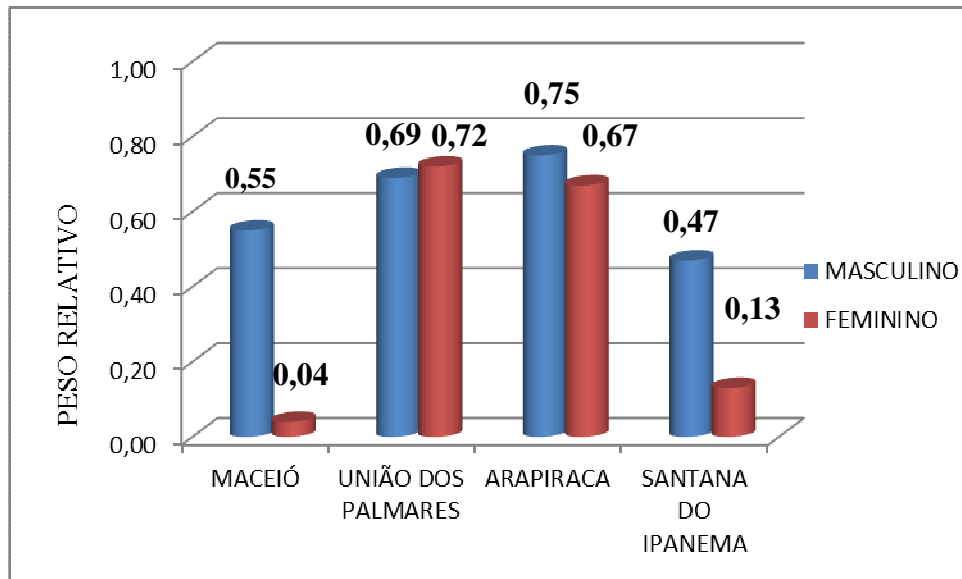


Gráfico 9: As “africadas baianas” e o sexo no Estado de Alagoas

Na cidade de União dos Palmares, observa-se um maior peso relativo para o sexo feminino com 0,72 de peso relativo, embora a diferença seja pequena. Nas demais cidades há um maior peso relativo para o sexo masculino, ressaltando-se, aí, a grande diferença entre os dois sexos em Santana do Ipanema (apenas 0,13 para o sexo feminino e 0,47 para o masculino). Nas cidades de União dos Palmares e Arapiraca, observa-se um maior peso relativo para o sexo feminino, com 0,72 e 0,67, respectivamente, embora, em União dos Palmares, a diferença seja bem pequena 0,69, para o sexo masculino e 0,72 para o feminino. Em Maceió e Santana do Ipanema ocorre o contrário, isto é, há um maior peso relativo para o sexo masculino com 0,55 e 0,47 respectivamente, ressaltando-se, aí, a grande diferença entre os dois sexos em Santana do Ipanema (apenas 0,13 para o sexo feminino e 0,47 para o masculino).

4.2.2.2 As “africadas baianas” no Estado de Sergipe

No Estado de Sergipe, foram analisadas 692 ocorrências com possibilidade de realização da palatalização da oclusiva dental. Em relação a esse total, houve 279 casos de aplicação de regra, perfazendo um total de 39%. A metodologia para organização da amostra foi a mesma utilizada para com os dados do Estado de Alagoas.

A tabela 12 apresenta os resultados obtidos em cada cidade estudada do Estado de Sergipe, com a identificação da cidade, total de ocorrências, percentual e peso relativo.

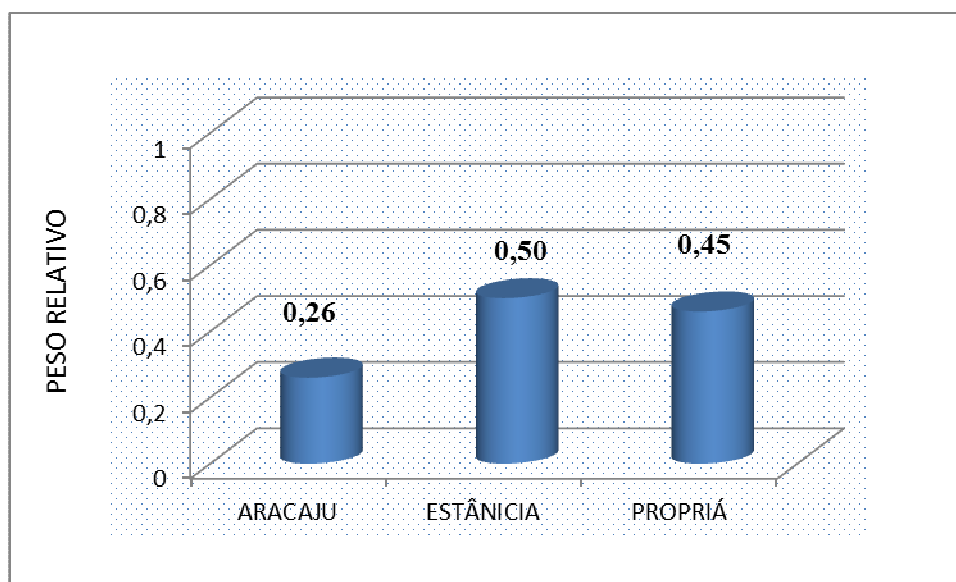
Tabela 12: As “africadas baianas” no Estado de Sergipe

	Variação Diatópica	Ocorrências		
		Nº / Total	%	Peso relativo
Capital	Aracaju	84/315	26	0,26
Não-capital	Estância	60/150	40	0,50
	Propriá	135/230	58	0,45

Significância: 0,000

Observando-se a tabela 12, verifica-se que as “africadas baianas” estão presentes no Estado de Sergipe, porém com uma menor frequência do que no Estado de Alagoas, como já observado. A maior porcentagem encontra-se na cidade de Propriá com 58%, seguida de Estância com 40% e, por fim, Aracaju, com 26 %.

O gráfico 10 reapresenta os dados no Estado de Sergipe, em peso relativo, de forma ilustrativa:

**Gráfico 10: As “africadas baianas” no Estado de Sergipe**

Conforme o gráfico 10, o peso relativo mais elevado encontra-se na cidade de Estância com 0,50 de peso relativo, seguindo-se Propriá, com 0,45, e Aracaju, com 0,26. Verifica-se

um maior peso relativo nas cidades de interior do que na capital, no entanto, nenhuma cidade do Estado de Sergipe é favorecedora à aplicação da regra.

É também necessário fazer a combinação da diatopia com outros fatores sociolinguísticos para se ter uma análise mais precisa dos dados.

Apresentam-se os resultados constantes na tabela 13, com os valores da variável faixa etária do informante no Estado de Sergipe.

Tabela 13: As “africadas baianas” no estado de Sergipe e a faixa etária

Variação Diatópica/ Diageracional		Ocorrências		
		No. /Total	%	p.r.
Aracaju	Faixa I	17/120	14	0,13
	Faixa II	67/195	34	0,33
Estância	Faixa I	11/100	11	0,10
	Faixa II	49/50	98	0,97
Propriá	Faixa I	16/47	34	0,33
	Faixa II	119/183	65	0,64

Significância: 0,000

Pela tabela 13 observa-se que os falantes com idade mais avançada são os que mais africizam e que os da primeira faixa etária são as que mais inibem a aplicação do processo. Em Estância, tem-se 98% de frequência das africadas para a segunda faixa etária, em Propriá 65% e em Aracaju 34%.

Em relação aos pesos relativos, as cidades de Estância e Propriá apresentam um maior peso relativo na segunda faixa etária, com 0,97 e 0,64, respectivamente, e grande diferença em Estância com 0,97 na segunda faixa e 0,10 na primeira. Apenas em Aracaju o peso relativo é menor do que 0,50, porém ainda assim é maior na segunda do que na primeira faixa etária, com 0,13 de peso relativo.

A representação gráfica oferecerá melhor visualização:

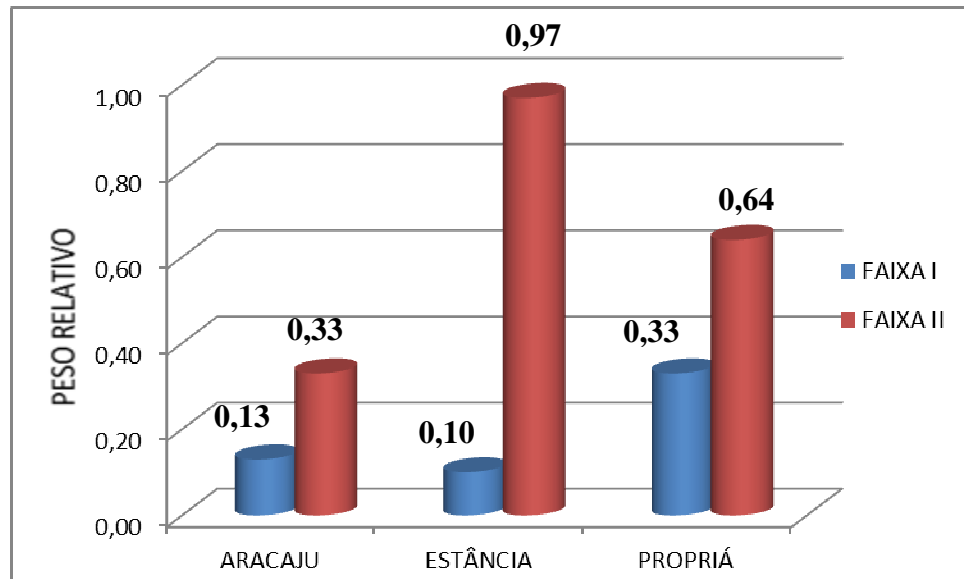


Gráfico 11: “As africanas baianas” e a faixa etária no Estado de Sergipe

A seguir, pela Tabela 14 se observam os resultados para a variável sexo:

Tabela 14: As “africanas baianas” no estado de Sergipe e o sexo

Variação Diatópica/ Variação Diassexual		Ocorrências		
		No. /Total	%	p.r.
Aracaju	Masculino	40/136	29	0,30
	Feminino	44/179	24	0,25
Estância	Masculino	58/132	43	0,45
	Feminino	2/18	11	0,11
Propriá	Masculino	60/123	48	0,50
	Feminino	75/107	70	0,71

Significância: 0,000

Nos dados apresentados acima, é possível verificar que, em Aracaju, a diferença em relação aos dois sexos é pequena, com 29% para o sexo masculino e 24% para o sexo feminino. Em Estância, há uma maior frequência para o uso das “africanas baianas” nos falantes masculinos com 43% e 11% para o sexo feminino. Por outro lado, em Propriá, ocorre o contrário, com 70%, para o sexo feminino, e 48%, para o sexo masculino.

Verifica-se nas cidades de Aracaju e Estância um maior peso relativo para o sexo masculino com 0,30 e 0,45 de peso relativo, respectivamente. Em Propriá, ocorre o contrário

com 0,50 de peso relativo para o sexo masculino e 0,71 para o feminino, como aponta o gráfico 12:

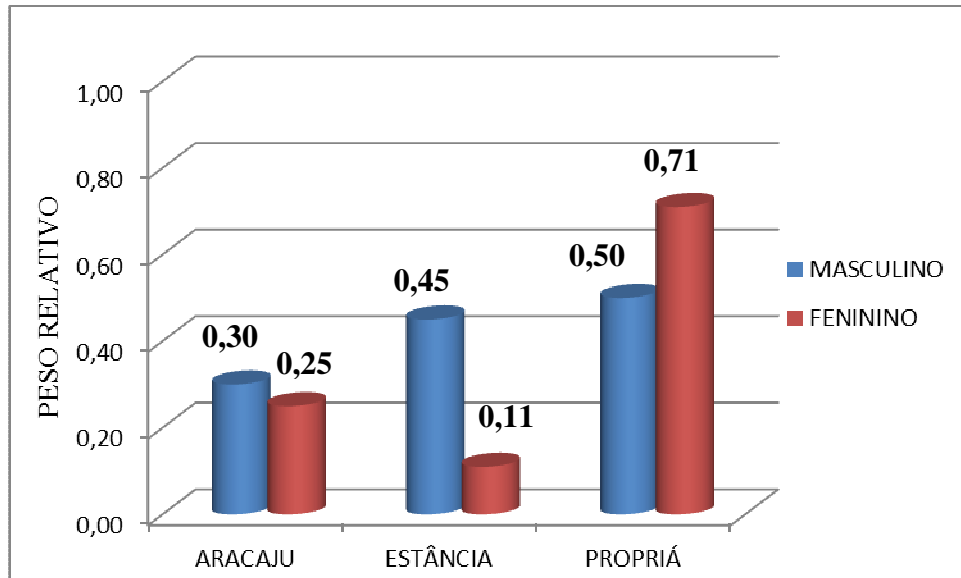


Gráfico 12 : As “africadas baianas” e o sexo no Estado de Sergipe

4.3 AS “AFRICADAS BAIANAS” – VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Neste momento, apresentam-se os resultados obtidos pela análise dos fatores linguísticos em relação às “africadas baianas”.

4.3.1 As “africadas baianas” relacionadas à variável linguística número de sílabas

De acordo com a tabela 15, observa-se que não há diferença significativa de frequência, com relação ao número de sílabas (49% em dissílabos e polissílabos e 51% em trissílabos).

Tabela 15: As “africadas baianas” e o número de sílabas

Número de Sílabas	Ocorrências		
	Nº / Total	%	Peso relativo
Dissílabo	626/1261	49%	0,50
Trissílabo	91/178	51%	0,55
Polissílabo	14/45	49%	0,29
TOTAL	731/1484	49%	---

Nível de significância: 0,034

Em relação aos dissílabos, há um maior número de ocorrências, devido à frequência, do vocábulo *muito*, além desse caso, registram-se ocorrências em *peito, doido, jeito, eita, deitar, oito e feito*. A africatação em estudo nos trissílabos ocorre nos seguintes vocábulos: *prefeito, estreito, direito, coitado, confeito, deitado, efeito, respeito, oitava, direito, receita, oitenta, dezoito, suspeito, cuidado, cuidando aceitam, sujeito*. Nos polissílabos, registram-se ocorrências em *defeituoso, rejeitado, enfeitado, aproveita, aproveitamento, enfeitozinho, anoitecendo, “muito obrigado”*.

Quanto aos pesos relativos, o fator trissílabo pode ser interpretado como levemente favorecedor, com 0,55 de peso relativo, como aponta o gráfico 13.

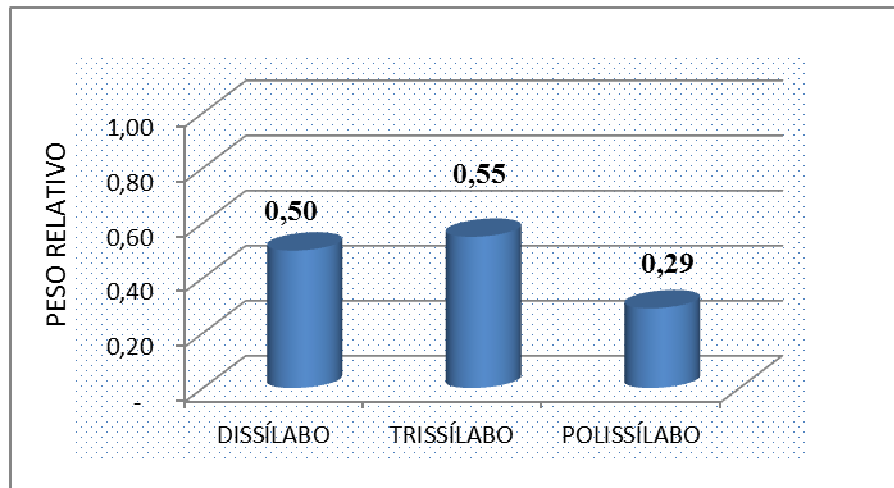


Gráfico 13: As “africadas baianas” e a variável linguística número de sílabas

Tenta-se explicar esses números correlacionando a variável linguística número de sílabas com a variável nível de formalidade do discurso. Dessa forma tem-se os seguintes resultados:

Tabela 16: As “africadas baianas” e o cruzamento entre o número de sílabas e a formalidade do discurso

Número de Sílabas/ Formalidade do discurso		Ocorrências		
		No. /Total	%	p.r.
Dissílabo	Livre	539/1052	51	0,52
	Monitorado	87/209	41	0,42
Trissílabo	Livre	50/97	51	0,52
	Monitorado	41/81	50	0,51
Polissílabo	Livre	6/26	23	0,23
	Monitorado	8/19	42	0,42

Significância: 0,000

Ao analisar a tabela 16, percebe-se que para os vocábulos dissílabos há uma maior frequência no discurso livre com 51%, enquanto o monitorado apresenta 41%. Em relação aos vocábulos trissílabos, há quase a mesma frequência para os dois discursos. Já os polissílabos possuem uma grande diferença em relação à frequência com 42% no monitorado e 23% no livre, embora referente a um reduzido número de ocorrências.

Os pesos relativos informam que os vocábulos trissílabos estão no ponto neutro, independentemente do nível de formalidade de discurso, com 0,52 para o livre e 0,51 para o

monitorado. Além disso, os vocábulos dissílabos no nível livre também são neutros, com 0,52 de peso relativo.

4.3.2 As “africadas baianas” relacionadas à variável linguística tonicidade

Para a variável tonicidade foram considerados os seguintes fatores:

- a) Posição Pretônica- Ex: *Anoitecer, Defeituoso, Aproveitamento*
- b) Posição Tônica- Ex: *Coitado, Oitenta*
- c) Posição postônica- Ex: *Peito, Doido*

Examinando os dados na tabela 16, pode-se observar que a variável tonicidade não apresenta nenhum fator como mais expressivo, com 0,30 de peso relativo para a posição pretônica, 0,36 para a tônica e 0,50 para a postônica. Assim, percebe-se que esse grupo de fator linguístico também não é favorecedor da aplicação da regra de palatalização.

Ressalta-se, porém, a posição postônica, observando que parece haver a possibilidade de ocorrência do fenômeno estudado em vocábulos cujas sílabas tônicas situam-se em bordas de palavras em sílaba inicial, como nos vocábulos *doido, muito e peito*, como ocorre na maioria dos casos dessa posição, fato observado por De Paula (2006). Esse fato pode ser uma explicação para a posição postônica possuir um maior peso relativo.

Tabela 17: As “africadas baianas” e a tonicidade

Tonicidade	Ocorrências		
	Nº / Total	%	Peso relativo
Pretônica	8/27	29%	0,30
Tônica	21/54	38%	0,36
Postônica	702/1403	50%	0,50
TOTAL	731/1484	49%	---

Significância: 0,030

É válido ressaltar que estes resultados sugerem a necessidade de uma observação mais apurada de alguns desses fatores para se verificar se é a tonicidade ou a atonicidade que mais

favorece a aplicação da regra de palatalização. Porém nesse estudo não será possível realizá-la, visto que a constituição do *corpus*, o tipo de inquérito e os tipos de questionários utilizados não contribuirão para se chegar a uma conclusão.

4.3.3 As “africadas baianas” relacionadas à variável linguística tipo de vogal seguinte

O próximo resultado apresentado refere-se à variável tipo de vogal seguinte, conforme demonstrado na tabela 18:

Tabela 18: As “africadas baianas” e o tipo de vogal seguinte

Vogal seguinte	Ocorrências		
	Nº / Total	%	Peso relativo
a [a, ã]	189/328	57	0,53
e [ɛ,e,ẽ]	5/31	16	0,19
o [o]	3/6	50	0,35
u [u]	534/1119	47	0,49
TOTAL	731/1484	49	---

Significância: 0,010

Pela tabela 17, observa-se que não há nenhum fator relevante para a aplicação da regra de palatalização: apenas a vogal “a” apresenta índice levemente acima de 0,50. A vogal [u] apresentou 0,49 de peso relativo, a vogal [o] 0,35 de peso relativo, e as vogais [ɛ,e,ẽ], 0,19 de peso relativo.

No *corpus* analisado, há um número inexpressivo de casos de palatalização e até mesmo de vocábulos, tendo como vogais seguintes [ɛ,e,ẽ], e [o]. São eles *oitenta*, *cuidei*, *anoitecendo*, *anoitece*. Ressalta-se que as vogais seguintes [ɔ,õ,ũ] não foram incluídas na análise dos dados por não ocorrerem após as consoantes oclusivas dento-alveolares estudadas.

4.3.4 As “africadas baianas” relacionadas à variável linguístico-discursiva nível de formalidade

Com o intuito de se verificar a variação diafásica, fez-se necessário incluir o grupo de fator denominado nível de formalidade que ficou assim subdividido:

- a) Discurso monitorado
- b) Discurso livre

Foram consideradas como discurso monitorado as respostas para as questões previstas no QFF para o registro das “africadas baianas”, como *muito* (QFF 077), *muito obrigado* (QFF 079), *prefeito* (QFF 083), *peito* (QFF 117) e *doido* (QFF 138) e as respostas válidas para o QSL, como *peito* (QSL 111) e *confeito* (QSL 185). O discurso livre ocorre quando, por ocasião de outras perguntas ou nos temas para discurso semidirigido, “as africadas baianas” são registradas em uma elocução espontânea, onde o informante discorre livremente, como em:

QSL (061): - Não tem direito a nada, aquele coi[t]fado. (Maceió, informante masculino, de faixa etária 2, de nível de escolaridade fundamental).

A hipótese inicial foi considerar que a variação estilística regularia a escolha dos falantes, isto é, as “africadas baianas” seriam mais favorecidas no discurso menos formal, menos monitorado, haja vista que, como já foi dito anteriormente, esse fenômeno é estigmatizado pela norma-padrão do português do Brasil.

Tabela 19: As “africadas baianas” e o nível de formalidade do discurso

Nível de formalidade do discurso	Ocorrências		
	Nº / Total	%	Peso relativo
Monitorado	134/316	42%	0,43
Livre	597/1168	51%	0,51
TOTAL	731/1484	49%	---

Significância: 0, 013

No contexto nível de formalidade do discurso, conforme indicou a tabela 19, apresentou-se o discurso livre com o peso relativo um pouco superior a 0,50 e o discurso

monitorado como o inibidor do processo, com 0,43. Por outro lado, é interessante observar que o vocábulo *muito* é um dos poucos que são registrados nos dois níveis de formalidade: livre e monitorado. Por essa razão, fez-se uma rodada apenas considerando esse vocábulo para se alcançarem resultados mais apurados. Porém, em todas as tentativas, o programa excluiu esse grupo de fator, que apresentou os seguintes resultados:

Tabela 20: As “africadas baianas” e o nível de formalidade do discurso (vocábulo muito)

Tipo de Frase	Ocorrências	
	Nº / Total	%
Monitorado	15/48	31
Livre	320/637	50
TOTAL	335/685	49

Dessa forma, percebe-se que a frequência é um pouco maior no discurso livre no uso das “africadas baianas”.

No *corpus* estudado, das 1.484 ocorrências obtidas de africadas, 685 são realizadas no vocábulo *muito*. Isso se deve à frequência do vocábulo na língua, como determinante ou como intensificador e aos tipos de questionários utilizados: no Questionário Fonético-Fonológico há uma questão, com o contexto favorecedor, prevista para o registro desse vocábulo (QFF 077 – *muito*) e uma questão em que o vocábulo se encontra na sequência *muito obrigado* (QFF 079). E ocorre também durante o inquérito, a propósito de outras questões ou nos temas sugeridos ao informante para que ele os desenvolva livremente (Temas para discurso semidirigido).

Para entender melhor a relação entre as “africadas baianas” e a variação diafásica, fez-se necessário um confronto entre cada informante e o tipo de elocução. Em Aracaju, as 51 ocorrências no vocábulo *muito* estão presentes nos informantes de nível fundamental, em especial, os da segunda faixa etária. Confrontando o nível de formalidade do discurso das elocuções registradas para o vocábulo *muito* nas questões 077 e 079 (+ monitorado) e nas espontâneas, observa-se que a informante 2 (mulher, faixa etária I, nível fundamental) e o informante 3 (homem, faixa etária II, nível fundamental) só utilizam variantes africadas em *muito*, em elocuções não monitoradas. O informante 1 (homem, faixa etária I, nível fundamental) e a informante 4 (mulher, faixa etária II, nível fundamental) utilizam a variante africada em *muito* nas duas elocuções, mas com um índice maior no discurso menos monitorado, como se verifica no Quadro 3:

QUADRO 3: Ocorrências da africada palatal no vocábulo *muito* em Aracaju

Tipo de Discurso	Escolaridade							
	Nível Fundamental Informantes				Nível Universitário Informantes			
	1	2	3	4	5	6	7	8
+ Monitorado	01	-	-	06	-	-	-	-
- Monitorado	02	04	20	18	-	-	-	-
Total por informantes	03	04	20	24	-	-	-	-

No interior de Sergipe, registram-se 102 ocorrências da africada palatal no vocábulo *muito* , contabilizando apenas duas no discurso monitorado. Os informantes 4 de Estância e o 2 de Propriá não registraram ocorrência em nenhum dos dois níveis de formalidade (cf. Quadro 4)

QUADRO 4: Ocorrências da africada palatal no vocábulo *muito* no interior de Sergipe

Tipo de Discurso	Localidades							
	Estância				Propriá			
	1	2	3	4	5	6	7	8
+ Monitorado	-	01	-	-	-	-	-	01
- Monitorado	06	-	30	-	05	-	36	23
Total por informantes	06	01	30	-	05	-	36	24

Em Maceió, registram-se 109 ocorrências de africadas palatais em *muito* sempre em elocuições não formais, há apenas uma ocorrência no discurso monitorado registrada na fala do informante 1 (homem, faixa etária I, nível fundamental), conforme mostra o quadro 5:

QUADRO 5: Ocorrências da africada palatal no vocábulo *muito* em Maceió

Tipo de Discurso	Escolaridade							
	Nível Fundamental Informantes				Nível Universitário Informantes			
	1	2	3	4	5	6	7	8
+ Monitorado	01	-	-	-	-	-	-	-
- Monitorado	08	06	22	24	-	01	23	24
Total por informantes	09	06	22	24	-	01	23	24

Levando em consideração o interior de Alagoas, mais uma vez verifica-se que há um maior número de ocorrências da africada palatal em elocuições menos monitoradas em todas as cidades estudadas, como se verifica no quadro 6, a seguir:

QUADRO 6: Ocorrências da africada palatal no vocábulo *muito* no interior de Alagoas

Tipo de Discurso	Localidades											
	Arapiraca				Santana do Ipanema				União dos Palmares			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
+ Monitorado	-	01	01	-	01	-	01	-	-	-	-	01
- Monitorado	06	09	04	02	-	-	-	03	-	07	19	18
Total por informantes	06	10	05	02	01	-	01	03	-	07	19	19

Esse resultado converge com o encontrado por Mota (2011), em que a autora verificou que há um maior registro do vocábulo *muito* em elocuições não monitoradas, mantendo-se a variante dental nas respostas ao QFF em todas as capitais do Nordeste. No presente trabalho chega-se à mesma conclusão, percebendo que o caráter estigmatizante da variante se reflete no nível de formalidade do discurso.

4.4 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS PELO GOLDVARB COMO ESTATISTICAMENTE RELEVANTES

Além do sexo, comentado anteriormente, algumas variáveis não foram selecionadas como estatisticamente relevantes pelo Programa de Regras Variáveis, porém mostraram resultados interessantes, que necessitam ser comentados e analisados.

4.4.1 As africadas baianas relacionadas à variável linguística sonoridade da consoante

A variável sonoridade da consoante foi subdividida da seguinte maneira:

- a) Consoante vozeada- Ex: *Doido, Cuidado*
- b) Consoante desvozeada- Ex: *Confeito, Aproveitar*

Em relação à sonoridade da consoante, verificou-se no estudo de Furlan (1995), que só foi encontrada a africatação da consoante surda. No presente trabalho, foram documentadas variantes surdas e sonoras. Mas, em todas as rodadas, o programa GOLDVARB sempre excluiu essa variável, considerando-a, assim, irrelevante para o fenômeno em estudo.

Tabela 21: As “africadas baianas” e a sonoridade da consoante

Sonoridade	Ocorrências	
	Nº / Total	%
Vozeada /d/	30/77	38
Desvozeada /t/	701/1407	49
TOTAL	731/1484	49

Há uma pequena diferença entre as duas consoantes: a consoante desvozeada possui um índice de 49% e a vozeada de 38%. Isso se deve ao fato de o vocábulo *muito* aparecer com maior frequência durante toda a entrevista e também a língua portuguesa possuir poucos vocábulos com a estrutura semivogal, consoante oclusiva vozeada e vogal. Os únicos vocábulos que estão presentes no *corpus* são *doido*, *cuidado* e o verbo *cuidar* e suas flexões.

4.4.2 As africadas baianas relacionadas à variável linguístico-discursiva tipo de frase

A variável linguístico-discursiva tipo de frase foi subdividida em dois fatores:

- a) Frase Exclamativa – Ex: “Eitcha, você tá dodjo!”
- b) Frase não-exclamativa – Ex: “Ele saiu muntcho cedo”.

A hipótese que se levantou sobre essa variável é a de que o fator frase exclamativa fosse o mais favorecedor à aplicação de regra de palatalização, visto que é comum nesse tipo de frase o entrevistado estar mais à vontade, envolvido emocionalmente com o tema em questão, e, conseqüentemente, menos preocupado com o monitoramento da sua fala. Porém, em todas as tentativas feitas, o programa GOLDVARB não considerou esse grupo de fator como relevante para a palatalização em estudo.

Tabela 22: As “africadas baianas” e o tipo de frase

Tipo de Frase	Ocorrências	
	Nº / Total	%
Exclamativa	6/8	75
Não- Exclamativa	725/1476	49
TOTAL	731/1476	49

O tipo de frase não exclamativa apresentou um índice de 49%, enquanto que o tipo de frase exclamativa obteve 75% de frequência, porém o baixo número de ocorrências, apenas 6, não nos permite fazer afirmações categóricas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, buscou-se analisar a aplicação da regra da africativação das consoantes oclusivas dentoalveolares, quando precedidas da semivogal palatal alta, com a realização das variantes conhecidas como “africadas baianas”, na fala sergipana e alagoana, a partir dos dados do Projeto ALiB.

Para tanto, este trabalho propôs responder alguns questionamentos: a) as “africadas baianas” estão presentes nas cidades estudadas?; b) que contextos favorecem o uso das “africadas baianas”?; c) há uma mudança em curso ou uma variação estável? Essas respostas foram obtidas ao longo deste trabalho, expostas no capítulo de Análise dos Dados (cf. cap.4) e aqui retomadas, resumidamente.

Depois de realizada a pesquisa, foi constatada que há a presença das “africadas baianas” em Sergipe e Alagoas, considerando os *corpora* estudados. Os primeiros resultados deste trabalho revelaram que das 1.484 ocorrências depreendidas do *corpus*, foram obtidas 731 ocorrências de aplicação da regra de africativação, ou seja, 49% das ocorrências.

Para que os objetivos almejados fossem atingidos, realizou-se uma análise pormenorizada. Partiu-se do que se considerou mais geral, ou seja, os dados analisados conjuntamente nos dois Estados, chegando ao mais específico, analisando as cidades separadamente. Esse detalhamento possibilitou diversas análises, cujos resultados estão representados nos gráficos e tabelas alcançados com os dados numéricos.

Ao analisar as variáveis sociais, tais como faixa etária, sexo e escolaridade, constatou-se que essas eram mais relevantes para o uso das “africadas baianas” do que as variáveis linguísticas.

Os dados obtidos através da análise quantitativa fizeram com que houvesse uma consonância com o que lembrou Moreno Fernández (1998), quando afirmou que a idade dos informantes é um dos fatores sociais que têm a maior força para determinar os usos linguísticos de uma comunidade de fala. A idade condiciona com mais intensidade do que os outros fatores sociais considerados também muito importantes, como o sexo e a classe social. Neste trabalho, os informantes mais idosos ficaram na dianteira da aplicação da regra de palatalização, enquanto que os mais jovens preferiram a forma dental, independente do sexo (cf. tabela 4).

Por outro lado, comparando as “africadas baianas” com as “africadas cariocas”, isto é, a palatalização das oclusivas dento-alveolares diante de /i/, em exemplos como *tia* e *dia* verifica-se uma grande diferença, pois muitos trabalhos apontam para resultados contrários, como, por exemplo, a pesquisa de Pires (2003) em que os falantes com menos de cinquenta anos de idade favorecem a aplicação da regra de palatalização, enquanto os mais velhos inibem a aplicação da regra.

Deve-se, nesse caso, levar em consideração o prestígio das “africadas cariocas” e o estigma carregado pelas “africadas baianas”. Naturalmente, os mais jovens sofrem maior influência dos meios de comunicação, têm mais acesso aos ambientes de escolarização, sendo assim bastante aceitável a sua maior aproximação com a norma de prestígio.

Continuando com o detalhamento da pesquisa, passou-se a analisar os estados separadamente, contrapondo um ao outro. Dessa forma, percebeu-se que há um número maior de ocorrências das “africadas baianas” em Alagoas (57%) do que em Sergipe (39%). Em relação à faixa etária, tanto em Sergipe, quanto em Alagoas tem-se a segunda faixa etária como favorecedora da aplicação da regra (cf. tabela 6).

Ao analisar o sexo, ficou evidente uma diferença entre os dois Estados, visto que essa variante é frequente e comum na fala alagoana, nos dois sexos. No estado de Sergipe, essa variante é menos frequente, não havendo também diferenças entre sexos, mas sendo os dois inibidores da aplicação da regra (cf. tabela 7).

Para observar as diferenças de comportamento entre informantes mais e menos escolarizados foram considerados os informantes de nível universitário e fundamental das cidades de Aracaju e de Maceió. As cidades do interior foram retiradas, visto que possuem apenas informantes de nível fundamental. Em Aracaju, percebeu-se que os informantes de nível fundamental utilizam mais a forma palatalizada do que os de nível universitário, o que pode mostrar o estigma que a variante carrega, nesse Estado. Em Maceió, as africadas estão presentes nos dois níveis de escolaridade e a diferença entre eles é muito pequena.

Logo em seguida, foi feita a análise das “africadas baianas” em cada cidade separadamente, começando, pelo Estado de Alagoas. Assim, pôde-se verificar que a variante africada palatal está presente em todas as cidades estudadas de Alagoas, com a maior frequência na cidade de União dos Palmares e a menor em Santana do Ipanema. É válido lembrar que não há somente uma baixa frequência das “africadas baianas” na cidade de Santana do Ipanema, mas também menor ocorrência dos vocábulos com o contexto favorecedor: tanto as africadas quanto as dentais tem um número baixo de frequência, se comparado com o das outras cidades de Alagoas (cf. tabela 9)

Nesse caso, levando em consideração a cidade do interior Santana do Ipanema, a capital Maceió obteve uma maior frequência e um maior peso relativo. A hipótese foi considerar que na capital a aplicabilidade da regra seria menor do que nas cidades de interior, porém não se confirmou: as “africadas baianas” são frequentes na capital Maceió e não há aí uma forte estigmatização, essas variantes estão presente na fala dos informantes dos dois níveis de escolaridade.

Combinando a diatopia com a variável social faixa etária, têm-se os maiores pesos relativos na segunda faixa etária em todas as cidades estudadas. Apenas em Santana do Ipanema, onde há um número bastante reduzido de africadas, não há diferença entre as duas faixas etárias. (cf. tabela 10)

Em relação ao sexo, observou-se que em Maceió houve um maior peso relativo no sexo feminino, enquanto que em Arapiraca e Santana do Ipanema ocorreu o contrário. Analisando, porém, os resultados não se puderam fazer afirmações precisas em relação à cidade de Santana do Ipanema, levando em consideração o baixo número de ocorrências. Na cidade de União dos Palmares, a frequência e o peso relativo entre os dois sexos se aproximam, apesar de haver um favorecimento maior para o gênero feminino (cf. tabela 11).

No estado de Sergipe, percebeu-se que as “africadas baianas” também estão presentes, porém com uma menor frequência do que no estado de Alagoas. Encontrou-se na cidade de Estância um peso relativo mais elevado, seguindo-se Propriá e Aracaju. Considerando a localização da cidade, ou seja, interior e capital, percebe-se que, no interior, encontram-se os maiores pesos relativos se comparados à capital Aracaju. Dessa maneira, verifica-se uma diferença entre os dois Estados estudados, isto é, no Estado de Alagoas, há uma grande frequência das “africadas baianas” na capital, enquanto que, em Sergipe, a capital Aracaju possui uma menor frequência e um menor peso relativo. (cf. tabela 12).

Analisando a faixa etária, assim como em Alagoas, a segunda faixa apresenta os maiores índices de peso relativo em todas as cidades estudadas no Estado de Sergipe (cf. tabela 13).

Levando-se em consideração o sexo, foi possível verificar que, em Aracaju, a diferença entre os dois sexos é pequena. Em Estância, há uma maior frequência para o uso das “africadas baianas” nos falantes masculinos. Em Propriá, ocorreu o contrário, conforme mostra a tabela 14.

Após analisar as variáveis sociais, fez-se, então, o estudo das variáveis linguísticas e a sua relação com as “africadas baianas”. Para tanto, foram considerados o número de sílabas do vocábulo, a tonicidade e a vogal seguinte, variáveis que não foram selecionadas como

favorecedoras da aplicação da regra de palatalização. Pode-se explicar a não influência dessas variáveis, lembrando que as variantes palatais já são condicionadas pelo contexto, ou seja, pela presença da semivogal palatal alta.

Quanto à variável nível de formalidade do discurso, analisando as ocorrências de africadas palatais somente no vocábulo *muito* em cada informante, verificou-se que há uma maior frequência nas elocuições menos formais, evidenciando que o caráter estigmatizante pode ser depreendido a partir do maior ou menor grau de monitoramento.

Do que se tem conhecimento, este é um trabalho pioneiro, pelo menos em relação à uma análise quantitativa e qualitativa mais apurada e também na comunidade de fala estudada e de forma alguma pretende discutir o assunto à exaustão. É interessante ressaltar que houve limitações impostas à análise pela falta de estudos que levassem em consideração os fatores linguísticos para que se pudesse fazer uma comparação, e pela limitação dos questionários utilizados que não permitiram a extração de um maior número de ocorrências. Somente a realização de outros estudos, utilizando um questionário mais direcionado e com a ampliação do *corpus*, poderá indicar se o estudo aqui exposto pode ser generalizado.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de A. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Questionário 2001: Londrina: UEL, 2001.
- ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas Lingüístico do Paraná II*. 2007. Tese (Doutorado em Estudos Da Linguagem)- Universidade Estadual de Londrina, 2007.
- ARAGÃO, Maria do Socorro; MENEZES, Cleusa B. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: CNPq / UFPB, 1984.
- Atlas Linguarum Europae (ALE)*. Assen- Maastricht: Van Gorcum, 1983-1990.vols. 1-4. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1998, vol.5.
- Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (ALPI)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1962.
- BESSA, José Rogério Fontenele (coordenador). *Atlas Linguístico do Ceará*. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BISOL, Leda. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemo na escola, e agora?* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRAGA, Maria Luiza. E aí se passaram 19 anos. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). *Mudança Lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 159-174.
- CAMPOS, Fabiana da Silva Campos. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado, 2008. CARDOSO, Suzana. O Projeto ALiB: Caminhos andados e a percorrer. In: AGUILERA, Vanderci; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra (orgs.). *Documentos I*. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: ILUFBA; EDUFBA, 2004. p.31-44.

CARDOSO, Suzana. *Atlas Lingüístico de Sergipe II*. EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra. Sobre a Dialectologia no Brasil: Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: Cardoso, Suzana; Mota, Jacyra (orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-27.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P. *La Dialectologia*. Trad. de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994. [*Dialectology*. Cambridge. University Press, s.d].

CRUZ, Maria Luiza. *Atlas Lingüístico do Amazonas*. 2004. (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DE PAULA, Alice Telles. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades bilíngues de Taquara e de Panambi - RS: Análise Quantitativa*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal Rio Grande do Sul. 2006.

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. *Processos de palatalização no Português: Lagoa da Pedra e Canabrava-TO*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás. 2009.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco . *Princípios de sociolinguística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998. FERREIRA, Carlota; Freitas, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Manuela Barros. Retrospectiva da dialetologia portuguesa. Revista *Internacional de Língua Portuguesa*. Lisboa, n.12, p.108-118, dez. 1994.

- FURLAN, Oswald. *Influência Açoriana no Português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.
- FURLAN, Oswald. Aspectos da influência açoriana no Português do Brasil em Santa Catarina. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (orgs.). *Miscelânea de Estudos Lingüísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas Linguistique de la France*. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910,1915.
- GORDON, Elizabeth. *Sex, speech and stereotypes: Why women use prestige speech forms more than men. Language in society*. Chambridge, n.26, p. 47-67, 1997.
- GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HORA, Dermeval. Comportamento das oclusivas dentais /t/ e /d/ na comunidade pessoense. Comunicação apresentada ao XI Encontro Nacional da ANPOLL. João Pessoa, 1996. Texto digitado.
- HORA, Dermeval. Variação Lingüística no Estado da Paraíba: aspectos fonético-fonológicos. In: GROSSE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus (Ed). "Substandard" e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: TFM, 1998, p.315-328.
- JABERG, Karl; JUD, Jakob. *Sprach-und Sachatlas Italiens un der Südschweiz*, vol. 1-8. I-Zofingen: Rieger, 1928-1940.
- KOCH, Walter; KLASSMAN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre/ Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed.UFSC /Ed. UFPR, 2002.
- KURATH, Hans *et al. Linguistic Atlas of New England (LANE)*. Brown University Press. 1939-1943.
- LABOV, W.; ASH, S.; BOBERG, C.. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Orgs.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: J.B. Publishing Company, 1982.
- _____. *Principles of linguistic change*. Oxford/ Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. The gender paradox. In: Principles of Linguistic Change: social factors, Oxford: Black Well, Vol. 2, 2001. p. 261-293.

LABOV, W.; ASH, S.; BOBERG, C. The Atlas of North American English: Phonetics, phonology and sound change. Berlin: Mouton/ de Gruyter, 2006.

_____. *Padrões Sociolingüísticos*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIMA, Luciana Gomes. *Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história lingüística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LUCCHESI, Dante. ARAÚJO, Silvana. A Teoria da Variação Linguística. [on line]. Disponível: [http:// www.vertentes.ufba.br](http://www.vertentes.ufba.br).

MACEDO, Alzira Verthein Tavares. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 59-66.

MARTINET, André. *A Lingüística Sincrônica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

MILROY, James. Children can't speak or write properly and more. In: BAUER, L; TRUDGILL, P. (orgs.). *Language Myths*. Harmondsworth, Penguin, 1998. apud BAGNO, Marcos. A norma oculta: Língua e Poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília. *Fundamentação teórica: conceituação e delimitação*. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. Cap. 1, p. 9-14.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Princípios de sociolinguística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

MOTA, Jacyra Andrade. *Sobre o traço palatalidade em Ribeirópolis (Sergipe)*. 1973. 196 f. Tese (Concurso para professor assistente). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 1973.

_____. A Variação Diafásica no Português do Brasil. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da ABRALIN. Fortaleza, 2001. Texto digitado.

- _____. Constituição do *Corpus* do Projeto ALiB: procedimentos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra (orgs.). *Documentos I*. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: ILUFBA; EDUFBA, 2004.
- _____. A pluridimensionalidade no Atlas Lingüístico do Brasil. In: XXVI Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas. Valência, Espanha, 2011. No prelo.
- MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, Dermeval da (org.). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p.131-140
- NARO, Anthony Julius. *O dinamismo da língua*. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. Cap. 5, p. 43-50.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Marta. O conceito de transmissão lingüística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português Brasileiro*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.
- NASCENTES, Antenor. *Etudes dialectologiques du Brésil*. *ORBIS- Bulletin International de Documentation Linguistique*, Louvain, t.2, n.2, p.438-444, 1953a.
- _____. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953b.
- _____. Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, vol.1, 1958. vol.2, 1961.
- OLIVEIRA, Dercir Pedro de (org.). *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- OMENA, Nelize Pires. A referência à primeira pessoa do plural: Variação ou Mudança? In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). *Mudança Lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 159-174.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.
- PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- PEREIRA, Maria das Neves. *Atlas Geolingüístico do Litoral Potiguar*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

- RAZKY, Abdelhak (org.). *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará*. Belém: UFPA/ CAPES/UTM, 2004. CDRoom
- RAZKY, Abdelhaky; LIMA, Alcides; OLIVEIRA, Marilúcia. Atlas Lingüísticos: Contribuição para o Ensino Básico. In: Cardoso, Suzana; Mota, Jacyra (orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 109-126.
- RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário; PASSINI, JOSÉ; GAIA, Antônio. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.
- RONCARATI, Cláudia. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). *Mudança Lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 139-158.
- ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB). Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.
- SANTOS, Andréa Mafra Oliveira dos; MOTA, Jacyra Andrade (Orientadora). A variação diastrática no português do Brasil: palatalização das oclusivas dento-alveolares em inquéritos do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. In: XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, 2008, Montevideú. XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, ALFAL, 2008. Ed. em CD.
- SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística – teoria y análisis*. Madrid: Alhambra, 1988.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3.a ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília; Instituto Nacional do Livro, 1979. p.624
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2007.
- THUN, Harald. *La géographie linguistique romane à La fin du XX siècle*. In: XXIIe. Congres International de Linguistique et de Philologie Romanes, 1998, Bruxelles, *Actes...v. III*, Tübingen: Max Niemeyer, 2000. p. 367-388.
- VASCONCELLOS, José Leite de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1901.
- VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZÁGARI, M. R. L. Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: Vanderci de Andrade Aguilera. (org.). *A Geolingüística no Brasil - trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. 1 ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005.